VITÓRIA

UMA CIDADE MELHOR
PARA TODOS **2005/2012**

PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA (PMV)

GOVERNO MUNICIPAL – 2012

Prefeito:
João Carlos Coser

Vice-Prefeito:
Tião Barbosa

Secretária Municipal de Administração:
Adriana Cremasco

Secretária Municipal de Assistência Social:
Ana Maria Petronetto Serpa

Secretário Municipal de Cidadania e Direitos Humanos:
João José Barbosa Sana

Secretária Municipal de Comunicação:
Elizabeth Kfuri

Secretária da Controladoria-Geral do Município:
Lísia Pimenta Mendes

Secretária Municipal de Coordenação Política:
Jane Costa

Secretário Municipal de Cultura:
Alcione Alvarenga Pinheiro

Secretário Municipal de Desenvolvimento da Cidade:
Kleber Frizzera

Secretário Municipal de Educação:
Vania Carvalho de Araújo

Secretário Municipal de Esportes e Lazer:
Fábio Luiz Freitas Vasco

Secretário Municipal de Fazenda:
Anckimar Pratissolli

Secretário Municipal de Gestão Estratégica:
Marinely Santos Magalhães

Secretária Municipal de Habitação:
Lucia Helena Vilarinho Ramos

Secretária Municipal de Meio Ambiente:
Sueli Passoni Tonini

Secretário Municipal de Obras:
Paulo Maurício Ferrari

Procurador-Geral do Município:
Alexandre Zamprogno

Secretário Municipal de Saúde:
Luiz Carlos Reblin

Secretário Municipal de Segurança Urbana:
Alcemir Pantaleão Sobrinho

Secretário Municipal de Serviços:
Romário de Castro

Secretário Municipal de Trabalho e Geração de Renda:
Paulo Alfonso Menegueli

Secretário Municipal de Transportes, Trânsito e Infraestrutura Urbana:
Domingos Sávio Gava

Secretário Municipal de Turismo:
Antônio Olimpio Bispo

© Prefeitura Municipal de Vitória

Realização:
Secretaria Municipal de Comunicação Social (Secom)

Concepção e texto final:

Reportagens:

Revisão:

Projeto gráfico:
Danza Estratégia e Comunicação

Catalogação na fonte
Bibliteca Pública do Espírito Santo

M379n Assunção, Paulinho.
Oito anos de Prefeitura de Vitória 2005–2012 / Paulinho Assunção. - Vitória: Prefeitura Municipal de Vitória, 2012.
200p.: Il. 25cm x 30cm

1. Administração pública - Prefeitura Municipal de Vitória. 2. História - Cidade de Vitória. 3. Prestação de Contas - Prefeitura Municipal de Vitória. 4. Jornalismo - Relatos poéticos.

Índice

Apresentação, por João Coser _05

Lições de Amar Vitória _16

Cap. 1 A Sabedoria de Fazer Com as Mãos _18

Cap. 2 Meio Ambiente e Vida Mais Saudável _32

Cap. 3 Laços comunitários, economia solidária _48

Cap. 4 Inclusão produtiva contra a desigualdade _68

Cap. 5 Altas velocidades para o bem comum _80

Cap. 6 Escola: onde cabem todos os sonhos _90

Cap. 7 A terra, a cidade, as pessoas _102

Cap. 8 Em louvor à saúde, como deve ser _120

Cap. 9 Mãos estendidas para a vida comunitária _132

Cap. 10 Vida e saúde do servidor _146

Cap. 11 Morar no coração de Vitória _156

Cap. 12 Vitória de todos os esportes _162

Cap. 13 Vitória da cultura e das artes _178

Cap. 14 Olhares de afeto sobre a cidade _192

Cap. 15 Indicadores, premiações e reconhecimentos _210

Apresentação

São nossos sonhos e expectativas que nos impulsionam no caminho de nossas realizações. Ao me candidatar ao cargo de Prefeito, ainda em 2004, queria ter a oportunidade de atuar diretamente na construção de uma cidade mais justa, igual e solidária. Munido deste sonho, identifiquei junto aos moradores da cidade, já na campanha, a percepção de que Vitória estava dividida em duas: uma com infraestrutura, rica e bem cuidada e outra que demandava, ainda, uma série de serviços essenciais.

E a partir desse encontro de ideais consegui verdadeiramente conversar com a população. Dialogando com os cidadãos, percebemos que aqueles que viviam na cidade bem cuidada sabiam que melhorar a vida do mais humilde era importante para construir um ambiente melhor para todos. Tomados por esse sentimento, tivemos um envolvimento da sociedade impressionante, a ponto de iniciarmos uma caminhada com 200 pessoas e em pouco tempo termos 2.500 participantes. Naturalmente, esse sonho, que fazia parte do debate que promovemos sobre o futuro, gerou uma grande expectativa nas pessoas. Todos queriam que essa diferença, entre as duas Vitórias, fosse reduzida.

Participavam conosco os movimentos sociais, as lideranças populares e o Conselho Popular de Vitória. Existia entre eles ainda uma grande ansiedade para a retomada do Orçamento Participativo. Tínhamos, então, no período de campanha, a tônica dos compromissos que seriam assumidos no início do mandato: o trabalho pela redução das desigualdades e a volta do debate popular do orçamento. Estes princípios nortearam o projeto de se construir uma cidade mais moderna, com investimentos em projetos estruturantes, dentre eles um siste-

ma mais eficiente de transporte de massa, o metrô de superfície, que se tornou um importante ponto de debate no período.

Logo no primeiro ano de mandato, realizamos um amplo debate com os cidadãos de Vitória. Organizamos reuniões por todos os bairros e também o Congresso da Cidade. Definimos o primeiro Orçamento Participativo, com as prioridades em investimentos para a cidade, contando com a participação de quase mil delegados. O futuro de Vitória foi também debatido com os mais diversos setores da nossa sociedade, o que nos ajudou ainda na elaboração do nosso Plano Plurianual (PPA) 2006/2009. Foi desse intenso processo de debate que nasceram todas as ações que pautaram o governo nos dois mandatos. Obras de macrodrenagem e de saneamento, ampliação da avenida Fernando Ferrari, o projeto Orla, o novo Tancredão. Tudo o que fizemos se consolidou nessas discussões. Nossas ações foram debatidas e tiveram o aval e a aprovação da cidade. Trabalhamos estes oito anos para concretizar os sonhos e atender às expectativas dos moradores de Vitória.

Seguindo esta premissa, também tivemos uma pesquisa de demandas na cidade que identificou como prioridade para o cidadão o desenvolvimento de ações de qualificação e formação profissional. A pesquisa identificou que 42% apontavam a importância de direcionar investimentos na formação e qualificação das pessoas. Esse sentimento popular nos avalizou para que adquiríssemos a antiga Fábrica de Juta e pensássemos um projeto para construção de um centro de qualificação e formação de mão de obra e que organizasse, em um mesmo espaço, a oferta de políticas públicas de emprego e renda, como o encaminhamento ao mercado, a qualificação, o crédito etc. E fizemos, durante todos esses anos, independentemente da obra, parcerias com o Senai, Senac e os órgãos de formação de pessoas para que elas se apropriassem do bom momento econômico.

Para atuar em sintonia com os anseios da cidade, um outro importante desafio precisava ser enfrentado: o debate sobre o modelo de gestão que adotaríamos. Identificamos inúmeras deficiências, limites e estrangulamentos na gestão pública. Naquele momento era comum ouvir que a máquina pública funcionava no piloto automático, mas não foi isto que encontramos. A Secretaria Municipal de Fazenda era a melhor estruturada, mas tínhamos atrasos tecnológicos impressionantes, apesar da boa organização da pasta. Enquanto que outras secretarias tinham ainda muitas deficiências. Era latente a necessidade de uma série de iniciativas, para reorganizar a gestão da cidade e nisto trabalhamos desde o início.

Deparamo-nos também com a ansiedade e o desejo do servidor em ter um tratamento diferente do que vinha recebendo. Relatavam a ausência de diálogo, tanto sobre questões salariais, de condições de trabalho, como também de debate das propostas técnicas implementadas. Os servidores não obtiveram reajustes salariais, sequer de recomposição de perdas inflacionárias. Plano de cargos e salários, quando existia, não estava sendo cumprido. Assumimos e pagamos, não somente o que era devido aos servidores, como também fizemos o plano de cargos e salários do quadro geral, dos servidores da Saúde e da Guarda Municipal e revisamos o do Magistério. Estabelecemos o debate permanente com os servidores e constituímos uma mesa de negociação, com a participação de todas as entidades representativas dos servidores.

Tenho por todos os servidores de Vitória um sentimento de imensa gratidão. Com o trabalho e dedicação de cada um deles, Vitória evoluiu, tanto na quantidade de serviços ofertados como em sua qualidade, recebendo importantes destaques em índices nacionais, que tanto nos orgulham. Vitória foi considerada pelo Ministério da Saúde a primeira capital em atendimento à saúde, por meio do Índice de Desenvolvimento do SUS (IDSUS); a segunda em excelência em gestão fiscal, segundo o índice Firjan; primeira em qualidade de vida em pesquisa direta junto à população feita pela Associação Pro Teste; e campeã em estudo de qualidade de vida feito pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), só para citar alguns.

Para dar corpo às nossas realizações, era preciso também constituir uma ampla base de apoio na sociedade. Contamos com a parceria da sociedade civil organizada. As igrejas, independentemente de denominações religiosas, os movimentos populares, as organizações setoriais, todos participaram da formulação e execução de políticas sociais.

Quando assumi o governo, encontramos 23 pontos de atendimento na área de assistência social. Chegamos ao final da gestão com 59 equipamentos atendendo idosos, jovens, crianças e adolescentes, população de rua, mulheres, vítimas de violência, pessoa com deficiência e tantos outros que precisam do serviço público para garantir direitos e dignidade. O movimento popular, por meio do Orçamento Participativo, nas reivindicações e propostas apresentadas, foi fundamental na gestão. O setor empresarial também contribuiu na formulação de programas de governo, debatendo sobre investimentos em Vitória para o setor de Turismo, formação de mão de obra, debate sobre tributos e sobre cultura. Da mesma forma a Câmara Municipal: os vereadores cobraram, exigiram, corrigiram e divergiram. Mas em nenhum momento faltou parceria, solidariedade, determinação de analisar e aprovar os orçamentos anuais, os projetos de lei. Não poderia deixar de registrar essa parceria. A Câmara sempre aprovou a Lei do Orçamento, preservando o debate feito pelas comunidades. Isto é uma forte demonstração de respeito ao processo democrático.

É importante destacar que assumi num cenário político muito favorável. O País estava sob a liderança do presidente Luis Inácio Lula da Silva. Conhecia muitos ministros, pessoas com as quais fiz amizade em outro momento de atuação par-

tidária e quando Deputado Federal. A interlocução do Governo Federal com estados e municípios foi pautada por princípios republicanos e democráticos. Também, no final do governo Paulo Hartung, construímos importantes parcerias e Vitória recebeu repasses de R$ 35 milhões em recursos para investimentos. Estes recursos foram significativos num momento em que os municípios sofriam os impactos da crise econômica mundial em 2009. A relação de parceria se manteve com o governador Renato Casagrande, e novos repasses financeiros, da ordem de R$ 30 milhões, se efetivaram para a cidade.

O presidente Lula apoiou importantes investimentos nos municípios e o Governo do Estado foi um parceiro que também devemos destacar. Parte significativa dos investimentos, principalmente os de grande porte e de caráter estruturante, foi resultado desta articulação. O total de recursos captados na gestão foi superior a R$ 500 milhões, o que nos permitiu realizar grandes investimentos.

O programa de obras para a cidade foi audacioso, principalmente a partir do nosso segundo ano de mandato. Isto foi possível, pois estruturamos um setor de captação de recursos, a área de projetos - inclusive com servidores efetivos - e fortalecemos a área de gestão. Tudo isso se distanciava da forma em que encontramos a cidade, pois recebemos o município com poucos projetos em andamento. Vitória parecia estar parada.

No segundo ano de mandato, com um cenário muito positivo e recursos em caixa, iniciamos nosso programa de obras. Tínhamos pela frente realmente importantes metas e desafios: realizar todo o projeto orla com seis obras: Camburi, Maria Ortiz, Nova Palestina, Praça do Papa, Tancredão, São Pedro; as intervenções de macrodrenagem e saneamento e começamos com obras em: Bairro República, Morada de Camburi, Mata da Praia, Jardim Camburi, Maruípe, Região de Santo Antônio, a Estação de Bombeamento da Cândido Portinari. Somente para viabilizar a ampliação da avenida Fernando Ferrari a prefeitura gastou mais de R$ 120 milhões entre desapropriações, além de realizar repasse de R$ 28 milhões para o Governo de o Estado executar a nova Ponte da Passagem.

O programa de obras implementado era realmente grandioso em especial quando confrontado com a situação de crise que teve início em 2009, que nos obrigou a desacelerar o ritmo para garantir o equilíbrio das finanças do Município. Vitória deixou de arrecadar cerca de R$ 130 milhões em dois anos consecutivos. Reprogramamos cronogramas de obras e adiamos o início de outras, mas reafirmamos durante todo o período que as obras pactuadas com a sociedade, dada a importância de cada uma delas para a qualidade de vida da população, não seriam paralisadas ou descartadas. A população não merecia o sacrifício de esperar ainda mais pelas intervenções, como obras de macrodrenagem, saneamento, melhoria e ampliação da rede física da educação e saúde, dentre outras.

Quero destacar o empenho para não paralisarmos o Programa Terra Mais Igual, que tem o objetivo de intervir diretamente na qualidade de vida das pessoas na periferia e áreas de morro de nossa cidade. Reformulamos o Projeto Terra e passamos a denominá-lo de Terra Mais Igual, pois a proposta era de ouvir mais a população, de trabalharmos de forma mais determinada nas questões sócio-ambientais das poligonais. Tudo para que nestes territórios a mudança não seja unicamente no espaço urbano, mas que o Programa consiga contribuir para a construção da autonomia das famílias diretamente beneficiadas, bem como com a mudança de relação com espaço público e com as questões ambientais.

Juntamente com outros projetos, o Terra Mais Igual nos auxiliou a melhorar as condições de vida daqueles que mais precisam, principal objetivo que me levou a ser prefeito de Vitória. Contudo, o Terra Mais Igual é um exemplo de projeto que demanda tempo, uma contrapartida grande do município nas intervenções em curso, que se realizam em etapas. São obras de melhoria de moradias, reassentamento de famílias, implantação de redes de saneamento, água, drenagem, construção de encostas, novas vias, obras para recuperar escadarias, tornando-as acessíveis. Enfim, um conjunto de intervenções e de desafios que se renovam.

O trabalho visando garantir moradia digna à população de baixa renda foi, em particular, uma ação que acompanhei de perto e com grande carinho. Construímos mais de 600 unidades habitacionais na minha gestão, reconstruímos outras 271 em 19 bairros da cidade. Nesta modalidade de reconstrução fomos substituindo casas de material inadequado e em condições insalubres por outras de alvenaria. Este trabalho é algo único e de um grande valor social. A entrega das chaves de uma nova casa para um cidadão que, mesmo trabalhando a vida inteira e ajudando a construir o País, não teria condições de garantir essa dignidade para si e sua família, representa para mim um momento de conquista, que humaniza as relações no campo da atuação política, no qual predomina, muitas vezes, os conflitos e divergências.

Mas também houve os momentos difíceis. A atuação no serviço público é marcada por especificidades e é preciso observar um conjunto de normas, o trâmite a ser seguido. Por isso o prazo de tramitação pode se estender, fazendo com que metas sejam adiadas e os resultados esperados, os serviços a serem ofertados, não se concretizem conforme previsto. O Executivo é cobrado diretamente por situações como essa, porém não tem a autonomia que se imagina.

Um outro importante desafio na gestão foi o de assegurar, em tempo hábil, terrenos públicos para a construção de diversos equipamentos, como escolas, unidades de saúde, praças etc. Vitória é uma ilha de um pouco mais de 90 km2 e não dispunha de áreas públicas reservadas para construção de novos equipamentos. Tínhamos então um programa de obras audacioso e era necessário

realizar inúmeras desapropriações, como uma das condições para realizar parte significativa deste programa. Foram iniciados 1207 processos de desapropriações no meu mandato, com 913 concluídos. Destes, dois foram questionadas na Justiça, ainda que tenhamos procurado sempre nos pautar pelo interesse público. Foram muitos ataques da mídia buscando a desqualificação da Gestão. O chefe do Executivo é muito pressionado e não é o prefeito quem estabelece uma planilha de obra ou faz avaliação de imóveis para desapropriação, que faz aquisição de equipamentos etc. Mas ele é exposto e responsabilizado por tudo isso, sempre que se identifica algum problema. Diria que esta é a parte mais angustiante e desafiadora para o gestor. Mas, de um modo geral, é uma honra muito grande. Chefiar uma cidade é algo que dá muitas satisfações e alegrias, em especial Vitória. E só tenho que agradecer a Deus e as pessoas que confiaram em mim nesses dois mandatos.

Faria tudo de novo e com a mesma motivação, prazer e determinação. Dediquei oito anos especiais da minha vida à função de prefeito e o fiz buscando o melhor para a cidade. Por isto, tenho certeza de que vou entregar uma Vitória muito melhor, muito mais humana, fraterna e mais justa do que encontrei. Uma cidade com infraestrutura, planejamento e possuidora de melhores perspectivas de futuro.

Tivemos avanços significativos, por exemplo, no setor de saúde, que está todo informatizado, do agendamento aos resultados de exames. As informações são integradas entre todas as unidades do sistema de saúde. Este processo agiliza e qualifica o atendimento ao cidadão. O nosso modelo de saúde é considerado o melhor dentre as capitais brasileiras. Também está em conclusão a implantação do sistema de gestão escolar em todas as unidades de ensino fundamental e a próxima etapa será nos centros de educação infantil. Implantamos a nota fiscal eletrônica, o serviço 156 de atendimento ao cidadão, o sistema de videomonitoramento, entre tantos outros. Todas estas iniciativas só foram possíveis com a instalação da rede Metrovix, que interliga órgãos públicos e centros de ensino e pesquisa. Constituída por cabos de fibra óptica, a rede proporciona alto desempenho na troca de informações, possui alta velocidade e tem 140 km de extensão. Com tudo isto, Vitória é uma cidade muito mais moderna, muito mais preparada para o futuro e naturalmente com uma qualidade de vida melhor.

Nossa atuação no governo buscou dar poder e criar oportunidades para as pessoas. Digo isso não só no sentido da participação popular, na organização de fóruns coletivos para debater e decidir sobre a cidade. Mas também implementando programas e ações com o objetivo de melhorar a renda das pessoas, garantir o acesso ao crédito ao pequeno empreendedor e outras intervenções diretas em determinados territórios que contribuíram para a requalificação de áreas importantes da cidade. Quando reurbanizamos a orla de Camburi, cada imóvel de Jardim da Penha e Mata da Praia foi valorizado. Mas, da mesma forma, o Centro Esportivo Tancredão construído em Mario Cypreste contribuiu para valorizar aquela região que estava esquecida, degradada e empobrecida. Após o debate popular do orçamento, que priorizou a reforma do Tancredão, fizemos opção de elaborar um projeto que pudesse contribuir para reposicionar aquela região. O novo espaço, além de oferecer estrutura adequada para a prática de inúmeros esportes, também tem sido palco de competições nacionais e internacionais, e eventos culturais. Foi um investimento de cerca de R$ 40 milhões. Recursos bem aplicados, uma vez que proporcionaram àquela região da cidade um tipo de intervenção que historicamente somente ocorria na região mais nobre de Vitória.

Este objetivo, de proporcionarmos mais qualidade de vida em todas as regiões, é que orientou a implantação das primeiras Academias Populares e as Academias Populares para a Pessoa Idosa, o Projeto Orla, dentre outros. Hoje há orlas urbanizadas em Maria Ortiz, Nova Palestina, São Pedro e Santo Antônio. A Praça do Papa, que era uma área abandonada, hoje é uma praça de eventos belíssima. Toda intervenção urbanística, de infraestrutura e no sistema viário que fizemos não está descontextualizada: teve como foco o cidadão que utiliza esses equipamentos, que se desloca na cidade e precisa de tempo para conviver com suas famílias, na igreja, na comunidade ou apenas descansar.

Aprendizado

Destaco que foram oito anos de muito aprendizado. Às vezes pensamos que é possível solucionar todos os problemas da cidade, o que é uma ilusão. É importante ter uma boa equipe de trabalho para conduzir o cotidiano, programas e projetos. O secretário, em sua área de atuação, tem que ser melhor do que o prefeito que, por sua vez, deve ter compreensão do todo. Tivemos, nos dois processos eleitorais, o apoio de um conjunto significativo de legendas partidárias. Foram sete no primeiro mandato, com a presença do vice Sebastião Balarini, do PSB, e 15 no segundo mandato, com o vice Tião Barbosa (PMDB). Sou muito agradecido. Sei que somente cheguei ao cargo, com expressiva votação que obtive por duas vezes, devido à solidariedade dos meus dois vices e do apoio dos partidos que contribuíram com o meu projeto de administrar a cidade de Vitória.

Entre as muitas lições aprendidas, há uma fundamental: a importância de ter uma equipe qualificada para a elaboração de projetos em diferentes áreas, como, saneamento, drenagem, contenção de encostas, mobilidade, urbanização de áreas. Pois os recursos federais têm sido direcionados para os melhores, mais importantes e bem elaborados projetos municipais. Outra lição foi a de não que-

rer fazer tudo ao mesmo tempo. É preciso traçar objetivos e prioridades, sempre com foco na melhoria de atendimento e garantia do serviço a ser prestado ao cidadão. Atenção total na gestão fiscal, no equilíbrio das contas públicas. E nisso tivemos destaque por sermos a segunda capital brasileira em excelência nesse quesito, conforme pesquisa do Instituto Firjan.

Construir parcerias é outra importante estratégia. Junto com o Governo do Estado implantamos o Programa Águas Limpas. A despoluição e a limpeza das praias faziam parte dos compromissos de campanha. É lamentável uma cidade que é ilha não ter as praias em condições de balneabilidade. Vitória só tinha 46% do esgoto canalizado e nem todo ele era tratado. Consegui sensibilizar tanto o governo Federal como o governo do Estado e empreendemos esta importante intervenção que fez de Vitória a primeira capital do Brasil com capacidade de coletar e tratar todo o seu esgoto. Isso, do ponto de vista ambiental, da saúde pública e de qualidade de vida da cidade, se constitui em um importante avanço, dando distinção à nossa cidade.

Para assegurar este objetivo, tivemos que abrir vias em quase toda a cidade, o que provocou um desgaste, e muitos transtornos do ponto de vista do trânsito, com a ampliação da demora nos deslocamentos na cidade. Agradeço à população por ter enfrentado esse desafio. Agora, estamos deixando a cidade com suas vias sendo recapeadas e muito mais qualificada em saúde pública, meio ambiente e qualidade de vida. Isso eu vou levar como um mérito da minha vida.

Buscando concretizar outro compromisso de campanha, trabalhei em defesa do metrô de superfície. Contratamos um estudo sobre mobilidade urbana, promovemos debate, pesquisas, visitamos outras cidades, inclusive fora do Brasil, para conhecer sistemas de transporte de alta capacidade, mais eficientes e sustentáveis. Mas não obtivemos êxito no debate com o governador da época, que fez opção pela implantação do corredor exclusivo para ônibus, o chamado BRT, que foi escolhido como uma alternativa mais barata, mas a meu ver não é a mais moderna, nem eficaz. No entanto, compreendemos a avaliação do governo e, mesmo não concordando, estamos colaborando, como capital do Estado e principal cidade da região metropolitana, para concretizar este projeto. O compromisso de defender o metrô de superfície foi cumprido por mim.

Desafios

Há dois outros projetos em andamento e que serão encaminhados para a próxima gestão. São projetos cuja maturação exige tempo. O Centro de Eventos e Convenções na região do Aeroporto de Vitória, cuja área de 100 mil m² foi cedida ainda no governo do presidente Lula, teve projeto entregue ao governador Renato Casagrande, que vai contratar a obra. O Centro de Eventos é muito importante para a cidade, pois poderá ampliar o turismo de negócios. O outro projeto é o do Parque Tecnológico. Ambos estão sendo elaborados com aporte de recursos federais e também avançando com um convênio com o governo do Estado. Foi estruturado um sistema de governança com participação de diferentes atores com interesse nesta iniciativa. A área está identificada e parte liberada. Nós desenvolvemos o projeto do porto de águas profundas e temos a convicção que de Praia Mole é o local ideal para abrigar esse investimento. Concluir a ampliação do Aeroporto é fundamental. Tudo isso me parece desafios possíveis e que vão deixar a cidade ainda mais preparada para o futuro.

É importante destacar outras iniciativas que são fundamentais para a melhoria da mobilidade na cidade. Dentre elas, o projeto de cobertura da avenida Leitão da Silva, que já está pronto e foi entregue ao governador; a ampliação da Rodovia Serafim Derenzi, com uma ponte permitindo um novo acesso à Cariacica e retirando parte do fluxo de carros do Centro da cidade; e o Portal Sul, que consiste na ampliação e melhoria de todo acesso sul da cidade de Vitória. Nós fizemos o acesso Norte com a ampliação das pontes de Camburi e da Passagem, e da avenida Fernando Ferrari.

Visibilidade

Vitória teve grande visibilidade nacional por conta de seus índices e o trabalho realizado na gestão, com isso me tornei presidente da Frente Nacional de Prefeitos (FNP), uma entidade suprapartidária que reúne mais de 400 municípios com população acima de 70 mil habitantes. Como presidente, desempenho papel articulador dos municípios visando ao diálogo com o Congresso Nacional e poderes Executivos, estaduais e federal. Tivemos conquistas importantes, como o aumento de 1% no Fundo de Participação dos Municípios (FPM), que dá um valor significativo de receita para todos os municípios brasileiros. As cidades hoje são mais respeitadas como ente federativo. Temos no Governo Federal projetos dirigidos para os municípios, como o Programa de Aceleração do Crescimento dos municípios. Debatemos com o Governo Federal sobre a carreira do servidor público, o endividamento dos municípios, a questão da remuneração dos professores, todos os projetos que tramitam em Brasília. É um trabalho permanente que amplia a interlocução das cidades com o Governo Federal e lhes assegura condições melhores para fazer a gestão. É um trabalho permanente.

Da mesma forma, os desafios continuam para Vitória, para o próximo gestor. Ao passo em que se resolvem problemas históricos, outros se configuram, dada

às novas relações que se constroem e se estabelecem. As cidades são organismos complexos e como tais exigem debate e formulação constante de políticas públicas em diferentes áreas. Temos o desafio de lidar com a população de rua, que hoje tem um novo perfil, e de planejar ações de prevenção da violência e de promoção de segurança com cidadania. Então é fundamental ampliar o videomonitoramento, debater o papel da Guarda Municipal, articular com o Governo do Estado para dar continuidade e ampliar as políticas sociais com crianças, jovens, idosos, de forma que o cidadão possa se sentir protegido na sua comunidade. Tudo isso para enfrentar um mal social, que é o crack, que desafia não apenas Vitória, mas toda nossa região metropolitana e o País.

Cada prefeito tem sua marca. E eu fui aquele que teve coragem que outros não tiveram de fazer grandes intervenções na cidade, como macrodrenagem, esgotamento sanitário, mobilidade, urbanização das orlas e tantas outras. Também me vejo como o prefeito que mais cuidou da população carente. Que se preocupou com a criança, o jovem, o idoso, com a população que não tinha casa, com as famílias que não tinham vagas nas unidades de ensino infantil, com o acolhimento às vítima de violência. Meu trabalho foi de acolher e cuidar das pessoas, de garantir aos cidadãos seus direitos. Essas são, com certeza, as marcas de nossa administração.

Reitero uma frase que costumo dizer: que o morador de Vitória pode e deve se orgulhar de sua cidade. É um município belíssimo, que encanta seus visitantes, que é bem cuidado. Temos mais de 23 parques urbanos e naturais, 43% de áreas verdes, manguezal, uma população que cuida bem da sua cidade. Somos considerados hoje a melhor cidade em qualidade de vida. Nós podemos ser cada vez mais.

Mais uma vez, o meu imenso agradecimento pela confiança. Tenho certeza de que Vitória só tem a avançar em qualidade de vida e em desenvolvimento com inclusão social.

João Carlos Coser

Lições de Amar Vitória

CAP. 1

A Sabedoria de Fazer Com as Mãos

A Sabedoria de Fazer Com as Mãos

Era um jogo de sol e nuvens no céu de Vitória.

A manhã do penúltimo dia de julho estava assim: ora nublava, ora a luz adquiria consistência e firmeza, para então irradiar a claridade intensa, iluminadíssima, que tanto simboliza a capital capixaba. As altas temperaturas da semana anterior tinham por fim dado lugar ao vento, a um brando frio de inverno, e, naquele momento, poucos minutos passados das 8 horas, predominavam silêncio e calma na pequena rua de casas simples, antigas, do bairro de Goiabeiras.

Uma calmaria, porém, só aparente, é bom que se diga. Nada mais do que uma tranquilidade momentânea e episódica, pois o mais comum na rotina dessa via de ares interioranos e serenos é a sua repentina metamorfose em rua do mundo – poliglota, ruidosa, pródiga em sotaques, rica nas algaravias de visitantes e turistas. Com razão. Seu nome oficial é Rua das Paneleiras, mas a denominação que mais lhe faz justiça é ser uma rua guardiã da tradição e da memória ceramista capixaba.

Apenas a algumas centenas de metros do tráfego incessante, intermitente e contínuo, dia e noite, nas novas pistas da Avenida Fernando Ferrari, bem à beira do manguezal que circunda a região de Goiabeiras, a Rua das Paneleiras abriga saberes e história. Saberes para moldar e queimar o barro. Saberes transmitidos de século a século, de geração a geração, assim como uma semente passada de mãe para filha, de avó para neto, de tia para sobrinha.

Território feminino

Não sem motivo, ao se chegar ao número 55, endereço do novo galpão construído pela Prefeitura Municipal de Vitória mediante repasse de verbas do Ministério do Turismo, sabe-se que se está em território de trabalho predominantemente feminino. Território, por exemplo, de Berenicia Correia do Nascimento, de sua sobrinha Rejane Correia Loureiro ou de sua cunhada Josélia Rodrigues Dias. Território delas, sim, mas do mesmo modo que foi o território de suas mães, avós, tias, amigas e vizinhas, até que a genealogia dessa transmissão de saberes se perca pelas curvas do tempo.

É certo que os homens – pais, maridos, irmãos, filhos – igualmente produzem e cumprem tarefas essenciais no ofício de assegurar a tradição das panelas de barro do Espírito Santo, esse utensílio culinário imprescindível à feitura da moqueca e da torta, orgulho e emblema do estado.

Um bom exemplo da participação masculina na cadeia produtiva das panelas é o marido de Josélia, Ronaldo Alves Correia. Carinhosamente apelidado de

"João-de-Barro das Paneleiras", Ronaldo detém igualmente qualificativos como "melhor tirador de barro" ou "tirador de barro oficial", especialmente pelo grande volume de argila que ele extrai da jazida, assim como por sua experiência em identificar a melhor matéria-prima para a moldagem das panelas.

E, para Ronaldo e sua irmã Berenicia, que é a atual presidente da Associação das Paneleiras de Goiabeiras, outra presença masculina foi marcante nesse núcleo familiar dedicado com tamanha afeição e amor ao ofício. No caso, o pai, Eudóxio Alves Correia, ele que, enquanto retirava argila no Vale do Mulembá, bairro Joana D´Arc, sentiu-se mal, e, ali mesmo, subitamente, morreria, exatos nove meses depois do falecimento da esposa Donária Alvarenga Siqueira Nogueira, também paneleira.

Inteira dedicação

Na manhã do final de julho, do modo como rotineiramente faz em todas as manhãs, Berenicia acordou por volta das 4 da madrugada para preparar o café do marido Gesildo Nascimento, montador de divisórias. O endereço deles é a Rua Leopoldo Gomes Sales, ali mesmo em Goiabeiras, endereço e quintal que se confundem com a própria história do bairro, com a história de sua família e boa parte da tradição das panelas de barro no Espírito Santo.

Ali Berenicia nasceu há 55 anos. Dali, nos dias de sua infância e adolescência, ela saiu para ir à escola até completar a 7ª série do ensino fundamental. E é o mesmo lugar onde criou seu único filho, hoje com 29 anos, e onde agora tem a companhia do neto Lucas, de 8.

O café foi preparado. Daqui a pouco, às 6 horas, ela irá ao culto da igreja Maranata. Do templo, voltará para um pequeno descanso em casa, e, em seguida, todo o seu dia será dedicado ao Galpão das Paneleiras e à arte de moldar a argila do Vale do Mulembá, de queimá-la e produzir as peças que darão abrigo ao arroz, à moqueca, à torta, ao feijão. Será um dia cheio, de inteira dedicação, pois sua jornada de trabalho se estenderá até às 19 horas.

Orgulho de fazer

A rotina de Berenicia é o exemplo de uma mulher que, com o seu trabalho, dia após o outro, ajuda a construir a história da capital capixaba.

No galpão, nas proximidades de onde trabalha, e em 18 dos 32 boxes em funcionamento naquela manhã, outras paneleiras como ela moldam as suas peças. Capricham, alisam a argila, dão forma à artesania das panelas, prosseguem no exercício dos saberes herdados.

É uma rede de atividade elogiável, pois, no total, mais de 50 pessoas retiram dali o sustento ou a complementação do orçamento doméstico – rapazes que vão alisar as panelas; os que retiram o barro na jazida; os que amassam o barro já dentro do galpão ou aqueles que extraem o tanino da casca da árvore mangue-vermelho (Rhizophora mangle) para dar a cor escura às panelas. Todos, embora não associados, encontram no galpão a sua fonte de trabalho e renda.

Orgulho, satisfação e gratificação são as palavras que Berenicia usa com muito gosto para traduzir os 39 anos em que trabalha como paneleira. E diz que não troca por nada a sua atividade, cujo aprendizado passou de uns para os outros na família como se fosse um valioso troféu. A bisavó ensinou para a avó, a avó ensinou para mãe. E Berenicia aprendeu mesmo com Melchiadis Correia Rodrigues, a vigorosa tia que fez panelas até às vésperas de morrer, aos 82 anos, e foi a primeira presidente da associação, ainda quando não se praticava eleição para exercício do mandato.

Um largo sorriso ilumina o rosto de Berenicia, quando ela diz:

– Trabalhar como paneleira é meu tudo, depois do meu Jesus, é claro. É meu trabalho aqui, meu ganha-pão. É onde eu consigo dinheiro para ter as minhas coisas. E eu tenho lutado para não deixar acabar a produção da panela de barro, porque sei que se isso acabar muita gente vai sofrer. E será uma queda para nós e para o nosso estado. A panela de barro divulga o nosso estado do Espírito Santo. Todas as pessoas de dentro e fora do país que chegam ao Espírito Santo, vêm procurar a panela de barro para comprar. Por isso, acho que a panela de barro tem que ser mais valorizada. Os órgãos de governo, Prefeitura e Estado tem que valorizar mais o artista que trabalha, que produz a panela. Porque sem o artista não tem a panela.

Novo galpão

Quando, em dezembro de 2011, a Prefeitura inaugurou o novo galpão da Rua das Paneleiras, chegava a bom e esperado termo um longo período de reivindicações por parte das artesãs para que pudessem, enfim, contar com instalações mais modernas e confortáveis. Não apenas para a fabricação das panelas, mas, sobretudo, para a recepção aos clientes, entre os quais turistas nacionais e estrangeiros de passagem por Vitória. E a luta empreendida durante décadas e décadas mostrou-se ter valido a pena, como bem testemunham Berenicia, Rejane e Josélia.

A razão para tal contentamento é que, agora, no interior do novo galpão com os seus 32 boxes, com belíssima vista para o manguezal e para o campus da Uni-

versidade Federal do Espírito Santo (Ufes), está assegurada a memória desse ícone da cultura popular capixaba, que é a panela de barro.

Claro está que, como observam Berenicia, Rejane e Josélia, ajustes ainda precisam ser feitos na construção. Elas também reivindicam melhorias na sinalização de acesso para facilitar o fluxo e a atração de turistas e visitantes.

Mas, ajustes à parte, o novo endereço trouxe grandes alegrias para elas.

– Esse galpão aqui melhorou muito para nós o fluxo do turismo. Nós tínhamos um galpão muito acabado, muito antigo, feito na época de Hermes Laranja, que foi prefeito entre 1985-1989. Agora que nós temos um galpão bom, temos condição de receber turistas aqui. É muito bom, muito bonito, não nos envergonha trazer o turista aqui – comemora Berenicia.

E acrescenta:

– Os turistas chegam aqui e ficam encantados, principalmente aqueles que conheciam as instalações antigas.

A inauguração do novo local também emociona a cunhada Josélia:

– Essa nova instalação parece até mulher bonita, a gente vê assim, tá tudo bonitinho. Merece alguns ajustes, mas é claro que é melhor do que os outros. Fico feliz aqui, mas sempre tem o que melhorar.

De sua parte, a sobrinha Rejane rememora os longos anos de demanda e de mobilização das paneleiras para que pudessem contar com um local à altura do que representa a panela de barro na história e na cultura do Espírito Santo. E conclui:

– Isso aqui vem de longa data, foram muitos e muitos anos de luta.

A paixão do fazer

– Às vezes, eu olho para as panelas que faço, acho-as tão lindas que não dá vontade nem de vender.

Quem assim se expressa, sublinhando o imenso prazer que sente ao produzir as suas peças, é também Rejane, ela que trabalha como paneleira há 24 anos (hoje tem 39), que cursou o segundo grau do magistério, e, agora, é estudante do 4º período de pedagogia na Faculdade SerraVix, em Laranjeiras, na Serra.

– Para mim, ser paneleira, é você gostar do que faz, falar do que faz com orgulho e fazer bem-feito.

E a melhor demonstração desse entusiasmo pelo que faz e produz ocorreu há alguns anos. Rejane conta que no 1º período de faculdade foi à frente da turma em sua sala, e, lá, para todos os seus colegas, se identificou do seguinte modo: “Eu sou paneleira há mais de 24 anos, fiz magistério, mas optei por trabalhar com artesanato”.

E diz, sorrindo, ser comum aparecerem pessoas no galpão que ficam admiradas em vê-la moldando barro sem dispensar as unhas sempre pintadas e os brincos.

Rigorosa com o resultado do seu trabalho, Rejane prefere ela mesma realizar todas as etapas da produção:

– Eu não confio em largar as minhas panelas na mão de outra pessoa para serem queimadas. Eu não consigo. Se eu estiver com saúde, pois tenho sinusite alérgica, eu faço todo o processo de produção da panela. Porque não gosto de vender uma coisa para depois os clientes virem reclamar. Quanto melhor eu puder fazer, mais gratificante será vender.

E se envaidece com a renda que consegue gerar no galpão:

– Minha renda aqui é para mim e para o meu filho. Eu pago o inglês do meu filho mais novo ali na Ufes mesmo. E pago também a minha faculdade.

Vida comunitária

Na rua, no quarteirão, na comunidade, no bairro – a vida prossegue na cidade, com o vigor que sempre possui a vida. É quase final da manhã na Rua das Paneleiras. O céu de Vitória persiste em brincar com as nuvens, embora o sol, já perto do meio-dia, imponha claridade e radiância, esplendor de luzes até mesmo no dorso dos aviões que chegam sem parar ao aeroporto, em voos muito próximos do teto das casas.

A esta hora, é intenso o ir-e-vir de veículos nas faixas do trecho em obras da Avenida Fernando Ferrari, entre a Ufes e a Adalberto Simão Nader, trecho que atravessa Goiabeiras.

As obras de duplicação nesta que é uma das mais importantes vias de transporte da capital, feitas pelo Governo do Estado em parceria com a Prefeitura de Vitória, trazem otimismo para Josélia:

– A nova Fernando Ferrari, que não está pronta ainda, vai ser bem legal para nós. E durante esses oito anos, melhorou a limpeza do bairro. Antes não passava caminhão todos os dias, agora passa.

E o sentido da vida comunitária, um traço tão característico do modo de ser capixaba, também ali está presente. Todos os filhos de Josélia, por exemplo, estudaram a poucos quarteirões de sua casa, no CMEI Jacyntha Ferreira Souza Simões, estabelecimento que recentemente passou para espaço maior, com quadra de esportes ao lado. E, filhos crescidos, a vez agora de frequentar o CMEI é do netinho Davi, que só tem elogios para a merenda da escola, enquanto Josélia elogia os professores, pelo cuidado dedicado à criança.

De sua parte, também estudante na região, o filho de Rejane, Fábio, de 13 anos, frequenta as aulas na Escola de Ensino Fundamental Experimental da Ufes, que, embora funcione dentro do campus em espaço alugado, pertence ao sistema de ensino do município.

– É um dos melhores colégios daqui. Antes era difícil conseguir vaga lá, porque era por sorteio, mas agora é obrigatória uma porcentagem de vagas para o pessoal aqui do bairro – diz Rejane.

Para que a tradição não morra

Na sequência dos elogios que faz à rua agora bem-iluminada, à pontualidade do caminhão de lixo, à rede de esgoto, ao asfalto novo e ao apoio recebido da Prefeitura para o galpão, Berenicia manifesta agrega um temor: de que um dia morra a tradição das panelas de barro. Um temor, aliás, mais do que justificado, como ela diz:

– Nossos filhos e netos não querem fazer panela de barro, trabalhar aqui no galpão. Querem trabalhar com outras coisas. Então, isso nos preocupa bastante. O governo tem que ficar atento a isso. Daqui a pouco não vai ter mais ninguém para fazer a panela de barro. E essa cultura não pode morrer.

Há anos, porém, está no horizonte das preocupações das paneleiras manter acesa a chama dessa parte da memória cultural capixaba. Por exemplo, quando o galpão abriu as portas para que fossem oferecidas oficinas a alunos de ensino fundamental e médio, ou quando recebeu apoio para a mesma finalidade da Fundação Cultural Palmares, do Distrito Federal, entidade vinculada ao Ministério da Cultura (MinC).

Por dentro da história

A criatividade popular preservada

Berenicia, Josélia, Rejane. Por suas mãos, um dos grandes símbolos da tradição cultural capixaba e um dos mais cobiçados atrativos turísticos do Espírito Santo mantém-se vivo como exemplo vigoroso da criatividade popular. Dia após dia, no novo Galpão das Paneleiras de Goiabeiras construído pela Prefeitura Municipal de Vitória, elas e suas companheiras de associação contribuem para que panela de barro seja preservada como geradora de trabalho e renda, e, fiéis ao percurso desse aprendizado que passa de geração a geração, igualmente transmitem o ofício entre os mais jovens.

Contudo, junto ao fato de simbolizar uma tradição secular na cultura do estado, a arte ceramista de produzir as panelas de barro tem amplo significado social: além de assegurar trabalho e renda e de ser um dos ícones turísticos capixabas, representa também empreendedorismo, associativismo e estreito vínculo com a preservação ambiental. Neste caso, tendo o mangue como fonte para a retirada do tanino, responsável por dar a característica cor escura às panelas do Espírito Santo.

Entre outras ações executadas para o desenvolvimento do turismo, para o apoio ao protagonismo dos cidadãos e a valorização da cultura popular, a Prefeitura Municipal de Vitória

- Criou, em 2010, a Secretaria Municipal de Turismo (Semtur).
- Restaurou a Casa do Folclore Hermógenes Lima Fonseca, cedendo o prédio à Comissão Espírito-Santense de Folclore (Cesf).
- Implantou o Projeto Visitar, como parte da política de revitalização do Centro histórico de Vitória, e cujo roteiro turístico abrange sete monumentos revitalizados. Desde 2006, o projeto, desenvolvido pela Semtur em parceria com o Instituto Goia, já atraiu mais de 200 mil visitas a monumentos como as igrejas Nossa Senhora do Rosário e de São Gonçalo, os conventos do Carmo e São Francisco, o Theatro Carlos Gomes, a Catedral Metropolitana e a Capela de Santa Luzia. O Projeto Visitar ganhou prêmios de melhor Roteiro Turístico do Estado e Caso de Sucesso do Programa de Regionalização do Turismo do Espírito Santo.
- Lançou o Observatório do Turismo, primeira publicação da área no município e que agrega informações, dados estatísticos, gráficos e indicações econômicas, entre outras questões fundamentais ao planejamento turístico de Vitória.
- Implantou nova sinalização turística em Vitória, padronizando as indicações de avenidas e ruas, praças, monumentos e serviços, em conformidade com as normas técnicas.
- Implantou a sinalização interpretativa nos monumentos históricos da capital.

- Implantou o Receptivo Turístico de cruzeiros marítimos no armazém 5 da Companhia de Docas do Espírito Santo (Codesa). Entre 2005 e 2011, foram recebidas 93 escalas de navios e 140.526 passageiros.
- Recebeu o Prêmio Melhor Prática em Serviços e Equipamentos Turísticos do Ministério do Turismo. A premiação é um reconhecimento nacional pela capacitação dada a profissionais do setor, como taxistas, gerentes e recepcionistas de hotéis que participaram do curso “Excelência na Receptividade ao Turista”, promovido pela administração municipal.
- Criou e fortaleceu o Projeto Iniciação Escolar para o Turismo, dedicado a alunos de 4ª e 5ª séries de 26 Escolas Municipais de Ensino Fundamental (EMEFs).
- Adquiriu um veículo para o Posto Móvel de Informações Turísticas de Vitória (PIT Móvel). Por meio do PIT Móvel, moradores, turistas e visitantes têm acesso a mapas, guias, fôlderes, folhetos e dicas sobre equipamentos e atrativos turísticos, culturais, históricos e naturais da capital capixaba.
- Ações, enfim, que possibilitaram à cidade de Vitória ser contemplada com o melhor Índice de Competitividade do Turismo Nacional entre as 27 capitais do País na categoria Aspectos Ambientais, durante o 7º Festival de Turismo das Cataratas do Iguaçu (FIT), em Foz do Iguaçu, no Paraná, em 2012.

CAP. 2

Meio Ambiente e Vida Mais Saudável

Meio Ambiente e Vida Mais Saudável

Se for mesmo certo que os bairros possuem os seus anjos da guarda – esses cidadãos e cidadãs que dedicam as suas vidas no fazer incansável pelo bem comum da vizinhança e da comunidade –, com certeza dona Vera Nancy Borges é uma das guardiãs de Jardim da Penha.

Em resumo, seu exemplo de cidadã, em tudo elogiável, se soma às ações da Prefeitura por uma Vitória Sustentável. Nome, aliás, do programa lançado pelo município em maio de 2011, seguindo as diretrizes da Agenda Ambiental na Administração Pública (A3P), iniciativa do Ministério do Meio Ambiente com o objetivo de promover a internalização dos princípios de sustentabilidade socioambiental nas organizações públicas. Em setembro de 2012, por sinal, Vitória foi distinguida pela A3P como administração brasileira que possui ótima gestão de resíduos sólidos.

Nascida no Dia da Árvore

Moradora há 32 anos da Rua Maria Eleonora Pereira, dona Vera é funcionária pública estadual aposentada e seu coração tem o doce desígnio de guardar dentro dele a vida do bairro.

Vitória parece ter reservado para esta tarde de segunda-feira o melhor do seu clima. Venta, mas sem incomodar. E há poucas nuvens no céu. E é ali na Rua Maria Eleonora Pereira que pode ser encontrada dona Vera em ação: atenta, prestativa, solidária. Só em seu prédio ela é síndica há 22 anos. E seu destino está indissoluvelmente ligado à qualidade de vida, ao ter nascido em um 21 de setembro, Dia da Árvore.

Surpreende o vigor de dona Vera no alto de seus 77 anos, casada há 42 com o médico Xavier Calfa, de 84, mãe de dois filhos e avó de quatro netos. Com os seus brincos discretos, os cabelos curtos em tonalidade de marrom acobreado, extrovertida, firme em suas convicções, diz com orgulho que o marido foi um dos fundadores da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), e, ao falar sobre o neto, José, de 28 anos, professor de ioga, seu rosto se ilumina transbordante de afeto, pois cuidou dele até os nove para que a filha pudesse trabalhar:

– No momento, ele está na Tailândia, se especializando em ioga tailandesa, fala quatro idiomas e é formado pela Ufes em Física e Economia. Meu neto tem um conhecimento muito profundo na área de meditação espiritualista – conta dona Vera.

No lugar de cimento, flores

Com naturalidade, dona Vera refere-se ao seu prédio como “o único na rua a possuir um jardim na parte da frente”. Seus olhos vigilantes também perceberam que o caminhão de coleta seletiva da Prefeitura precisava estacionar sem impedimentos para recolher o material reciclável no Posto de Entrega Voluntária (PEV).

Em sua casa impecavelmente bem-cuidada, sua sala conjugada à copa, arrodeada pelos quadros na parede, com seus móveis restaurados, como o sofá e uma belíssima cristaleira, dona Vera conta que só aceitou ser síndica com a

condição “de que as normas seriam cumpridas, e que nós passássemos a respeitar os direitos dos outros”.

– Conscientizei que nós tínhamos que melhorar nossa moradia, valorizar nosso patrimônio, que era o que a gente tinha. Não faço questão de luxo. Faço questão de limpeza, de um bom aspecto. Então, uso coisa boa, como a tinta que usamos para pintar o prédio. Ela é plastificada. A chuva bate e a água corre. Eu faço questão que a parte hidráulica esteja ok para não desperdiçarmos água. Eu exijo que se tiver vazamento em algum apartamento que o morador me comunique. Mudei toda fiação por causa da nova aparelhagem (computador, máquina de lavar etc.). Meu prédio não é de luxo, mas é tudo padronizado – diz.

E para que o aspecto do prédio de 16 apartamentos não se assemelhasse a mais um conjunto com cimento, pedra e abrigo para carro, ela lhe deu uma feição mais humanizada. E fez um jardim. A partir de então, a frente do prédio Curumi, para o bem da rua e da comunidade, passou a ostentar roseira, manacá e os costumeiros e graciosos moradores dos jardins, como anões, duendes, garças.

– Eu falei o seguinte: aqui na frente nós não vamos de jeito nenhum fazer cobertura de alumínio para carro. Para não colocar carro, resolvi fazer um jardim. Eu tenho trabalho? Tenho. Eu que cuido? É. Eu que planto? Também. A manutenção o condomínio paga. Hoje mesmo veio um jardineiro aqui. Mas hoje eu comprei grama para ele colocar num lado que ficou ruim. Quando eu fiz o jardim, há uns 27 anos, eu coloquei uns bichinhos, anões de jardim. E um dia a comunidade, os amigos da rua resolveram fazer um aniversário para mim.

A Praça de dona Vera

O nome oficial é Parque Residencial Jones dos Santos Neves. Mas é também certo que os logradouros públicos costumam ter mais de um nome, e, muitas vezes, se ligam ao nome de cidadãos que deles cuidam. Tanto é assim que, ao lado do prédio Curumi, a praça que oficialmente leva o nome do ex-governador do Espírito Santo é conhecida por todos como Pracinha Dona Vera. Com razão e por indiscutível merecimento.

Vem de longe a luta de dona Vera para transformar o que era um antigo matagal em lugar aprazível para o bairro, para adultos e crianças. As praças, que tão bem representam o modo de ser e a vida comunitária de Vitória, agradecem. Pouco a pouco, o que era mato e abandono foi adquirindo a feição alegre como é próprio das praças, mesmo as pequenas, e, de administração em administração municipal, lá estava dona Vera mobilizada para defender mais um espaço de lazer no Jardim da Penha.

Há alguns anos, certo dia dona Vera estava no local, apanhando mato.

– Casualmente, o prefeito João Coser passou por aqui e me viu catando mato na praça. “O que a senhora está fazendo aí?”, ele perguntou. Eu respondi: “Não tem jardineiro. Estou catando mato para não crescer, para a praça não ficar feia”. Aí ele disse: “Vou providenciar”. E providenciou mesmo. Mandou botar um jardineiro aí.

Hoje ela olha para a praça, a praça que informalmente leva o seu nome, e admira a floração das plantas.

– Olha como é que está lindo. É onde as crianças pequenas de dois a seis anos brincam. Uma área limpa. Eu mantenho tudo limpo, não deixo lixo, mando lavar lixeira, ligo para o coordenador de limpeza e digo que está precisando lavar as lixeiras da pracinha. Ele manda lavar. Você tem que ter alguém para olhar. Se em cada praça tivesse um morador que se interessasse em mantê-la limpa, seria uma maravilha. Por que a pracinha dona Vera é tão limpa? Porque, por exemplo, quando cai um saco plástico aqui, eu saio de casa, largo os meus afazeres, vou lá catar e jogo fora.

Ensinamentos para o bem comum

Quem acompanhar a rotina de dona Vera para que o programa de coleta seletiva de lixo do município funcione sem falhas em sua rua, poderá retirar de seu exemplo os bons ensinamentos da prática cidadã. Assim que a Prefeitura, há cerca de quatro anos, colocou os PEVs para a coleta seletiva na Rua Maria Eleonora Pereira, dona Vera enviou um comunicado a cada morador do prédio para que o lixo doméstico passasse a ser separado entre orgânico e reciclável.

– A recepção dos moradores foi no geral muito boa. Aqueles que ainda colocam ali na lixeira o lixo reciclável junto com o molhado, eu me dou o trabalho de ir lá, separar, resolver o problema. Eu separo e jogo nos contêineres de lixo reciclado. Aqui na minha casa eu tenho duas lixeiras. Recolho meus lixos todos os dias. Os moradores do prédio fazem a mesma coisa. Todo dia tem lixo na nossa lixeira e nos contêineres. O lixo molhado o caminhão passa recolhendo todas as noites. Chova ou tenha luar. Mas às vezes eles não levam todo o lixo. Deixam a metade da lixeira. Aí eu ligo, acho ruim, faço voltar. Do meu trecho eu tomo conta.

Da mesma forma que acompanha permanentemente a coleta, dona Vera também elogia a limpeza dos contêineres duas vezes por mês pelos funcionários do município:

– Ah, eles têm uma grande preocupação com o PEV. Duas vezes no mês eles fazem a limpeza com cloro. Limpeza geral. Eles lavam. Fica tudo limpinho. Eles

passam um produto por fora, porque, às vezes, escorrega lixo, pois tem pessoas que não lavam direito uma lata, uma garrafa, e isso acaba sujando a beirada dos contêineres.

Dona Vera fica feliz ao saber que o material que é separado pelos moradores e recolhido pela Prefeitura gera renda para duas associações, a Associação de Catadores de Material Reciclável da Ilha de Vitória (Amariv) e a Associação de Catadores de Material Reciclável de Vitória (Ascamare). As duas associações, deve-se lembrar, contam com apoio do município para o trabalho de coleta e separação de materiais, e igualmente aluga para as entidades os galpões e equipamentos para as suas atividades. Do mesmo modo, desenvolve juntos aos catadores iniciativas de formação para o trabalho.

– Ah, é muito gratificante. Eu não sabia que pessoas ganhavam fazendo esse trabalho. Para mim, era uma indústria que usufruía disso. Mas só de saber que pessoas ganham é muito gratificante. Acho que isso deveria ser mais divulgado. Muita gente poderia até começar a fazer a separação do lixo para ajudar essas pessoas. Eu dou importância para a coleta seletiva por causa da questão ambiental. Ainda mais sabendo que a destinação adequada terá uma boa finalidade.

Amada cidade

As lembranças de dona Vera viajam pelo tempo. Vão à sua época de juventude, no Parque Moscoso; ao centro, onde os filhos foram criados; passam pela Mata da Praia, ainda só mato e areal, sem ônibus e quase nada a oferecer aos moradores. Enfim, suas memórias chegam ao nascimento do Jardim da Penha, quando sua rua possuía "apenas três postes de madeira", um bairro que, hoje, ela não troca por nada.

– Tudo é perto. Amo Jardim da Penha. Você amanhece, já tem garis em cada rua, varrendo. Quando não chove, as praças são molhadas, varridas. Aquilo que você vê que não está 100% é culpa da população – mãe que vê filho pisando nas plantas e não fala nada.

Mas, como cidadã digna desse nome, ciente no seu papel e dever de sempre lutar pela qualidade de vida, o amor e o afeto que dona Vera sente pela cidade não a privam de igualmente enxergar o que precisa ser melhorado. Ela elogia a ação do município "de fazer praça, canteiro, florir a cidade", como ocorreu, de fato, nos investimentos substanciais do município em áreas verdes como a conclusão do Parque Alfonso Pastore, na Mata da Praia, e um novo Parque Barão de Monjardim, em Santa Cecília e Bairro de Lourdes.

Dona Vera destaca os serviços de manutenção feitos pela Prefeitura na Praça dos Namorados e na Pedra da Cebola, que, segundo ela, "ficou uma maravilha", e alude ao programa estadual Águas Limpas, concluído em agosto de 2012, com 112 quilômetros de rede de esgoto construídos pela Prefeitura e 169 pelo Governo do Estado, somando 281 quilômetros que deixam Vitória em condições de ter 100% de seu esgoto tratado e tornando-se a primeira capital brasileira nessa situação.

E, dona Vera, então, faz a sua declaração de amor à cidade:

– Vitória é tudo de bom. Não tem lugar melhor.

Vitória Sustentável

Enquanto, a partir de Jardim da Penha, dona Vera prossegue com suas contribuições de cidadã, para a Prefeitura, a adesão à A3P, a Agenda Ambiental na Administração Pública, do Ministério do Meio Ambiente, veio consolidar ações de sustentabilidade que vinham sendo executadas no governo do município, em especial a partir de 2009, época que coincide com a crise econômica internacional.

Quem recupera passo a passo a trajetória de uma nova orientação por atitudes mais sustentáveis no local do trabalho é a secretária executiva da pasta de Cidadania e Direitos Humanos (Semcid), Maria Luiza Grillo Cabral.

Formada em ciências sociais, com especialização em administração pública, ela integra o governo desde janeiro de 2005, a princípio como assessora técnica da Semcid. Em 2006, com a reforma administrativa, passou ao cargo de secretária executiva, mesma função que desempenhou entre junho de 2007 a março de 2009 na Secretária de Cultura, quando, então, retornou à pasta de origem.

– O secretário executivo é uma pessoa que administra a secretaria, e é uma ponte, uma referência para as outras pastas. Todas as secretarias têm um secretario executivo. Como esse secretário é uma pessoa-chave, ele foi chamado na época em que começou a crise econômica, quando começamos a perceber que a receita estava caindo, que o custeio era muito alto e que nós poderíamos ter algum benefício ao conscientizar o servidor a racionar os recursos públicos.

E acrescenta:

– Os secretários executivos foram chamados para implantar essa ação nas suas pastas, mas não obtivemos o êxito que esperávamos. Encontramos, então, a Agenda Ambiental na Administração Pública (A3P), que orienta sobre atitudes sustentáveis no local de trabalho. Levamos essa ideia para o Comitê dos secretários executivos, e, depois de muita conversa, surgiu o Programa Vitória Sustentável.

Estratégias para adesão do servidor

Como linha de ação, cinco pontos temáticos foram adotados para o Programa Vitória Sustentável, segundo conta Maria Luiza: água, energia – na acepção que passaram a denominar como eficiência energética –, licitações sustentáveis, coleta seletiva e materiais.

– Pensamos também em buscar estratégias de como esse programa podia trazer o servidor para dentro dele. Buscamos o Ministério do Meio Ambiente, fizemos um termo de adesão à A3P válido de 2011 a 2016, temos um Plano de Trabalho para executar e montamos uma comissão gestora do programa, formada por alguns secretários executivos mais afins às temáticas do Vitória Sustentável.

Quinze milhões de copos

Para que se tenha dimensão de como a gestão sustentável numa administração pode ir resultando gradativamente em novo cenário de racionalidade e sensatez quanto a gastos, atitudes e comportamentos, Maria Luiza diz que, em 2009, por exemplo, foi percebido que a Prefeitura usara 15 milhões de copos descartáveis. Ou seja: a administração os usou e o material usado foi para o lixo, com o despejo de quase 26 toneladas só de copos no meio ambiente.

– Mas o foco que queríamos com o Vitória Sustentável não era só a redução de gastos, do tipo: "Ah, eu vou trocar o copo descartável pela caneca e vou deixar de gastar com a compra de copo descartável". Não é isso. Isso seria uma consequência de uma coisa muito maior, que seria a mudança de atitude do servidor: "Ah, eu deixarei de jogar no meio ambiente 26 toneladas de lixo se eu passar a usar minha caneca permanente em vez do descartável, quatro, cinco unidades por dia". Todas as temáticas, portanto, geram um processo educativo permanente. Não conseguimos fazer isso de uma hora para outra, mas plantamos a sementinha.

Uso da caneca em vez do copo descartável; papel reciclado ao invés do papel branco e impressão frente e verso; separação do lixo seco e úmido nas repartições, com instalação de um Posto de Entrega Voluntária (PEV) em todas as secretarias; parceria para recolhimento de óleo de cozinha usado em cinco locais estratégicos da Prefeitura, com o repasse de R$ 0,30 por litro pela empresa coletora às duas associações de catadores de Vitória; licitações sustentáveis, com análise não apenas do melhor preço, mas se o produto se origina de fontes ambientalmente sustentáveis, como móveis de madeiras reflorestadas ou produtos de limpeza a partir de compostos não agressores do meio ambiente; vigilância quanto a vazamentos de água, redução de lâmpadas e até mesmo um convênio com o departamento de energia elétrica da Ufes de modo a encontrar medidas para diminuição dos custos da conta.

Todos os itens do parágrafo acima compõem o diversificado universo de medidas executadas pelo Programa Vitória Sustentável, vencedor em 2012 do 2º lugar no Prêmio Vitória Inovando, promovido pela Secretaria de Administração pela iniciativa de envolver os servidores como protagonistas na gestão sustentável no local de trabalho, junto com a metodologia participativa que mobiliza todas as secretarias.

– O lema do programa é "Pequenas mudanças, grandes transformações". Se você mudar um pouquinho que seja, já fará uma grande diferença. Essa é a ideia. Eu acho que o programa conseguiu despertar no servidor uma alternativa viável para a questão de sustentabilidade e mudança de atitude no ambiente de trabalho – observa Maria Luiza.

Outro exemplo de gestão sustentável

É na Enseada do Suá, onde está a sede do Tribunal de Justiça do Espírito Santo (TJ-ES), que a coleta seletiva também desempenha saudável papel de contribuir com a qualidade ambiental de Vitória, por meio da rotina dos servidores da instituição.

Duas toneladas em média ao mês de resíduos, em sua maioria papel, são coletadas hoje nos quatro andares e em aproximadamente 120 setores do órgão, três anos depois do lançamento do projeto Coleta Seletiva Solidária, em 23 de março de 2009. O projeto, em parceira com a Prefeitura, foi executado pela Associação Justiça Social do TJ-ES, presidida pela assistente social Wanda Martins.

Wanda conta como iniciou o processo:

– Foi feita toda a adequação dos setores do tribunal para colocar em prática o projeto. Cada setor recebeu um kit de coleta seletiva. No caso, lixeiras identificadas com o selo de lixo seco e úmido. E também com a cor correta: azul, para o lixo seco; preto, para o úmido. E um coletor maior, específico principalmente naqueles setores com maior geração de resíduo de papel. A gráfica do tribunal imprimiu o material de divulgação interna, enquanto a assessoria de comunicação criou uma logo e as peças informativas.

Igualmente positivo para a cidade de Vitória, pelo benefício de extrapolar as ações meramente ambientais e também gerar trabalho e renda, ocorre com a destinação dos resíduos procedentes do TJ-ES. É que, por força do decreto federal 5.940, que regulamenta a coleta seletiva nos órgãos públicos, todo o lixo gerado no tribunal, quando coletado, deve ser encaminhado a associações de catadores. No caso, à Associação de Catadores de Material Reciclável da Ilha de Vitória (Amariv) e à Associação de Catadores de Materiais Recicláveis de Vitória (Ascamare).

Discernimento e consciência

Segundo Wanda, houve também aumento da conscientização sobre essas novas atitudes, principalmente entre os servidores, no discernimento do que é lixo seco e úmido, sobre a importância de sua separação e destinação adequada. Benéfica ainda, conforme enfatiza, foi a capacidade irradiadora e pedagógica do projeto:

– Sempre ouvimos alguns depoimentos de pessoas que levaram essa conscientização e esse costume da separação de lixo para casa – diz Wanda Martins.

E acrescenta:

– Trouxe melhoria para o próprio tribunal, na questão da economia. O tribunal tem algumas recomendações do Conselho Nacional de Justiça, o CNJ, e uma delas é essa questão da redução dos gastos com água, energia, papel, combustível, descartáveis. E o projeto Coleta Seletiva Solidária contribuiu para que o tribunal alcançasse essa meta. Por outro lado, também está conscientizando o servidor a fazer, por exemplo, que o papel seja usado como rascunho antes de jogado fora, foram adquiridas impressoras para impressão frente e verso, e, além disso, também incentiva os servidores a usarem canecas, ao contrário de copos descartáveis.

De Minas para Vitória

Um pouco além da Ponte da Passagem – obra reinaugurada em agosto de 2009 em parceria da Prefeitura com o Governo do Estado –, em plena Reta da Penha, no interior de duas portentosas torres com 17 andares cada e somando 204 apartamentos, vivem aproximadamente mil pessoas. É ali, na função de síndica, que a mineira Marinésia Jardim Viana instituiu a prática saudável da separação do lixo do seu condomínio, o Centro Residencial de Santa Luíza.

Mãe de Leonardo e Bárbara, casada com Marconi Miranda Alves de Amorim, a pedagoga Marinésia deixou o Vale do Jequitinhonha em Minas Gerais há perto de duas décadas. Veio, ficou, e, hoje, 17 anos depois, tem Vitória muito bem guardada no coração. E o papel das crianças na disseminação de condutas cidadãs foi preponderante para que ela, pouco a pouco, introduzisse no condomínio a separação do lixo.

– Nós sabemos que hoje o lixo é um problema seriíssimo para a sociedade. Então, o nosso papel aqui no condomínio foi tentar ajudar de alguma forma, e colaborar de alguma forma com o meio ambiente. Os meus filhos vieram da escola com algumas coisas, informações, e foram me passando. Então, eu falei: como eu poderia ajudar nisso? Foi aí que nós pensamos em conscientizar os moradores para esse papel de estar colaborando um pouco com o meio ambiente. Todos aceitaram, gostaram muito disso.

Convencer e esclarecer

Comunicados nos elevadores, panfletos distribuídos nos apartamentos, conversa com os condôminos e muita disposição para o trabalho de convencer e esclarecer sobre os benefícios da nova atitude deram resultado:

– Nós conseguimos a adesão de 60% dos moradores. E acredito que os outros 40% não conseguem fazer a separação adequada do lixo por falta de tempo, por causa da correria do dia a dia.

Sentada na pracinha do condomínio, em frente a um dos estacionamentos, numa mesinha com dois banquinhos de granito e embaixo de um imenso pé de manga pródigo em sua produção anual de frutas, Marinésia conta que a adoção da reciclagem foi benéfica inclusive para o centro residencial.

–Ajudou também o condomínio, porque a Prefeitura vem duas vezes por semana e leva o material reciclável. E ajudou na questão da limpeza, porque o condomínio produz muito lixo e, antes, eram misturados o lixo úmido e o seco. Agora nós os separamos, e o lixo úmido a Prefeitura pega todos os dias.

Efeito multiplicador

Esta mineira que adotou a cidade de Vitória com o mesmo carinho que se costuma dar à terra natal, que aqui teve e aqui cria os seus filhos, sabe que a mudança de hábito no trato com os resíduos domésticos beneficia o município, com resultados já perceptíveis. Mas pede, igualmente, persistência na divulgação e na multiplicação de informações para os moradores, especialmente de condomínios:

– A gente nota que a cidade está mais limpa, que os bueiros ficam menos entupidos quando chove. Mas eu acho que cada um tem que fazer o seu papel, não só o condomínio – diz ela.

A respeito do que observa Marinésia, é fundamental mencionar o serviço mantido Prefeitura, que pode ser acionado pelos moradores de Vitória por meio do número 156, para instalação de novos PEVs. Já a difusão de informações sobre boas práticas ambientais também encontrou um exemplo de sucesso em uma equipe da Coleta Seletiva do Programa Vitória Sustentável. De maneira muito criativa e lúdica, com o auxílio da música, a equipe vai de sala em sala no ambiente de trabalho na Prefeitura ensinando a diferença entre lixo úmido e seco. Com violão e voz, usam inclusive repertório próprio, como a composição "Cidade Limpa", de autoria do servidor da Secretaria Municipal de Meio Ambiente (Semman) Chico Osken.

Por dentro da história

Sustentabilidade e cidadania

Atitudes como as de Vera Nancy Borges, em Jardim da Penha, Wanda Martins, no Tribunal de Justiça do Estado do Espírito Santo, e Marinésia Jardim Viana, no Residencial de Santa Luíza, são elogiáveis como atos em favor do meio ambiente e do futuro do planeta. Mais do que isto, são atitudes de consciência cidadã que se aliam às políticas municipais por uma Vitória Sustentável.

Este é o nome, aliás, do programa que Maria Luiza Grillo Amaral dirigiu e que segue as diretrizes da Agenda Ambiental na Administração Pública (A3P), do Ministério do Meio Ambiente, da qual a Prefeitura de Vitória é signatária e que se fundamenta em cinco linhas temáticas: eficiência energética, água, coleta seletiva, materiais de almoxarifado e licitações sustentáveis.

Entre outras diversas ações e iniciativas na área de meio ambiente, fazendo convergir políticas sociais, projetos educativos e difusão de novas práticas saudáveis para o aumento da qualidade de vida da capital e das pessoas, a Prefeitura Municipal de Vitória também

- Criou a Unidade de Transbordo, em maio de 2008, mudando definitivamente o tratamento do lixo coletado na capital. Com a implantação do novo sistema, os resíduos coletados e levados até a unidade são transferidos dos caminhões compactadores diretamente para carretas basculantes de 50 toneladas, que transportam o material para o aterro sanitário.

- A gestão municipal igualmente ampliou os pontos de entrega voluntária da coleta seletiva em escolas, vias públicas, praças, condomínios, instituições públicas e privadas, passando de 38, em 2008, para 640, em 2012.

- Ampliou a coleta seletiva em 562,04%, de 216 toneladas, em 2007, para 1.430 toneladas, em 2011.

- Realizou 190 ações educativas sobre coleta seletiva entre 2008 e 2012, tendo como estratégia o desenvolvimento de peças teatrais, palestras e reuniões. O público dessas ações, formado principalmente por alunos e professores da rede de educação e infantil e ensino fundamental, atingiu nesse período 31.864 pessoas.

- Ampliou de 16 para 19 o número de feiras livres, sendo uma no Centro, uma na Vila Rubim e uma de produtos orgânicos na Praça do Papa. Esta última em parceria com o Governo do Estado.

- Criou o Projeto Feira Legal para que as feiras funcionem bem-organizadas, com feirantes capacitados e condições de higiene atendidas.

- Reestruturou a Secretaria Municipal de Serviços (Semse), que passou a assumir, além dos serviços de limpeza urbana, os de manutenção de áreas verdes, praças, feiras livres e cemitérios.

- Realizou obras de saneamento em 37 bairros nas regiões da Grande Santo Antônio, São Pedro e em 5 poligonais do Programa Terra Mais Igual. As obras contemplaram a construção de mais de 112 quilômetros de rede de esgoto, 14 estações elevatórias e uma estação de tratamento em Estrelinha.

- Realizou obras de saneamento para despoluição da Lagoa Pau Brasil em convênio com Companhia de Saneamento do Espírito Santo (Cesan), Prefeitura da Serra e Vale.

- Ampliou a manutenção de áreas verdes de 842.148 m^2, em 2004, para 1.374.421 m^2, em 2012.

- Criou 5 novos parques urbanos. Foi concluído o Parque Alfonso Pastore e estão em implantação os parques Barão de Monjardim e Chácara Paraíso.

CAP. 3
Laços comunitários, economia solidária

Laços comunitários, economia solidária

Ao anoitecer, pouco a pouco, uma após outra, vão se acendendo as luzes no morro São Benedito. Esses pontos iluminados se espalham. De cima abaixo, aqui e ali, mais adiante, eles se multiplicam como se fossem pulsações mágicas numa noite natalina. Contudo, para além dos meros efeitos da iluminação pública, essas luzes no morro, em pontilhismos, irradiam outros significados, extrapolam o luzeiro noturno comum de uma cidade e se tornam manifestações e expressões de esperança.

É assim mesmo, por meio dessa simbologia de presente e de futuro, com a força dessas imagens tanto no São Benedito quanto no Jaburu, já na face oposta do morro, que Leonora Micheiln Laboissière Mol, todas as noites, vê o acendimento das luzes:

– O morro se ilumina de um jeito que parece uma árvore de natal. E essa iluminação para mim toma conta da vida das pessoas e da minha vida, nos dando a possibilidade de ter a luz e a esperança de um dia acabar com a desigualdade social que existe em Vitória e no mundo. Acho que essa luz pode permitir que, um dia, a gente chegue lá.

Território do Bem

Razão fundamentada tem a belo-horizontina Leonora Mol para interpretar com otimismo essa paisagem de luzes vista nas noites de Vitória. Afinal, desde 2002, um ano após se mudar de Minas Gerais, sua vida se ligou para sempre ao morro e aos bairros adjacentes, em região que abrange São Benedito, Jaburu, Penha, Floresta, Consolação, Engenharia, Bonfim e Itararé.

Leonora é diretora-presidente da agência de fomento e desenvolvimento comunitário Ateliê de Ideias, que recebe apoio e assessoria técnica da Prefeitura desde 2005, mediante parcerias que vêm se renovando ano após ano dentro das prioridades da gestão municipal de fomentar a geração de trabalho e renda nas áreas de maior carência de Vitória.

As ações do Ateliê de Ideias ocorrem no âmbito da Poligonal 1, conforme a nomenclatura adotada pelo Programa Terra Mais Igual para um total de 15 recortes geoeconômicos e sociais na cidade – ou Território do Bem, de acordo com a designação usada pela agência presidida por Leonora. Pertinente lembrar ainda que as poligonais, como territórios de planejamento e ação do Programa Terra Mais Igual, foram definidas tendo como critérios o grau de carência em equipamentos e serviços urbanos, o nível de fragilidade ambiental, o grau de risco e os baixos índices sociais da comunidade em relação às demais áreas da cidade.

Os projetos do Ateliê de Ideias, complementares às ações e redirecionamentos de recursos da Prefeitura para a região, contribuem para o protagonismo dos moradores locais, com estímulo a que construam a sua própria história.

Primeiros passos da vida nova

Psicóloga formada pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), onde também se especializou em psicologia social, a trajetória do trabalho de Leonora na comunidade começou na entidade filantrópica de direito privado Serviço de Engajamento Voluntário (Secri), como coordenadora do Ateliê de Ideias. Ainda transcorria o ano de 2002, e essa trajetória é reveladora, pois mostra, gradativamente, os efeitos de uma inversão no clima de pessimismo que prevalecia entre as pessoas.

– Quando eu cheguei lá em 2002, encontrei um quadro de descrença muito grande das pessoas, dos moradores em geral, e isso fora da situação social, pois foi exatamente o ano em que o Governo Lula chegou com os benefícios das políticas sociais. Foi um ano complicado, as pessoas não tinham trabalho, não tinham oportunidades.

Na época, segundo relembra, o Secri atuava com crianças e adolescentes e tentava fazer também um trabalho mais ligado à questão assistencial com as famílias. De todos os modos, não havia uma ação que proporcionasse um impulso na economia local, na circulação de riqueza, na perspectiva de trabalho ou renda, nem projetos voltados ao desenvolvimento local.

A Prefeitura como parceira

Leonora relembra o momento em que começou a parceria com a Prefeitura de Vitória:

– No ano de 2005, mais precisamente em setembro, quando o Ateliê de Ideias fomentou e inaugurou o Banco Bem, banco comunitário de desenvolvimento, nós fizemos uma festa de inauguração. Convidamos todos aqueles possíveis parceiros e pessoas que acreditavam no nosso trabalho e naquilo que a gente já estava fazendo no Ateliê de Ideias desde o ano de 2002. E uma das instituições que nós chamamos foi a Prefeitura de Vitória. Na época, já na administração do prefeito João Coser, nós tínhamos como secretária de Assistência Social a Ana Petroneto, que era uma pessoa que já nos conhecia há um tempo. Conhecia nosso trabalho, lá no morro São Benedito, gostava muito do nosso trabalho. Então a Ana foi à inauguração do Banco Bem, representando o prefeito.

E então veio a boa nova:

– Lá no palco, no dia da inauguração, para a surpresa minha, e de toda a comunidade, a Ana anunciou no microfone que a Prefeitura de Vitória estava se comprometendo em apoiar o Banco Bem. Foi assim que, reconhecendo esse nosso trabalho, nesse momento da inauguração, a gestão municipal começou o apoio aos projetos do Ateliê de Ideias.

De acordo com Leonora, os recursos entraram inicialmente via Secretaria Municipal de Assistência Social (Semas), uma vez que a área de trabalho e renda do município era atribuição desta pasta – só posteriormente haveria a desvinculação da atual Secretaria Municipal de Trabalho e Geração de Renda (Setger).

– Então conseguimos, via convênio da Prefeitura com o Ateliê de Ideias, esses R$ 30 mil para o apoio ao Banco Bem. Esses R$ 30 mil foram o fomento da li-

nha de crédito produtivo e habitacional para o Banco Bem. Esse dinheiro foi investido num fundo, o qual, hoje, é o que movimenta o nosso fundo de empréstimo do banco.

Ampliação da parceria

Em março de 2006, a Prefeitura foi convidada para outro evento do Ateliê de Ideias: o lançamento da Moeda Bem, moeda social que circula entre os moradores e é aceita por diversos estabelecimentos na comunidade, os quais oferecem desconto a quem usá-la como forma de pagamento.

– O Banco Bem começou em setembro de 2005, porém ele ainda não tinha a moeda circulante. Essa moeda só foi impressa e trabalhada com a comunidade entre setembro de 2005 e início de 2006. Nesse evento de lançamento da Moeda Bem, esteve conosco o Eliezer Tavares, que já era o secretário de Trabalho e Geração de Renda. E deu outra notícia boa para a comunidade: a Prefeitura estava muito surpresa com o trabalho que o Banco Bem já vinha desenvolvendo desde o apoio de 2005, e que, naquele momento, em nome da Prefeitura e do prefeito, renovaria o convênio com o Ateliê de Ideias com R$ 100 mil reais – relembra Leonora.

O investimento da Prefeitura – R$ 30 mil, de 2005 para 2006, e R$ 100 mil, de 2006 para 2007 – ajudou nos custeios do próprio Banco Bem, incluindo na contratação de funcionários, moradores da própria região, gerando trabalho e renda. Até aquele momento, não havia nenhuma pessoa contratada, somente Leonora como voluntária.

Segundo Leonora, o apoio da Setger em 2006 foi essencial tanto para o crescimento das ações do banco, como para todos os outros projetos sociais do Ateliê de Ideias, estimulando a parceria de outros financiadores que foram surgindo. Em especial, por ter visto a possibilidade de dar crescimento ao trabalho de geração de renda, de dar dignidade às pessoas via economia solidária e desenvolvimento local.

Já entre 2008 e 2010, os recursos liberados pela Setger foram para apoio ao Programa de Assessoria a Empreendimentos Solidários, fornecendo, por exemplo, formação técnica, humana ou política aos integrantes desses empreendimentos produtivos na comunidade. Em 2008, foram R$ 128.721,96; em 2009, R$ 67.559,42, e, em 2010, R$ 70.159,80.

Investimentos municipais

Deve-se registrar que, neste território, são substanciosos os investimentos realizados pela Prefeitura, especialmente por intermédio do Programa Terra Mais Igual. A Poligonal 1 São Benedito, por exemplo, que abrange os bairros São Benedito, Itararé, Bonfim, Da Penha, Engenharia e Consolação, recebeu, entre 2005 e 2012, R$ 26,7 milhões, de investimentos, de um total de R$ 45,2 milhões, provenientes do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC – Urbanização de Favelas) e de recursos do município. Já na Poligonal 1 Jaburu e Floresta, os investimentos compreendem a construção de novas unidades habitacionais, a reforma e ampliação do Cajun, a construção da praça anexa a esse equipamento e da praça em Floresta. Já foram investidos na área R$ 20,2 milhões, com execução de obras de infraestrutura e habitação para benefício de aproximadamente 1.335 famílias nas duas comunidades.

Centro Público de Economia Solidária

Segundo Leonora, de 2010 para 2011, embora sem uma parceria direta para o Ateliê, a Setger apoiou um projeto apresentado à Senaes [Secretaria Nacional de Economia Solidária] via emenda parlamentar da deputada federal Iriny Lopes.

– A Iriny, com a sensibilidade dela para área da questão da economia solidária, fez uma emenda parlamentar de R$ 100 mil, para, junto ao Ateliê de Ideias, executar aqui na região o Centro Público de Economia Solidária. O Ateliê de Ideias entrou como entidade proponente, e a Prefeitura de Vitória como entidade interveniente – diz.

De acordo com Leonora, o Ateliê de Ideias recebeu R$ 100 mil provenientes dessa emenda e pôde contratar um técnico para assessorar os empreendimentos do Estado do Espírito Santo, já não só mais de Vitória, pois a PMV entrou como parceira com o Fórum de Economia Popular Solidária do Espírito Santo e o Ateliê de Ideias.

– Tivemos a possibilidade de apoiar empreendimentos de Vitória e da Grande Vitória, numa parceria com as prefeituras da Grande Vitória e empreendimentos de todo o Estado. Foram beneficiados 39 empreendimentos e aproximadamente 273 pessoas. A Prefeitura de Vitória cedeu ao Centro Público de Economia Solidária alguns boxes no Mercado São Sebastião, onde funciona hoje funciona um Centro de Referência do Artesanato Capixaba e da Economia Solidária.

Sobre o Mercado São Sebastião, aqui mencionado por Leonora, deve-se registrar que este marco da arquitetura neocolonial de Vitória, criado em 1949, foi inteiramente recuperado pela Prefeitura, e, hoje, é palco de eventos artístico-culturais como Mercado Literário, Mercado do Samba ou Mercado da Música, desenvolvidos pela Secretaria Municipal de Cultura (Semc), junto com exposições e comercialização de artesanato capixaba no Centro de Referência, em projeto administrado pela Setger.

Diz Leonora que, embora o projeto com a Senaes tenha se encerrado, a Prefeitura continua apoiando o Centro Público de Economia Solidária.

– Contamos com o apoio da Prefeitura e do governo do Estado para retomar e fortalecer esse projeto agora com o convênio com a Setger. Estamos na preparação de outro convênio, no valor de R$ 96 mil, para final de 2012 até final de 2013. A ideia é que, nesse novo convênio, possamos contratar dois vendedores para atendimento no Mercado São Sebastião como um todo, ou seja, vender produtos de todos os grupos da economia solidária com boxes no mercado.

Transformações de Vitória

Assim como à noite as luzes do morro São Benedito e do Jaburu se mostram para Vitória, quando amanhece é a capital capixaba que se abre em espetáculo para os moradores, e com nenhum esforço é possível ver a Reta da Penha, o Convento da Penha, a Terceira Ponte, a Praia do Canto.

– Um morro onde as pessoas respiram Vitória, veem lá de cima uma paisagem maravilhosa, enxergam todos os dias o mar, o nascer do sol e a lua chegando. Sou suspeita para falar, porque dos três anos anteriores a 2005 e dos oito seguintes, eu vi uma cidade crescer com mais planejamento; vi uma cidade se tornar mais bonita; vi uma cidade se tornar mais limpa; vi uma cidade, em especial, e que para mim é o que marca, diminuindo o número da desigualdade social. Isso pra mim é o mais marcante.

Quando Leonora chegou, os dados a impressionavam:

– Eu ficava muito impressionada quando eu cheguei aqui, e via que Vitória tinha um índice alto de desenvolvimento humano, e, ao mesmo tempo, eu via o índice de Gini [coeficiente de Gini, medida de desigualdade social criada pelo estatístico italiano Corrado Gini] altíssimo, um dos maiores. E eu tive a oportunidade de ver de perto a questão da desigualdade social. Lógico que a gente ainda está a uma distancia de resolver, mas acho que Vitória tem caminhado para isso.

Microcrédito incentivador

Enquanto as ações de Leonora e do Ateliê de Ideias prosseguem no Território do Bem, outros empreendedores também constroem as suas histórias, no caso, beneficiados pelo programa de microcrédito da Gerência de Acesso ao Crédito da Setger, resultado de convênio da Prefeitura com o Programa Nosso Crédito do Governo do Estado.

Por exemplo, a história de Mônica Garbrecht.

Durante 12 anos, ela trabalhou em uma rede de óticas. O desejo de ter o próprio negócio, porém, manifestava-se com frequência, embora houvesse o temor de deixar o emprego e começar tudo do zero. “Sair de uma empresa, onde trabalhava havia 12 anos, e abrir o próprio negócio dava aqueles medos”, lembra Mônica, que nasceu em Baixo Guandu, no norte do estado, mas chegou à capital com a família para morar quando contava nada mais do que dois meses de idade.

Foi numa sexta-feira, em 2009, que a atitude de vencer o medo e criar sua independência profissional prevaleceu. Pesou ainda, como impulso, ter recebido de presente de sua empresa uma viagem a São Paulo, para uma feira interna-

cional de óculos. A feira aconteceria ainda daí a 45 dias, mas Mônica, voltando-se para a prima Liliane Casotti Arreco, funcionária como ela da rede de óticas, lhe propôs que abrissem uma loja juntas. Na hora, a prima aceitou o desafio, e, já no domingo, com a firmeza de uma decisão amadurecida, Mônica e Liliane estavam com o espaço alugado.

As novas empreendedoras foram então à feira na capital paulista comprar produtos para estoque, trabalharam juntas cerca de um ano, e, percebendo fôlego para mais um passo, Mônica comprou de Liliane a parte na sociedade e esta, de seu lado, adquiriu uma loja própria.

O voo inaugural

Nesta manhã de setembro, com céu muito azul, em que Mônica rememora os capítulos iniciais de sua vida como empreendedora, sopra um vento frio na rodovia Itacibá, em Cariacica, endereço da filial de sua ótica – a matriz fica na Reta da Penha.

Mãe de um garoto de três anos e grávida de cinco meses, descendente de italianos, por parte de mãe, e de alemães, por parte de pai, ela conta sobre o seu começo:

– Como a minha primeira loja foi em Nova Palestina, e lá os bairros são muito humildes, os agentes do microcrédito faziam visitas aos comércios, essas visitas me trouxeram oportunidade, porque eu tinha acabado de abrir, precisava de capital de giro para colocar produto na loja. Essa foi uma oportunidade. Os agentes também nos incentivaram a procurar o Sebrae para recebermos consultoria. Na época, acho que peguei R$ 5 mil. Esse foi meu primeiro empréstimo – conta Mônica.

Depois de um ano sozinha, ela abriu a loja e tomou o segundo empréstimo pelo microcrédito pela Setger, porque a empresa necessitava se informatizar, por exemplo, com impressora fiscal. O valor desse empréstimo foi de R$ 6.500,00, parcelado em 19 vezes.

– Hoje nós já vamos pegar o terceiro. Pedimos R$ 10 mil, mas não sei se será aprovado. Está em análise ainda. Eu abri agora essa filial aqui em Cariacica. Então, preciso investir em produto. Além disso, a gente adquiriu essa loja com 10 anos de funcionamento. É um custo alto a gente comprar uma loja que já funcionava. A única dificuldade de conseguir o empréstimo é ter que arrumar avalista.

Como empreendedora, Mônica agora gera emprego para três pessoas em suas lojas, com perspectiva de mais uma funcionária assim que nascer o seu bebê. E diz que, se não fosse o programa de microcrédito da Setger, com juros menores do que os praticados no mercado e a possibilidade de maior número de parcelas para quitação do empréstimo, talvez não tivesse conseguido conquistar nem a primeira loja no bairro São Pedro, a qual, hoje, pertence a outra prima.

Oportunidades multiplicadas

Apaixonada por Vitória, ela mora nas cercanias do Parque Municipal Horto de Maruípe com os seus 50 mil m² de deslumbrante área verde e onde a Prefeitura instalou duas academias para os moradores: uma popular e outra para a pessoa idosa. Mônica leva com frequência seu filho de três anos ao local, do mesmo modo que jamais dispensa o passeio pela orla de Camburi. E sobre a sua atividade, não tem dúvidas: os empreendedores têm um papel muito positivo na vida da cidade, especialmente, na valorização dos bairros.

– Eu acredito que, quando a gente abre mais um comércio no bairro, acaba ajudando a comunidade. Como em São Pedro. Nós fomos a primeira ótica lá naquela região. O dono do ponto perguntou para que tipo de comércio iríamos alugar o local. Nós dissemos que era para uma ótica. Ele disse: "Tá alugado". Por isso, eu acredito que os comércios trazem desenvolvimento para o bairro. Eles ficam mais valorizados.

E acrescenta:

– O mais gostoso de ser empreendedor é dar oportunidade para alguém que, às vezes, acha que não vai conquistar nada na vida, se acha o patinho feio, e, de repente, desabrocha. Na verdade, é muito gostoso servir ao próximo, que, nesse caso, é dar um emprego. Eu, por exemplo, peguei uma funcionária lá no Walmart com duas faculdades. Ela estava desempregada, achando que ninguém ia contratá-la por ter 40 anos. Quando foi fazer a entrevista, ela perguntou se seria contratada. Eu disse que sim. Ela se referiu à própria idade e eu lhe disse: "Isto, para mim, não é importante".

Sobre a cidade, Mônica também é enfática:

– É uma cidade maravilhosa que tem tudo para crescer mais, se desenvolver mais. Principalmente, pela forma com que ela está sendo monitorada. As próprias crianças estão crescendo de forma diferente, visando melhorias. Eu adoro morar aqui.

Cem por cento melhor

Do mesmo modo que Mônica, Leila Teixeira Rezende também buscou a linha de microcrédito da Setger para movimentar a sua loja de roupas e presentes no bairro Santo André, na Rua da Coragem, em frente ao Parque Municipal Baía Noroeste, localizado em meio a um dos mais importantes ecossistemas de Vitória, especialmente pelo manguezal na região.

Nascida em Ecoporanga, a 253 quilômetros da capital, Leila viveu mais de dez anos bem longe de sua terra: quando tinha apenas três anos de idade, mu-

dou-se com os pais para Uruara, perto de Altamira, no Pará. Mas a volta para o Espírito Santo seria definitiva, para sempre. A família deixou Uruara em 1997 e veio direto para Vitória.

– A vinda para cá melhorou 100% a minha vida. Onde que eu ia conseguir ter um comerciozinho morando lá no Pará? Morar aqui é 100% melhor, até para emprego aqui é melhor, melhor para moradia, transporte, saúde. Nunca mais vou embora daqui.

Mãe de três filhos, o menor com quatro anos, Leila, por viver e trabalhar tão perto, é frequentadora assídua do Parque Baía Noroeste, cuja orla vem sendo reurbanizada pela Prefeitura, e onde os moradores receberam diversos equipamentos de esporte e lazer. Entre eles, um telecentro e uma Academia Popular da Pessoa Idosa.

– O parque tem campo de futebol, tem brinquedos e até Academia Popular da Pessoa Idosa. É um parque antigo, mas foram feitas muitas melhorias por agora. Eu e minha família usamos muito lá, os meus filhos nos brinquedos, e eu, sempre que posso, vou à academia popular fazer ginástica.

Leila já realizou quatro empréstimos junto à Gerência de Acesso ao Crédito. O primeiro, de mil e poucos reais, e, o mais recente, de R$ 4 mil.

– Peguei o empréstimo para comprar mercadoria e até já comprei mais com o dinheiro das vendas. Eu sou legalizada. Aceito cartão de crédito. E não tenho muitos problemas com inadimplência, pois a clientela paga direitinho – diz.

Caminhos para a formalidade

Um ponto em comum liga a artesã Maria da Glória Alves Viana, o cabeleireiro Francisco Neto e a comerciante autônoma Izabel Cristina Ribeiro Balbi Angra: todos eles, ao se cadastrarem como empreendedores individuais, deixaram a informalidade e passaram a exercer o pleno direito de um trabalho legalizado.

Bem cedo, em uma barraca da Praça Costa Pereira, quase diante do Teatro Carlos Gomes, em meio às árvores e aos novos bancos de cimento instalados pela PMV com as recentes obras de reurbanização, Maria da Glória está a postos com os seus produtos: sandálias havaianas decoradas, brincos, cordões, gargantilhas, pregadeiras, tiaras de cabelo, bolsas.

Simples, generosa, simpática, muito afetuosa e bastante emotiva, Maria da Glória nasceu em São Gabriel da Palha, em 1956, e vive em Vitória há nove anos. Primeiro morou no Parque Moscoso. Hoje, junto com o netinho que ela cria, vive na Vila Rubim. Aprendeu artesanato por meio dos cursos oferecidos em Vitória pelos Centros de Referência de Assistência Social (Cras).

Talentosa, mãe de três filhas, incluindo uma adotiva, avó de quatro netos, ela se orgulha de vender os seus produtos até mesmo para o exterior:

– Eu mando para a Inglaterra, Portugal e Espanha. Eu vou conhecendo as pessoas. Na Praça dos Namorados, vendo bastante para gente de fora, de outros lugares do mundo. Anoto seus telefones. Eles gostam de mim porque eu converso muito. São pessoas que têm parentes aqui, que compram e mandam para eles no exterior.

Cadastrada como empreendedora individual desde o final de 2011, em dia com as suas contribuições à Previdência Social, Maria da Glória tem outro orgulho:

– Eu tenho orgulho de colocar a camisa e dizer que sou artesã. Aonde eu vou, eu coloco a camisa do Vitória das Artes – ela afirma, referindo-se ao projeto da PMV. – O projeto Vitória das Artes vê tudo para a gente na Prefeitura. Tem feira

da Arte Natal, no fim do ano, que a Prefeitura organiza para vendermos os nossos artesanatos. Qualquer evento que tenha, eles convidam. Quando tem festa da Penha em Vila Velha, o projeto leva a gente.

Ao mencionar esses apoios do município – em Vila Rubim, como outra ação de estímulo à economia solidária, ao trabalho e à geração de renda, foi também instalado um ponto comercial onde os integrantes desses grupos produtivos podem vender os seus produtos –, Maria da Glória se emociona. E não mede palavras para elogiá-los:

– Vitória para trabalhar é melhor do que qualquer outro lugar, aqui nós temos a Prefeitura que nos apoia, existe o Cras, existe a Setger, existe o Vitória das Artes.

Incentivo à legalização

É com as boas energias da confiança e do otimismo que a comerciante Izabel Cristina também mira o futuro, depois que se cadastrou como empreendedora individual. Incentivada pela irmã que mora em Aracruz, também vendedora, Izabel Cristina não se arrepende de ter optado pelo caminho da legalização para exercer o comércio de moda feminina, como vestuário, calçados ou acessórios, tanto em casa quanto de porta em porta, e, assim, complementar o orçamento familiar, junto com o marido e a filha, que também trabalham:

– Eu aconselho e incentivo as pessoas a se legalizarem. Quando viajo, eu encontro várias pessoas que não são legalizadas, que trabalham totalmente informais, não pagam INSS nem nada. Eu oriento, aconselho. Acho que vale a pena.

Após ter trabalhado informalmente pelo período de um ano e meio, uma das vantagens que Izabel Cristina vê no cadastramento é exatamente a contribuição previdenciária:

– Não precisei ainda tirar uma licença, ficar afastada, nem nada. Espero não precisar. Mas eu estou confiante que no dia em que eu precisar, eu vou ter os meus direitos. A maior vantagem para eu ter me legalizado foi ter como pagar meu INSS, porque, como me legalizei como empreendedora, pago um valor menor ainda do normal, 5% sobre o salário mínimo.

À semelhança dela, o cabeleireiro santista Francisco Neto, residente em Vitória há mais de 20 anos, se cadastrou como microempreendedor depois de participar de um curso promovido em parceria da Prefeitura de Vitória com a Agência de Desenvolvimento das Micro e Pequenas Empresas e do Empreendedorismo (Aderes) e o Sebrae. Ao final do curso, satisfeito com o que aprendeu, optou pelo caminho da formalidade, obteve CNPJ e já paga a contribuição do INPS.

Francisco ainda não entrou com pedido de microcrédito junto à Setger, diz que faz tudo em sua vida no devido tempo, mas já sonha em ampliar o salão que dirige sozinho na rodovia Serafim Derenzi, no São Pedro.

– Eu espero como empreendedor dar oportunidade dentro do meu comércio para outras pessoas trabalharem comigo. Montar uma equipe. Ter produtos de beleza com o nome do meu salão. Espero dar uma assistência cada vez melhor para os meus clientes e para as pessoas que querem trabalhar aqui.

Sobre a cidade que adotou como sua há duas décadas, afirma:

– Ah, Vitória é uma cidade acolhedora. Gostei muito de ter vindo para cá. Bom para arrumar trabalho, pois nunca fiquei desempregado ou parado aqui em Vitória.

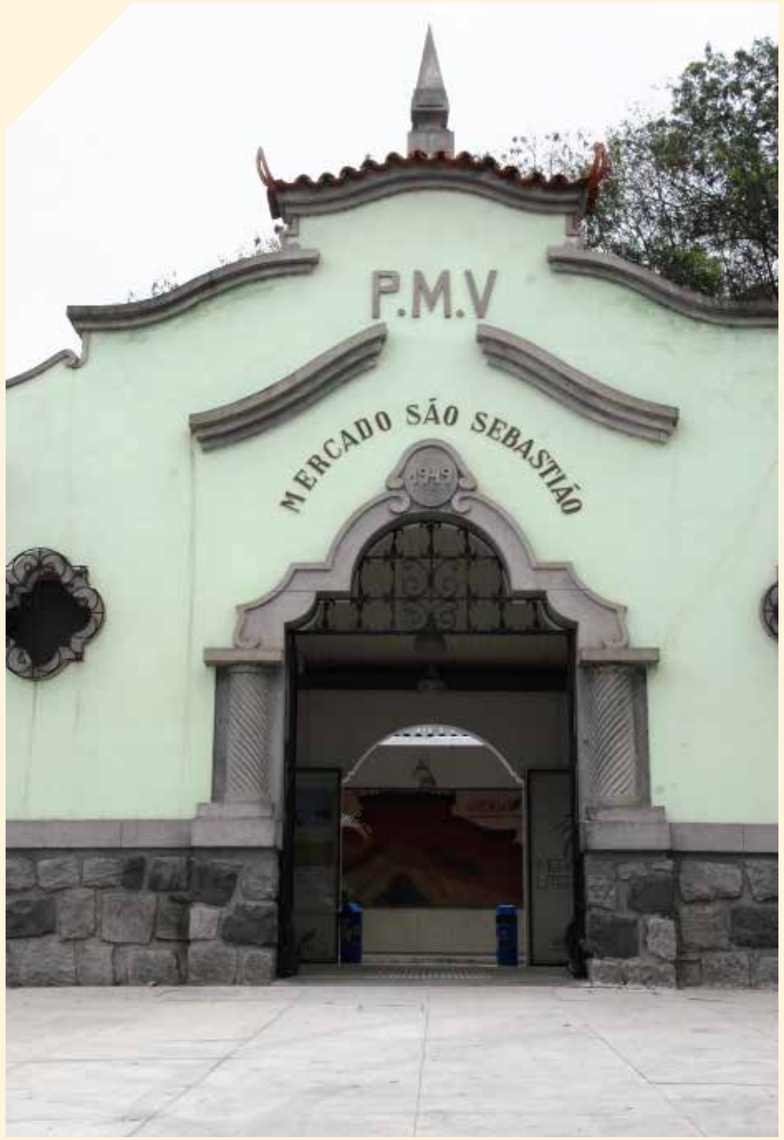
Por dentro da história

As pessoas e seu protagonismo empreendedor

Por meio dos relatos de Leonora Mol, Mônica Garbrecht, Leila Teixeira Resende, Maria da Glória Alves Viana, Izabel Cristina e Francisco Neto, fica evidente a eficácia das políticas públicas municipais tanto nas parcerias com projetos de inclusão social e produtiva, quanto no apoio a empreendimentos individuais que movimentam a economia, geram trabalho e renda, reduzem carências e desigualdades e abrem novas perspectivas para a melhoria das condições de vida na cidade.

Entre outras ações de apoio ao protagonismo cidadão, com estímulo à autonomia, disponibilizando às pessoas instrumentos e consultorias técnicas para que possam desenvolver seus talentos e construir suas próprias carreiras no mercado de trabalho, a Prefeitura Municipal de Vitória

- Criou a Secretaria de Trabalho e Geração de Renda (Setger).
- Municipalizou do Sistema Público de Emprego Trabalho e Renda – Sine Vitória.
- Implantou a Agência Municipal do Trabalhador, que realiza a intermediação de mão de obra, identificando a necessidade de preenchimento de uma vaga de emprego com a de um trabalhador que procura por uma colocação no mercado de trabalho.
- Apoiou e fomentou empreendimentos de economia solidária.
- Reformou o Mercado São Sebastião, que passou a funcionar como Centro de Referência do Artesanato Capixaba, atendendo a demanda feita pelos moradores no Orçamento Participativo. O espaço histórico do mercado, que foi revitalizado pela Prefeitura, abriga exposições de artesãos, comercialização de produtos e uma lanchonete. Ao todo, são 14 boxes com artesanatos que vão desde especiarias, condimentos, licores e alimentos artesanais, até guias, mapas e lembranças tematizadas sobre Vitória e o Espírito Santo. O local é coberto pelo sinal de internet livre do Vitória Digital.



- Apoiou e fomentou bancos comunitários.

- Implantou, em 2006, o Programa Nosso Crédito em parceria com o Governo do Estado. Até julho de 2012, foram concedidos 1.874 créditos a tomadores formais e informais.

- Implantou uma rede de 20 Telecentros contemplando todas as regiões de Vitória, locais onde o cidadão pode acessar a internet por banda larga, desenvolver atividades como cursos de informática, de empreendedorismo ou oficinas de alfabetização digital, entre outros.

- Implantou o Programa Vitória Digital, com sinal de internet livre em 10 áreas da cidade: Jardim Camburi, nas imediações da unidade de saúde; Ilha das Caieiras, ao longo da Avenida Beira-Mar e na rua dos restaurantes; Parque Moscoso, no Centro; Parque Pedra da Cebola, na Mata da Praia; Mercado São Sebastião, em Jucutuquara; Horto de Maruípe; Centro de Referência da Juventude, em Jucutuquara, na Biblioteca Municipal Adelpho Poli Monjardim, que funciona na Escola de Teatro, Dança e Música Fafi; no Centro Cultural Carmélia Maria de Souza e no Parque Baía Noroeste, em Santo André.

- Implantou o Programa Adolescente Aprendiz para jovens de 14 a 16 anos interessados em ingressar no mercado de trabalho. Os jovens são cadastrados na Agência Municipal do Trabalhador, em conformidade com a Lei de Aprendizagem (Lei Federal 10.097/2000).

- Criou a Central de Serviços Autônomos de Vitória, que reúne em um banco de dados informações sobre pessoas físicas e jurídicas de prestadores de serviços eventuais em residências ou empresas, como pedreiro, jardineiro, pintor ou professor particular. A central funciona na Casa Brasil do bairro Itararé.

- Desenvolveu o Projeto do Centro de Referência do Trabalhador – a Fábrica do Trabalho –, cujas obras estão em andamento.

- Revisou a regulamentação do Programa Artes na Praça, com edital de seleção para novos expositores e tornando mais democrático o acesso às manifestações artísticas e culturais.

- Implantou o programa federal Casa Brasil no bairro Itararé, que envolve diversos ministérios, órgãos públicos, bancos e empresas estatais para levar inclusão digital, cidadania, cultura e lazer às comunidades de baixa renda.

- Implantou o Programa de Formação Profissional Vitória da Qualificação, sendo qualificados, para o mercado de trabalho, no período entre 2005 e 2011, 9.363 pessoas, inclusive beneficiários do Programa Bolsa Família – famílias referenciadas nos Centros de Referência de Assistência Social (CRAS) e moradoras de territórios do Programa Terra Mais Igual.

- Mantém 44 cursos para qualificação profissional em 14 tipos de ocupações destinadas a jovens a partir dos 16 anos. Os abrangem as áreas como pesca, turismo e hospitalidade, serviços, metalmecânica, mecânica, marcenaria, imagem pessoal, informática, confecção, comunicação, comércio, culinária, artesanato e administração.

- Desenvolveu o Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec) em conjunto com as secretarias de Assistência Social e Programa Terra Mais Igual. O Pronatec é um programa do governo federal criado com o objetivo de ampliar a oferta de cursos de educação profissional e tecnológica. No primeiro ano, foram inscritas 330 pessoas, sendo 149 certificadas ainda em 2011. Em 2012, 314 pessoas estão inscritas em cursos em andamento.

- Deu apoio técnico financeiro a duas associações de catadores de materiais recicláveis de Vitória – Ascamare e Amariv.

CAP. 4

Inclusão produtiva contra a desigualdade

Inclusão produtiva contra a desigualdade

O pedido era incomum, inusitado, fora da linha de produção mais usual da artesã Eliete Barreto dos Anjos Pereira, como peso para porta, flores de cabelo ou as sempre admiradas peças pela técnica do fuxico. O que a noiva queria mesmo era um porta-aliança no formato de um anjo.

– Eu tive que me virar e fazer. Eu fiz, ela adorou tanto que a madrinha também gostou e eu tive de fazer um para ela – conta Eliete com muito bom-humor em sua casa pintada de verde claro, com pequena varanda bem rente à rua em que vive no São Pedro com o marido, dois filhos e uma enteada.

Demandas assim, quando o cliente quer uma peça de artesanato como expressão direta de um desejo bem particular, sempre aparecem para Eliete. O cliente pede, ela faz. Enfrenta esses desafios criativos com naturalidade e alegria, satisfeita com o que o programa de Inclusão Produtiva da Secretaria Municipal de Assistência Social (Semas) despertou de mais caro nela: a autoestima.

– Na verdade, o papel da Inclusão Produtiva é incluir a pessoa na sociedade. E comigo isso aconteceu. Eu sou prova viva disso. Depois da Inclusão, eu fiquei com a autoestima lá em cima. Inclusive eu estudei com o incentivo das meninas que trabalhavam lá, me formei recentemente no curso de um ano e seis meses de secretaria escolar na Escola Estadual Professor Fernando Duarte Rabelo, na Praia de Santa Helena. Eu tenho segundo grau completo e agora esse curso de secretaria escolar.

Tempos de aprendizado

Nascida em 1969 na cidade de Santa Leopoldina, Eliete mudou-se com a família para Vitória ainda com 12 anos de idade. Moravam na roça. Na capital, depois de algum tempo, o pai conseguiu adquirir o lote onde Eliete vive até hoje. E é ali, na sala pintada de marrom, com três quadros de flores nas paredes, que Eliete rememora o aprendizado na Unidade Produtiva de São Pedro, fazendo cursos de culinária com o irmão.

– Nessa época, faziam-se bombons, ovos de Páscoa. Vendemos bastante, mas não é a minha praia, não é a minha área mexer com cozinha. Só na minha casa eu faço comida. Para viver de cozinha, não tenho afinidade nenhuma. Além disso, para viver disso, eu teria de ter um espaço, uma cozinha preparada, porque mexer com alimento requer isso, mais investimento. Então, eu vi que não dava para mexer com alimentação.

Na própria unidade de São Pedro, havia cursos voltados para ensino de artesanato. Incompatibilizada com a área de gastronomia, Eliete abraçou o novo ramo, com a produção inicial de fuxico e flores de cabelo. É dessa época o surgimento do grupo Costurando Arte, formado por 12 mulheres artesãs, e a abertura de pontos de comercialização do que faziam nas feiras da Praça dos Namorados ou do Jardim da Penha, por exemplo, trouxe para Eliete boas vendas e clientela fiel.

– Na Inclusão Produtiva, veio mais formação, não só o de fazer artesanato. Teve uma parceria com o Sebrae que nos ensinou como administrar o seu negócio, o outro foi o Mulheres Empreendedoras. Isso ajudou muito, porque não é só fazer, temos que saber como manter o negócio, colocar preço na mercadoria. Fizemos também um curso pelo Sebrae de associativismo.

Uma das surpresas de Eliete foi a produção de pesos para porta. No íntimo, enquanto fazia o curso, ela duvidava que as pessoas pudessem comprar esse utensílio. Quando expuseram os pesos junto com as flores no stand do Walmart, ela se deu conta de que estava enganada.

– Foi um sucesso. Vendemos todas as flores e os pesos de porta. E me surpreendi, porque todo mundo compra. Até hoje, uma das minhas peças mais vendidas é o peso de porta. Eu não parei desde aquela época.

Cursos agregadores, dedicação aos filhos

Aula após aula, curso após curso, os saberes transmitidos na unidade de São Pedro se multiplicaram e diversificaram o aprendizado: roupas customizadas, de fuxico, almofadas, técnicas de patchwork, retirando o máximo de efeito possível dos retalhos emendados nos mais diversos desenhos, bolsas criativas e sofisticadas, bolsas de couro, acessórios como cordões, criados também com retalhos de tecidos, e sandálias decorativas.

– Os cursos foram sempre se agregando um ao outro. Inclusive teve um que foi na área de acabamentos. Aprender a fazer acabamentos. Porque se você faz uma peça bonita sem acabamento ela perde o brilho. O detalhe é o acabamento. Então, nós aprendemos a fazer o acabamento das peças – diz Eliete.

Segundo ela, foi pensando na família que decidiu fazer artesanato, uma atividade possível de conciliar com a maternidade, com a responsabilidade de cuidar dos filhos ainda pequenos, dependentes dos seus cuidados.

– Eu nunca faltei a uma reunião na creche, na escola, porque tenho tempo livre. Eu me programo para pegar minhas encomendas e não deixar meus filhos a desejar. Eu sempre acompanhei a vida deles, levei ao médico. Por isso, optei por essa fonte de renda. Hoje fico aqui recebendo as minhas encomendas. A renda que tem entrado é muito boa. Eu tiro em média um salário. Dependendo do mês, até mais. Por esses dias recebi uma encomenda que, sozinha, deu quase um salário, porque a pessoa tem uma casa de festa, aí ela encomendou todo o material de decoração, como galinha pintadinha, bonequinhos. Eu fiz a galinha, o galo, a borboleta, o pintinho. Foi uma coleção grande.

O sabor da independência

À autoestima despertada em Eliete a partir dos cursos da unidade de Inclusão Produtiva de São Pedro, tornando-a empreendedora individual, veio se somar o prazer de conseguir, sempre que necessário, dar sua contribuição nas despesas da casa.

– Como empreendedora, eu me sinto feliz. Quando vendo uma peça minha, a pessoa a encomenda e eu a entrego, sinto-me realizada. É como se eu ajudasse a realizar a vontade, o desejo, daquela pessoa. Eu fui útil para alguma coisa, eu dei a minha contribuição. Além disso, os meus filhos precisam de caderno para o colégio, por exemplo, eu compro sem depender do meu esposo. Eu compro com o meu dinheiro. O leite da criança que faltou, você não precisa pedir, você tem o dinheiro. Vai lá e compra. É independência. Mesmo que seja um dinheiro pingadinho, pouquinho, ele é seu. E é útil. Hoje eu sou uma pessoa mais feliz. Se eu já era antes, hoje eu sou muito mais.

Olhar para o futuro

De sua casa na rua que, como se fosse um sábio emblema, leva o nome de Rua da Independência, Eliete aponta em direção ao Mirante da Ilha das Caieiras, elogia o lugar onde mora, a praça reformada, a cobertura pelo Vitória Digital com acesso gratuito à internet, a proximidade com a Unidade de Saúde que ali funciona desde 2011 em prédio próprio, mais amplo e que, para ser alcançado, basta "virar a rua". Afirma sentir-se bem em estar perto do comércio, da escola municipal. Enfatiza a transformação operada em sua vida e na vida das pessoas da comunidade com os projetos de Inclusão Produtiva e Inclusão Digital. E pensa no futuro.

– Para o futuro, eu espero aumentar a minha renda, aumentar os meus pedidos de encomenda e abrir uma loja. Abrir uma loja para poder centralizar mais. Eu quero que as pessoas vejam e levem os produtos na hora, ter vendas a varejo e por encomenda. E, hoje, com os meus filhos já maiores, é mais fácil para eu ficar livre e me dedicar a uma loja.

Segundo Eliete, vem já há muito o desejo de abrir um ponto próprio para a comercialização dos produtos que, com tanto afinco, ela cria. O obstáculo, até agora, foi encontrar um local perto o suficiente para que, com facilidade, ela possa levar as peças produzidas em casa.

– A loja vai ser algo muito bom até para os clientes. Muitos deles gostam de conversar. Eles vêm comprar, mas querem bater papo também. Na loja, eles vão ficar mais à vontade para a conversa. Há uma senhora que sempre compra comigo. E ela adora conversar. E eu não penso largar o artesanato nunca. Penso em ter uma linha de produção como tenho hoje. O peso de porta, a galinha, a borboleta, as flores. Quero manter essa linha e acrescentar a ela novos produtos.

Amor pela comunidade

Em sua rotina de criar, produzir e vender as suas peças, Eliete mantém-se permanentemente ligada à comunidade em que vive. Pelo amor, pelo afeto e, também, ao atuar como empreendedora, pela ajuda à movimentação da economia local.

– Eu acho que o que trago de bom para a minha comunidade são as peças que vendo aqui mesmo, que trazem um colorido, uma alegria para a vida e para a casa das pessoas. Há um peso de porta, por exemplo, que vem com uma mensagem de felicidade. A pessoa não vai levar para casa uma coisa só útil, mas também um objeto de decoração, uma alegria, algo a mais. Além disso, a renda que eu faço aqui é gasta aqui no meu bairro. Eu só compro aqui. Até em eventos da comunidade, eu coloquei uma barraca com meus produtos para vender. Então, eu estou acrescentando em alguma coisa.

Por dentro da história

O passo a passo para a autonomia

Na experiência relatada por Eliete Barreto dos Anjos Pereira – com o seu dom natural para a artesania e a criação de peças em tecido como a graciosidade do popular e conhecido fuxico –, está outro exemplo de pessoas apoiadas por programas, projetos e ações municipais de proteção social, de fortalecimento da cidadania, de inclusão produtiva e garantia de uma vida mais digna e menos desigual.

Entre diversas outras ações com foco semelhante, sempre priorizando o protagonismo das pessoas, fazendo-se presente nas comunidades e bairros, atuando para que a proteção social contemple os mais necessitados, desenvolvendo campanhas pedagógicas para elevação e disseminação da consciência cidadã, atenta às mudanças no perfil demográfico da população em decorrência da inserção cada vez mais vigorosa dos grupos de terceira idade em todos os nichos da vida social, a Prefeitura Municipal de Vitória

- Atingiu o nível de gestão plena do Sistema Único de Assistência Social (SUAS) já no final de 2005, passando a ofertar serviços em todos os níveis de atenção da assistência social (básica, de média e alta complexidade).

- Ampliou a rede física de atendimento de 22 para 29 equipamentos.

- Implantou 7 novos CRAS em Gurigica, Antônio Honório, Jucutuquara, Itararé, Inhanguetá, Andorinhas e Resistência.

- Ampliou a rede de Proteção Social Especial de Média Complexidade de 1 para 5 equipamentos. Entre eles, 3 novos Centros de Referência Especializado da Assistência Social (Creas) e 1 novo conselho tutelar, em Maruípe, totalizando dois na cidade.

- Ampliou a rede de Proteção Social Especial de Alta Complexidade de 5 para 15 equipamentos. Entre eles, 5 novos Acolhimentos Institucionais para crianças e adolescentes (Casa-Lar, Casa de Acolhimento Temporário e Centros de Vivência I, II e III); 1 Casa-Lar e 1 hospedagem noturna para adultos; 1 Centro de Atendimento-Dia para população adulta em situação de rua e 2 alojamentos provisórios da Defesa Civil.

- Criou o Centro de Referência da Pessoa com Deficiência (CRPD), que integra a rede de Proteção Social Básica do Sistema Único da Assistência So-

cial (Suas) de Vitória e atende pessoas com deficiência e seus familiares por meio de encontros, oficinas e cursos profissionalizantes.

- Implantou 3 novos Centros de Convivência para a Pessoa Idosa, sendo 1 em Jardim da Penha, 1 em Jardim Camburi e 1 no Centro, além do Núcleo de Integração Social para Pessoas Idosas em Santo Antônio.

- Ampliou o atendimento na área de esporte e lazer e cultura para idosos no Centro Esportivo Tancredo de Almeida Neves (Tancredão).

- Implantou o Núcleo contra a Violência ao Idoso (Nucavi), que funciona com o acompanhamento psicossocial e articulação com a rede de proteção social ao idoso, por meio de encaminhamentos ao Ministério Público, Delegacia de Polícia, serviços de saúde e de Assistência Social. O núcleo recebe denúncias de qualquer tipo de violência (física, psicológica, negligência, financeira, sexual) contra a pessoa idosa.

- Implantou o baile do idoso na Estação Porto – programação cultural na Estação Porto.

Programas

- Implantou o Programa de Renda Mínima Vitória Mais Igual. Instituído pela Lei Municipal 8.182/11, o programa beneficia famílias que residam em Vitória, no mínimo, há dois anos, que tenham renda familiar per capita de até R$ 70,00, que estejam incluídas e com seus dados atualizados no Cadastro Único do Governo Federal e não recebam o Bolsa Família. O programa tem como objetivo reduzir a extrema pobreza por meio do acesso à renda e aos serviços públicos do município. As famílias que atendem a todos os critérios recebem o benefício básico no valor de R$ 50,00 e o benefício variável no valor de R$ 15,00 por criança e/ou adolescente, até o limite de cinco crianças, com idade de zero a 15 anos. Assim, uma família com cinco filhos até 15 anos recebe R$ 125,00 por mês.

- Implantou ainda o Programa Família Acolhedora, política pública municipal de apoio e proteção social especial à criança e ao adolescente. O acolhimento em famílias acolhedoras é provisório e assegura às crianças e adolescentes, vítimas de abandono, negligência e formas múltiplas de violência, o direito fundamental e constitucional à convivência familiar e comunitária.

- Implantou o Programa Família Extensa, tornando Vitória a primeira cidade do Espírito Santo a garantir auxílio financeiro para a família extensa de crianças e adolescentes com direitos violados. Avós, tios e outros parentes próximos de meninos e meninas em situação de risco social, ou que já vivem em abrigo, recebem da Prefeitura um auxílio financeiro para acolher e cuidar das crianças. O subsídio varia de R$ 218,00 a R$ 436,00 por criança ou adolescente, conforme prevê a Lei Municipal 8.173/11.

- Ampliou a rede de Cajuns (Projeto Caminhando Juntos), de 10 unidades, em 2004, para 13, em 2012. Os Cajuns oferecem atividades como capoeira, música, dança, circo, coral, informática, percussão e arte para crianças e adolescentes.

- Implantou o Centro de Referência da Juventude (CRJ). Entre 2006 e 2011, 11.455 jovens participaram das 382 oficinas nas áreas de música, esporte e lazer, arte e cultura. O CRJ também oferece atendimento psicossocial e debates sobre políticas públicas.

- Implantou o Núcleo Afro Odomodê, que oferece atividades culturais para jovens afrodescendentes. No período de 2006 a 2011, 12.480 jovens foram atendidos pelo núcleo.

- Implantou 2 unidades do Projeto Inclusão Produtiva, sendo 1 em São Pedro e 1 em Caratoíra.

- Implantou o Projeto de Acolhimento e Proteção aos Catadores de Materiais Recicláveis, que incentiva os catadores autônomos a trabalharem em conjunto, em associações, garantindo melhores condições de vida e de trabalho, sem exploração e com maior lucratividade. As ações desenvolvidas também buscam incluí-los no processo de coleta seletiva de Vitória. Por meio do projeto, os catadores participam de cursos de capacitação e oficinas de produção de materiais reciclados, como artesanatos, papel e outros.

- Implantou a Política de Segurança Alimentar com criação do banco de alimentos Herbert de Souza (cerca de 9 mil cestas básicas doadas em 2010), restaurante popular (capacidade de atendimento de 2 mil refeições por dia) e o Conselho de Segurança Alimentar e Nutricional.

- No tocante aos Conselhos Municipais de Direitos, a Prefeitura implantou um total de 6: Conselho de Segurança Alimentar e Nutricional, criado pela Lei lei nº 6.364/05; Conselho da Juventude, pela Lei nº 8.165/11; Conselho Municipal de Direitos Humanos, pela Lei nº 6.826/06; Conselho de Segurança Urbana, pela Lei nº 6.902/07; Conselho Municipal de Políticas sobre Álcool e outras Drogas, instituído pela lei 8.061/10, e Conselho Municipal do Trabalho, pelo decreto 13.172/07 .

- Desenvolveu o Programa de Educação de Jovens e Adultos (EJA) para população em situação de rua, em conjunto com a Secretaria Municipal de Educação.

- Aumentou 37% na concessão do Benefício de Prestação Continuada (BPC). Em 2011, foram concedidos 2.043 benefícios. O benefício é concedido pelo governo federal, por meio da Prefeitura de Vitória, assegurando proteção social e qualidade de vida a idosos e pessoas com deficiência.

- Entre as obras em execução, também na área de Assistência Social, a Prefeitura constrói a Casa de Acolhida para crianças e adolescentes em Bela Vista; a cobertura da quadra do Cajun de Andorinhas e o circo no Cajun de Nova Palestina, em parceria com a Petrobras.

CAP. 5

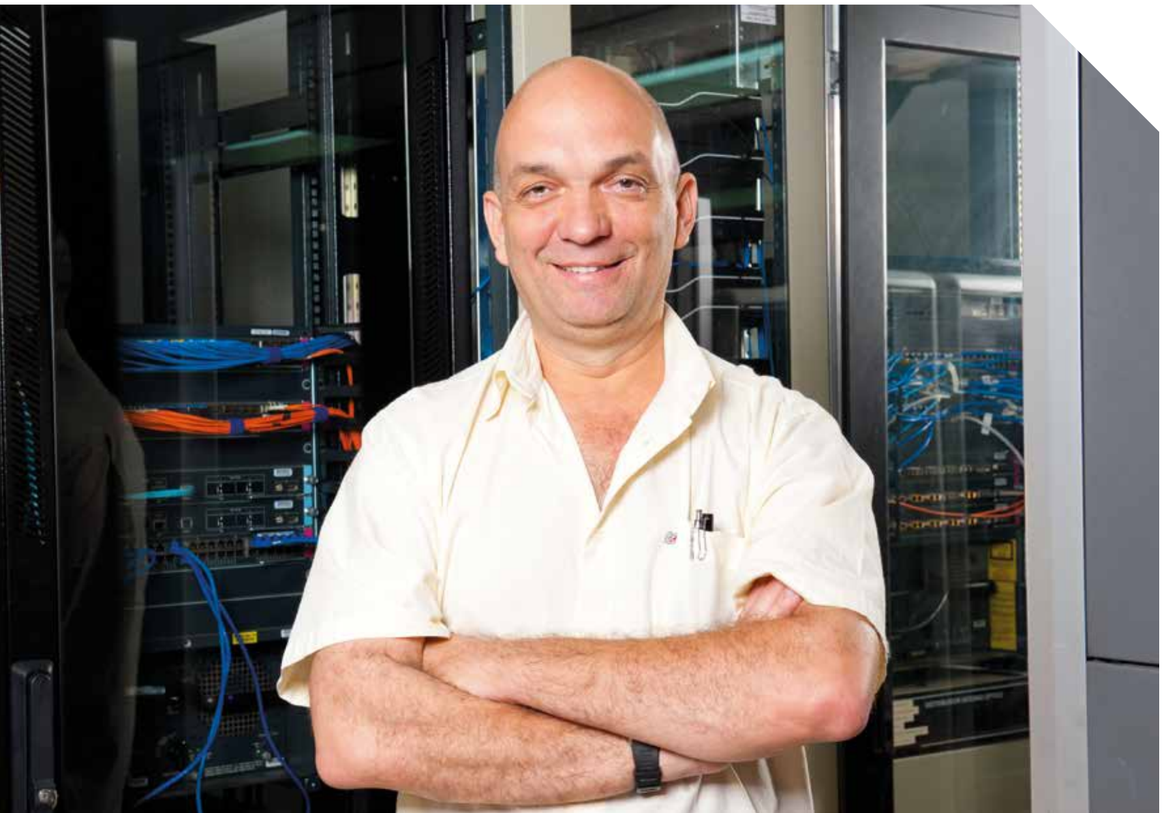
Altas velocidades para o bem comum

Altas velocidades para o bem comum

Eram duas da tarde de um dia quente, abafado, de setembro. Local: a sala do Centro de Pesquisa da Escola Superior de Ciências da Santa Casa de Misericórdia de Vitória (Emescam).

Naquele mesmo momento em que o professor Elisardo Corral Vasquez, coordenador do centro, preparava-se para falar sobre a rede Metrovix, um turbilhão de dados e informações, incessantemente, como em todos os dias, e a qualquer hora, circulava com a rapidez de um cenário de ficção científica pelos entornos de Vitória.

Nove da manhã, também em setembro, mas agora na sala da diretoria do Núcleo de Processamento de Dados da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), onde estava o professor Hans Jorg Andreas Schneebeli, coordenador do comitê gestor da rede Metrovix.



Era outro dia, mas o tráfego de dados (científicos, educacionais, administrativos, entre pesquisadores, entre órgãos públicos, entre escolas, entre Unidades de saúde) prosseguia em seu fluxo contínuo pelos cabos de fibra ótica da rede. Partilhando saberes, partilhando conhecimentos e experiências.

O anel de Vitória

Um centro cirúrgico no qual profissionais médicos analisam a imagem computadorizada que acabaram de processar a partir do exame de um paciente e, antes do diagnóstico, decidem ouvir a opinião de outros especialistas no Brasil ou em outros países. A mãe que transferirá a matrícula do filho para outra escola do município, mas, ao contrário de levar o prontuário do aluno em pacotes de papel ao novo estabelecimento, a própria secretaria da escola-destino acessará as informações do estudante guardadas em um banco de dados disponível a todo o sistema educacional.

Cenas semelhantes às acima descritas não são fictícias. Elas ocorrem neste exato momento por meio da veloz circulação de informações e dados como um dos usufrutos da tecnologia, em seu mais alto grau de refinamento. Entre centros públicos de investigação científica ou educacionais, ou entre órgãos da Prefeitura Municipal de Vitória, em seus sistemas de saúde, de ensino ou administrativo.

Tudo isto por meio da rede Metrovix, a infovia que, como um anel, circunda a cidade.

– A rede Metrovix surgiu baseada num edital da Rede Nacional de Pesquisa, a RNP. A ideia era ligar as instituições de ensino e pesquisa das áreas metropolitanas do Brasil. E uma das primeiras e uma das maiores que existia durante muito tempo foi a de Vitória.

A afirmação é Hans Schneebeli, que, além de coordenador do comitê gestor da Metrovix, é professor de engenharia elétrica da Ufes desde 1979, onde também dirige o Núcleo de Processamento de Dados.

Segundo o professor, a infraestrutura de fibra ótica ao longo de todo o perímetro de Vitória possui vários pares, como se fossem canais de comunicação. Um deles é utilizado para conectar as instituições de ensino e pesquisa, autorizadas pelo CNPq, como a Ufes, o Hospital Universitário, o Hospital da Santa Casa, o Museu Solar Monjardim, o Incaper, o Imetro, o Ifes etc. E desse acordo, desde os primeiros instantes, em 2007, participaram a Prefeitura de Vitória e o Governo do Estado. Em 2007, a prefeitura teve o direito de usar o mesmo canal, em cima do mesmo conjunto de fibras para montar a sua rede.

A PMV e a Metrovix

Em sua sala no Centro de Pesquisa da Escola Superior de Ciência da Santa Casa de Misericórdia de Vitória (Emescam), do qual é coordenador, o professor Elisardo Corral Vasquez também fala com entusiasmo sobre a rede Metrovix.

– A Metrovix usa uma rede de fibra ótica de alta velocidade. Isso já existe comercialmente. Essa rede comercial, porém, tem uma velocidade limitada, e congestionada, e a Metrovix, então, se aproveita de uma rede secundária, pública. Pública, mas não aberta para todo mundo, só para aqueles que trabalham com ensino e pesquisa. Uma rede de alta velocidade com uma visão de estratégia de comunicação. Isso se aplica a todos os campos do conhecimento. O cidadão comum não tem acesso a ela, mas aquele estudante do ensino infantil, fundamental, da Prefeitura de Vitória, na escola dele tem um ponto de acesso a essa rede. Escola, Unidade de Saúde da Prefeitura, todos têm acesso. De maneira que é uma rede privilegiada, voltada para o serviço que a Prefeitura presta a comunidades.

Professor de metodologia de pesquisa de medicina, voluntário na Ufes, universidade pela qual se aposentou e onde tem um laboratório para pesquisas conjuntas com a Emescam em hipertensão e arteriosclerose, Elisardo Vasquez explica que, sem a Prefeitura de Vitória, a Metrovix não teria chegado aonde chegou.

– A Metrovix só sobreviveu até hoje porque levamos anos nos organizando, tentando ver como é que a gente ia fazer o regimento, o estatuto, como é que ia fazer a partilha de responsabilidades, se quando quebrasse a fibra quem a consertaria, quem daria manutenção. Para isso, tem que ter um help desk 24 horas dando assistência. E quem iria fazer tudo isto? Enquanto nada disto se definiu, por anos a Prefeitura bancou. A gente pedia, a Prefeitura ia lá e consertava. A participação, o apoio, da Prefeitura foi fundamental.

Múltiplas aplicabilidades

Tráfego de dados para educação continuada, para ensino a distância ou capacitação de pessoal técnico-científico; pontos de conexão em alta velocidade nas escolas municipais e unidades de saúde; videomonitoramento com imagens em refinada resolução capazes de permitir análises compartilhadas por diferentes estudiosos; teleconferências, debates, transmissão e difusão de conhecimentos. São inumeráveis as aplicabilidades da Metrovix com o seu anel de fibra ótica em volta de Vitória.

– É uma gama enorme de aplicabilidade da rede Metrovix. É uma rede que foi criada para o uso do cientista, mas o cientista não pode usá-la como um troféu a ser guardado no armário. O melhor exemplo é a Prefeitura de Vitória, que disponibiliza isso para as Unidades de Saúde e para as escolas. Quando se diz que a Prefeitura de Vitória tem o melhor serviço de assistência médica nas Unidades de Saúde, em parte isso se deve à agregação dessas tecnologias, no caso, a Metrovix – diz o professor Elisardo Vasquez.

E acrescenta:

– As mudanças de antes e depois do Metrovix podem ser comparadas com o telefone fixo e o móvel. A gente não vive mais sem o móvel. Hoje nós conseguimos trabalhar com imagens de altíssima resolução, com processamento de dados que não congela a imagem. A Prefeitura de Vitória está agora com o Parque

Tecnológico, uma área grande na Ufes, já com contrato assinado. A rede Metrovix estar nesse Parque Tecnológico é fundamental. É tão importante quanto um prédio. Estamos em 2012. Hoje é inimaginável ter um centro tecnológico sem ter uma rede de alta velocidade específica para ensino e pesquisa.

De acordo com ele, a Metrovix serviu inclusive de protótipo para uma interconexão maior, que não abrangerá mais apenas a cidade de Vitória:

– Vitória pode se vangloriar de ser a primeira cidade do Brasil a ter tido um fundo de apoio de ciência e tecnologia, o Facitec, do qual eu sou conselheiro, sou decano homenageado recentemente pela Prefeitura. E há a rede Metrovix. A Prefeitura de Vitória está entre as primeiras cidades do país a se inserir numa rede de ensino e pesquisa de alta velocidade, e agora está servindo de modelo para a expansão dessa rede para a região metropolitana e o estado. É inimaginável o que vamos colher com essas novas tecnologias.

Ideia de coletividade

– O fato de a Metrovix ter sido o embrião dessa ideia de coletividade, de rede, possibilitou, por exemplo, que o Hospital das Clínicas tenha acesso à internet. Se não fosse a Metrovix, seria muito complicado, por ser muito cara uma conexão de alta velocidade. E são várias as aplicações hospitalares, como sites em que você consegue fazer uma aula de anatomia com o conteúdo em 3D – diz Hans Schneebeli.

Outra situação positiva que ele cita é o uso da infraestrutura da Metrovix para acesso a portais como o Programa Telessaúde Brasil Redes, que possibilita ao clínico ou médico do interior solicitar pareceres, consultar um profissional a respeito de um procedimento que, por seu grau de complexidade, exija a experiência de um especialista.

– Ou seja, se há alguma coisa muito complicada para um clínico geral no interior, que está lá na ponta do sistema, entra o especialista daqui, de acordo com a área, e, por teleconferência, eles fazem, juntos, a consulta.

E acrescenta:

– Se um aluno lá no campus de Maruípe/Hospital das Clínicas tivesse que acessar um periódico da Capes, o vídeo de uma operação ou o site onde tenha o atlas humano, não fosse a Metrovix seria inviável para ele, seria muito lento para acessar uma revista médica, as páginas se abririam muito lentamente. Com essa conexão que a gente tem aqui de 1 GB por segundo, não só ele, mas todo o grupo de alunos que está lá consegue acessar o que precisar.

A Metrovix e o cidadão

A abrangência da rede em Vitória é de tal dimensão que, dos 304 prédios públicos, 234 já estão cobertos pela rede.

E, como bem apontado por Hans Schneebeli, a própria Central de Regulação de Leitos do Sistema Único de Saúde (SUS) passa por essa infraestrutura de fibra ótica da Metrovix. Para o cidadão, tornou-se mais fácil se dirigir a uma repartição pública em Vitória, e, pelo acesso ao banco de dados do local, resolver o que necessita. São bancos de dados incorporados ao sistema do Prodest, o Instituto de Tecnologia, Informação e Comunicação do Espírito Santo, o qual, agora, é responsável pela manutenção da infraestrutura da Metrovix.

Do mesmo modo, nas escolas da rede pública, ao dispor de acesso à internet no padrão veloz da Metrovix, o estudante usufrui da profusão de canais de pesquisa disponíveis na rede.

– Uma vez que você tem internet de alta velocidade uma série de possibilidades se abre – afirma o professor. – A Metrovix dá a infraestrutura, e a Prefeitura, a academia, o Estado podem desenvolver vários aplicativos para esse compartilhamento de bancos de dados, inclusive colocar os dados em rede. A Metrovix só dá o suporte para que se desenvolvam esses aplicativos.

Por dentro da história

A tecnologia modernizadora

Os dados e informações que a Rede Metrovix faz trafegar incessantemente por seu anel de fibra ótica que circunda a capital unem pesquisadores, cientistas, acadêmicos, instituições universitárias e difusores de conhecimento, do mesmo modo que aproximam o Poder Público dos cidadãos de Vitória em áreas como saúde, educação e serviços.

A infovia da Rede Metrovix, que contou com a parceria e apoio desta gestão municipal desde o início, proporciona alto desempenho na troca de informações, possibilitando melhor qualidade no atendimento dos serviços demandados pelas pessoas ao Poder Público. Dos 304 prédios da administração municipal, por exemplo, 234 estão interligados pela rede de alta velocidade, que já alcança 140 km de extensão e conecta os sistemas de educação, saúde e serviços.

Entre outras ações modernizadoras destinadas a dotar a cidade de instrumentos que a sintonizem com a evolução tecnológica e os benefícios oriundos da alta tecnologia, organizando e reordenando a cidade para o futuro, a exemplo do projeto em parceria com o Governo do Estado para o Parque de Ciência e Tecnologia do Espírito Santo, a Prefeitura Municipal de Vitória

- Realizou importantes investimentos em infraestrutura de tecnologia da informação, como a aquisição de 41 servidores de dados físicos, 144 servidores virtuais, 1 gerador de energia e 273 unidades interligadas em fibra óptica num total 304, além da instalação de 9.102 instalações de trabalho entre 2007 e 2012. E a rede Metrovix também será utilizada como suporte ao projeto de rádio móvel de comunicação de voz para uso dos agentes municipais de trânsito, agentes comunitários de segurança, fiscais ambientais e vigilância patrimonial, dentre outros.
- Implantou também a Nota Fiscal Eletrônica (NFS-e), documento fiscal emitido e armazenado eletronicamente no Internet Sistema do ISS – ISISS, da Prefeitura Municipal de Vitória, com o objetivo de registrar as operações relativas à prestação de serviços.
- Ampliou a Central de Videomonitoramento de 8 para 42 câmeras, como reforço à segurança e à fiscalização do trânsito da capital, mas igualmente como ferramenta para maior conhecimento das necessidades do município. A central está associada ao Centro Integrado de Defesa Social (Ciodes), que aciona os policiais em ocorrências nas ruas. Cada câmera tem alcance de registro de imagens de mais de um quilômetro.
- Implantou o Sistema de Acompanhamento de Obras, que permite acompanhar on-line a execução de obras e serviços sob a responsabilidade do município. É possível ao cidadão pesquisar obras por área temática, região administrativa e/ou estágio de execução. A pesquisa também pode se limitar a apenas obras e serviços do Orçamento Participativo.
- Informatizou toda Rede Municipal de Saúde.
- Implantou o Sistema de Gestão Escolar (SGE), iniciado pelas 53 EMEFs. Colocado em prática em 2010, por meio de um projeto piloto na Emef Adevalni Sysesmundo, em Jardim Camburi, o SGE mostrou-se extremamente eficiente. O marco inicial foi a realização da rematrícula on-line, com a participação direta de 751 pais e responsáveis. O SGE atende às áreas administrativa, educacional e gestão da escola.
- Implantou o sistema Fala Vitória 156, canal de comunicação que coloca o cidadão em contato direto com a Prefeitura para receber informações, dar sugestões, fazer reclamações ou solicitar serviços. O atendimento está disponível de segunda a domingo, das 6 horas à meia-noite, incluindo feriados.
- Gerencia 82 sistemas próprios, desenvolvidos e mantidos pela administração, além de 22 sistemas de terceiros hospedados.
- Implantou o Vitória em Dados, página do Portal Institucional do município constantemente atualizada com uma enorme diversidade de informações estatísticas disponibilizadas aos cidadãos;
- Criou o Guia de Serviços da Prefeitura de Vitória, on-line, para consulta gratuita dos cidadãos, como mais de 600 serviços municipais cadastrados, e o Vitória Digital, para acesso da população à internet por meio de dez áreas gratuitas na capital.
- Assinou protocolo de compromisso em que o Estado e o município se comprometem a investir R$ 40 milhões no Parque de Ciência e Tecnologia do Espírito Santo nos próximos dois anos. Serão R$ 30 milhões investidos pelo Governo do Estado e R$ 10 milhões pelo município. Os recursos são para a construção e operação do Centro de Inovação, que será a primeira edificação do Parque Tecnológico. O empreendimento será erguido na região de Goiabeiras, nas proximidades do Galpão das Paneleiras e da Faculdade Univix.

CAP. 6

Escola: onde cabem todos os sonhos

Escola: onde cabem todos os sonhos

Assim que leva os filhos Marina, de 12 anos, e Gabriel, de 8, para as aulas do período da tarde na Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) Ceciliano Abel de Almeida, em Itararé, a dona de casa Aparecida Miranda sonha os mesmos sonhos comuns e sempre tão fortes no coração de uma mãe: que os garotos estudem, que se destaquem na vida, que tenham a instrução completa que tanto ela quanto o marido, infelizmente, não puderam ter.

Quem sabe um deles possa no futuro vir a ser, por exemplo, advogado ou juiz, sonha a mãe. Ou professor, se a profissão, como tem observado Aparecida por vezes nas relações entre alunos e mestres em sala de aula, não seja hoje tão fácil em qualquer parte do país. Mas Aparecida sonha. Lembra-se de sua infância muito pobre e sofrida na roça, devido às dificuldades do pai, e lamenta não ter tido a possibilidade de ir além da quarta série.

De seu tempo de menina em Venda Nova do Imigrante, junto com nada menos do que 11 irmãos, ela se recorda da frase que certa vez seu pai proferiu aos filhos, uma frase que bem retrata o árduo caminho de carência que percorriam. "É contra a minha vontade, mas se algum de vocês quiser sair de casa para trabalhar, vocês podem ir".

– Isto porque, coitado, ele não tinha como dar calçado para a gente, nem roupa, e comida muito menos. A gente comia chuchu, inhame cozido na água, tinha vez que era quase todo dia, ou a gente comia na escola, porque em casa não tinha comida. Era muito sofrido. Então, você vai estudar e aprender como, se não tem alimentação boa? – lembra Aparecida.

Quando os filhos de Aparecida ultrapassam os portões da Escola Ceciliano Abel de Almeida, portanto, os sonhos dela se revigoram. Com todas as razões e as justificativas mais que legítimas.

Realizar sonhos pela participação

Aparecida, que chegou para morar em Vitória quando não completara ainda 10 anos, está casada há 14 com Romildo Lopes Rodrigues, dono de um bar na Rua Doutor Arlindo Sodré, e com quem teve, além de Marina e Gabriel, a filha mais velha, Jéssica, de 19. Do estabelecimento comercial do marido, onde, à noite, ela encontra tempo para ajudar no orçamento com a venda de churrasquinhos na calçada, bastam alguns passos para se alcançar uma das entradas da escola. É só atravessar a rua.

Antes de serem matriculados na Ceciliano Abel de Almeida, Marina e Gabriel frequentaram o Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) Santa Rita de Cássia, enquanto Jéssica, antes ir cursar o ensino médio em um colégio do Estado, estudava na Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) Otto Edwald Júnior. Todas essas escolas situadas ali mesmo, no bairro Itararé, com distâncias de apenas alguns quarteirões entre elas.

A proximidade entre a residência e a escola não é, porém, o motivo principal para que Aparecida advogue com a mais firme de suas convicções a presença dos pais na vida escolar dos filhos. Lamenta que nem todos pensem assim, mas, de sua parte, se tem reunião na Ceciliano Abel de Almeida, ela com certeza estará presente. A ideia de participação, que está na essência da vida de uma cidade, que guia a transformação de cidadãos passivos em protagonistas de suas histórias, parece muito bem introjetada na consciência de Aparecida.

– Eu sempre fui a reuniões. Gosto de participar. Acho importante. Acho importante para os filhos verem que a gente está se preocupando com eles, que os pais estão presentes. Quando tem reunião, eu sempre vou. Procuro saber como eles estão indo nos estudos, com os professores, o comportamento deles na escola.

Espaço escolar, espaço comunitário

Já quase na hora do almoço, sentada em uma das mesas do estabelecimento do marido, com a vida do bairro a seguir o seu curso – vizinhos que passam,

crianças que brincam e fregueses que entram e saem do bar –, Aparecida sintetiza com lucidez a sua compreensão do papel da comunidade na vida da escola, complementar às ações da política educacional da Prefeitura.

Elogia o diretor Anderson Gonçalves da Silva pela forma como se relaciona com os pais e com os alunos, e o classifica como um amigo da comunidade.

– Além de ser diretor, ele é amigo, se preocupa com os alunos. Quando acontece alguma coisa, ele procura conversar com os pais ou com o aluno. Ele senta e explica, é assim e assado. Mas na hora de ser duro, ele é duro, porque às vezes é preciso ser duro, não é? Mas ele é ótimo, corre atrás para fazer melhorias na escola, como o projeto Escola Aberta. Eu achei isto muito importante. Os meus filhos hoje frequentam pouco, porque, no sábado, eles fazem catecismo. Mas até os adultos têm o dia de jogar bola na quadra, à noite.

De sua parte, o olhar atento para as dependências da escola que funciona em novo prédio desde 2009 ajuda no zelo pelo bem público, bem comum, que pertence à população. Se cresceu mato em tal lugar, avisam o diretor. Se o lixo está em lugar incorreto, mostram.

– O Anderson estimula essa participação. Pena que muitos pais fiquem afastados. Isso reflete, sim, na educação dos filhos. O ensino pode melhorar se tiver mais participação da comunidade, dos pais na escola.

Já é noite no bairro Bela Vista

Desde a laje simples, sem acabamento, da casa onde Katiane Linhares da Silva mora de aluguel com a mãe na Rua Mário Rosendo, no bairro Bela Vista, pode-se avistar o Santuário de Vitória, a Prainha de Santo Antônio, o Morro da Fonte Grande, e, mais ao fundo, a cidade de Cariacica. São sete da noite. O céu esteve carregado de nuvens nas últimas horas, ameaçou chover, mas a chuva, por fim, não veio, nem desfez em aguaceiro a noite agradável, com um pouco de vento, com um pouco de frio.

Ainda há pouco, Katiane chegou da caminhada que fez pelas redondezas. Tem 26 anos. Depois da separação, voltou a morar com a mãe, Maria da Penha Linhares Ferreira. Ali ela vive com as três filhas: Nívea, Nicole e Sofia, esta de apenas seis meses. E se fosse possível definir a personalidade de Katiane por meio de palavras, algumas teriam de estar na lista, como extrovertida, simpaticíssima, comunicativa e otimista. E rigorosa. E dedicada à criação das filhas:

– Você muitas vezes não tem dinheiro, mas tem que ter valores, e um desses é dar valor e respeitar a família – ela afirma.

A trajetória educacional das duas meninas maiores seguiu até o momento o seguinte percurso: Nívea, de 8 anos, começou os estudos no Centro Municipal de Educação Infantil Darcy Vargas, em Santo Antônio. Lá ficou até os 6 anos e cursa agora a segunda série em período matutino na Escola Municipal de Ensino Fundamental Heloísa de Abreu Juntes de Matos. Sua irmãzinha Nicole, de 5 anos, também inaugurou a vida escolar no CMEI Darcy Vargas, onde permaneceu durante dois anos, e prossegue os estudos em período integral no CMEI Álvaro Fernandes Lima, em Bela Vista, inaugurado pela Prefeitura em 2010.

Com 3.783 m² de área, esta nova unidade escolar atende crianças de seis meses a seis anos dos bairros Bela Vista, Inhanguetá, Estrelinha e adjacentes, oferece infraestrutura moderna com biblioteca, aulas de dança, artes, informática e outras atividades extracurriculares, e é resultado do redirecionamento de investimentos da gestão municipal para melhorias demandadas pelos próprios moradores no Orçamento Participativo, entre obras e serviços.

De imediato, uma das consequências da matrícula de Nicole na Álvaro Fernandes Lima – que será também o destino escolar da pequena Sofia assim que completar um ano de vida – foi a participação de Katiane no conselho de classe da escola.

– O conselho de classe se reúne para falar sobre os problemas do CMEI, sobre as atividades que serão feitas durante o ano, sobre reuniões que deverão ser organizadas. Eu estou gostando muito dessa gestão da diretora Jaqueline. Ela veio da Secretaria de Educação e abriu o CMEI. Quando ela veio, não tinha nada – afirma.

CMEI mais bonito de Vitória

Com a maneira sempre positiva de ver a vida, Katiane não aprisiona o seu entusiasmo em relação à escola e declara em alto e bom som:

– Ele é o CMEI mais bonito e mais bem-planejado de Vitória.

História de acompanhamento e participação Katiane possui para tecer esses elogios ao centro, ela que acaba de passar nas provas do Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes) para cursar metalurgia, e que também vai iniciar o curso de eletricista industrial no Serviço Nacional da Indústria (Senai).

Ela conta como tudo começou:

– Eu acompanhei aquele CMEI desde quando ele estava na planta. O presidente da comunidade ajuntou a gente e fizemos um abaixo-assinado, porque a gente precisava de um CMEI aqui em Bela Vista. Conseguimos. Todos nós trabalhamos juntos para chegar aonde o CMEI está, que acabou entrando como prioridade do Orçamento Participativo desde bairro pelo município. E hoje o CMEI está muito bonito, bem-equipado, bem-organizado. Ele tem sala de tudo. A criança se sente mais segura. Eu tenho confiança de sair e deixar a Nicole lá o dia todo, das sete da manhã às cinco da tarde.

CMEI em cada bairro

Feliz pelo fato de Nicole já identificar as cores, de ser capaz de contar até 20, de escrever o próprio nome, e, se ditado, de colocar na folha do caderno todo o alfabeto mais os nomes do pai, da mãe e da avó, Katiane confessa que não teria como trabalhar tranquila se não houvesse um CMEI em Bela Vista.

– Eu tenho segurança de saber que ela está sendo bem-cuidada. Até melhor do que em uma creche particular, porque ali as pessoas têm amor pelo que estão fazendo. Não tenho o que reclamar nem de professor, nem de pedagogo, nem de direção, nem de auxiliar. Eu só peço que, se acontecer alguma coisa, escrevam para mim na agenda. Tem a agenda para a gente se comunicar. A Nicole traz todos os dias.

Segundo Katiane, na região em volta de sua casa – que inclui Bela Vista, Santo Antônio, Grande Vitória, Inhanguetá, Santa Tereza, Caratoíra, Mário Cipreste, Ilha do Príncipe –, todos os bairros têm um CMEI, esse equipamento essencial à vida comunitária de qualquer cidade. E observa que o próprio CMEI Álvaro Fernandes Lima ostenta uma importância enorme pelo atendimento a aproximadamente 600 crianças.

– O CMEI foi muito bom para o nosso bairro, para que as mães e os pais possam trabalhar com tranquilidade – constata Katiane.

ProJovem

Katiane mira o futuro com perseverança. Moradora de uma região pobre de Vitória, trabalhando no momento como diarista, ela terminou o ensino fundamental pelo ProJovem ofertado pela prefeitura no bairro Santo Antônio. Encerrou o curso em 2010, depois de um ano e seis meses. Surgiu, então, a inscrição no Ifes, pelo Proeja. Com a tenacidade de sempre, ela fez a prova e passou, com base no sistema de cotas concedido aos inscritos que haviam feito o ProJovem.

– E vou começar o meu ensino, porque terminar a gente nunca termina – diz, sorrindo. – Meu sonho é trabalhar em indústria. Futuramente, eu pretendo fazer a faculdade de petróleo e gás, metalurgia e mecânica.

Não é outro o destino que ela imagina para as filhas.

– Quero para elas uma bela educação, uma formação. Antes de eu morrer, eu vou vê-las se formando na faculdade, as três. Em escola pública, na Ufes ou em qualquer outra federal. Igual eu vou me formar pelo Ifes. Eu vou fazer lá o técnico integrado com o ensino médio, metalurgia integrado com o médio, quatro anos de curso. Pretendo estudar para dar um futuro melhor para a minha família, para as minhas filhas. Ter um lugar nosso, uma casa, um carro. Não sonho em ficar rica, mas em ter estabilidade e dar isso para a minha família.

Vitória vitoriosa

Vestida com uma camisa de malha verde, com brincos, um cordão dourado e uma pregadeira de flor no lado esquerdo do cabelo, bermuda de lycra, tênis pretos e meias brancas, Katiane olha para a noite que cobre o bairro Bela Vista, olha para os pontos de luz na noite de Vitória, possíveis de ver desde os altos de sua laje simples, e confessa, como se falasse do fundo coração:

– Vitória é a melhor cidade que existe. Acho que no Brasil é a capital que tem melhor condição de vida. Aqui eu tenho saúde, educação de qualidade. Eu conheço o Rio de Janeiro, a Bahia. Passeis seis meses no Rio e morria de saudades daqui. Vitória é pequeno, tem tudo pertinho, Unidade de Saúde, o Centro, logo ali. E, como o nome diz, Vitória é vitoriosa. Aqui é o lugar em que eu quero terminar de construir a minha história. E é aqui que as minhas filhas vão construir a história delas.

Por dentro da história

A educação compartilhada

A vida escolar dos filhos de Aparecida Miranda e Katiane Linhares da Silva, conforme ambas relatam no capítulo anterior, é um bom exemplo do sistema educacional de Vitória, uma das áreas que mais recebeu atenção da atual gestão do município, com recursos, obras e capacitação profissional, especialmente para as regiões mais necessitadas da cidade. E sempre compreendendo a escola como espaço público de construção da cidadania, em permanente interação com a comunidade, gerida em conjunto com as famílias, com estímulo à participação democrática por meio dos conselhos e também de grêmios estudantis desde a educação infantil.

Entre outras ações abrangentes de uma política educacional reconhecida como uma das mais modernas do País, com ampla cobertura dada a crianças, jovens e adultos, com valorização e capacitação consecutiva do quadro de servidores e pessoal do magistério, aliando equipamentos pedagógicos de ponta a uma rede física sempre bem-cuidada, a Prefeitura Municipal de Vitória

- Criou o Programa Educação em Tempo Integral, atendendo 7.257 crianças em EMEF's e CMEI's, num total de 84 escolas.
- Atende 1.276 crianças na Educação Especial, com a manutenção de 10 salas com recursos multifuncionais, além de manutenção gradativa dos prédios escolares com a construção de rampas e banheiros acessíveis.
- Matriculou 181 crianças com deficiência na rede municipal e beneficiárias do Benefício de Prestação Continuada (BPC) pessoa com deficiência.
- Ampliou e requalificou o Programa Escola Aberta, iniciativa federal, mantida com a parceria de Estados e prefeituras. Por meio do programa, são oferecidas diversas atividades nas escolas de ensino fundamental, durante os finais de semana. O objetivo é contribuir para a inclusão social, o exercício da cidadania, a melhoria da qualidade educacional, a integração entre escola e comunidade e a construção de uma cultura de paz.
- Reestruturou o Programa Alimentação Escolar, com a oferta de produtos orgânicos, contratação de nutricionistas para orientação na elaboração dos cardápios e seleção de produtos e acompanhamento a dietas de crianças com restrições alimentares.
- Distribui, desde 2007, uniforme completo para todas as crianças matriculadas no ensino infantil, fundamental e de educação de jovens e adultos.
- Criou a Escola de Educação de Jovens e Adultos Emef Prof. Dr. Admardo Serafim de Oliveira e ampliou a oferta desta modalidade para os turnos matutino e vespertino.
- Criou o Espaço Pé-de-Moleque para atendimento ao Programa Educação em Tempo Integral e que promove atividades esportivas para estudantes da rede municipal de ensino e também para a comunidade capixaba. O espaço, localizado no Centro da capital, foi totalmente reestruturado, com equipamentos modernos e adequados às práticas esportivas oferecidas. Semanalmente, são atendidas mais de 900 crianças e adolescentes, entre 5 e 16 anos, nas modalidades de capoeira, judô, ginástica artística e tênis de mesa.
- Reduziu gradativamente o parâmetro de alunos/sala de aula, criando ambiente mais adequado ao processo de ensino e aprendizagem de acordo as resoluções 06/2009 e 07/2008 do Conselho Municipal de Educação de Vitória (Comev).
- Desenvolveu ações de valorização do magistério, assegurando carga horária de planejamento para todos os professores, conforme Lei nº 11.738/2008.
- Reestruturou o Plano de Cargos, Carreiras e Vencimentos do magistério, corrigindo distorções, atualizando a tabela salarial e permitindo a progressão dos profissionais de magistério ao longo de toda a carreira.
- Realizou 5 concursos para pessoal do magistério e concursos públicos para os cargos de assistente de educação infantil, bibliotecário, nutricionista e assistente administrativo.
- Realizou concurso para profissional com formação em Educação Física e Artes (professor dinamizador), para atuação específica na educação infantil.
- Manteve, em parceria com o governo federal e Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), o Polo Universidade Aberta a Distância. O polo funciona no espaço alternativo da EMEF Álvaro de Castro Matos, em Jardim da Penha.
- Realizou obras para implantação do Centro de Formação de Professores no 3º andar do prédio do novo CMEI de Consolação.
- Implantou o Projeto Monitoria em escolas municipais de ensino fundamental (EMEFs) de Vitória. O projeto possibilita a alunos cotistas da Ufes, matriculados nos cursos de Geografia, História, Letras, Pedagogia, Artes

Visuais, Matemática e Ciências Biológicas, atuarem como monitores em suas respectivas áreas de estudo.

- Realizou três edições da Mostra Científica-Ambiental e Cultural, envolvendo alunos e professores da rede municipal de ensino.
- Ampliação da rede municipal de ensino em 20 novas unidades:
- Foram municipalizadas 5 escolas de ensino fundamental (Adão Benezarth, Ronaldo Soares, Paulo Roberto Vieira Gomes, Regina Maria Silva e Custódia Dias de Campos);
- Criadas 11 novas escolas (EMEF Grande Maruípe, Adilson da Silva Castro, Maria Leonor Pereira da Silva, Maria Madalena de Oliveira Domingues, Amilton Monteiro da Silva, Zenaide Genoveva Marcarini Cavalcante, Octacílio Lomba, Lenir Borlot, Paulo Reglus Neves Freire e CMEI Silvanete da Silva Rosa Rocha e Geisla da Cruz Militão);
- E construídas 4 novas escolas (CMEIs Álvaro Fernandes Lima, Terezinha Vasconcellos Salvador, Gilda de Athaide Ramos e Georgina Trindade Faria).
- A Prefeitura igualmente construiu novos prédios para 5 escolas existentes – EMEFs Moacyr Ávidos, José Áureo Monjardim, Ceciliano Abel de Almeida, Edna de Mattos Siqueira Gaudio e CMEI Ana Maria Chaves de Colares.

Ampliação ou reformas de 16 escolas:

- EMEF Castelo Branco
- EMEF Elzira Vivacqua dos Santos
- Ampliação da EMEF Heloisa Abreu Júdice Matos
- EMEF Izaura Marques da Silva
- Ampliação da EMEF João Bandeira
- EMEF Maria Stella Novaes
- EMEF Mauro Braga
- CMEI Darcy Vargas
- CMEI Ocarlina Nunes Andrade
- Reforma da EMEF Alberto de Almeida
- Reforma e ampliação do CMEI Dr. Pedro Feu Rosa
- Reconstrução do telhado da EMEF Vercenílio da Silva Pascoal
- Reforma da EMEF Otacílio Lomba
- Reforma do pátio coberto do CMEI Darcy Castelo de Mendonça
- Ampliação do CMEI Jacynta Ferreira Simões
- Reforma do CMEI Zenaide Genoveva
- Também construiu 7 novos prédios que substituirão as seguintes escolas já existentes: EMEFs Grande Maruípe, Paulo Freire, Alvimar Silva, Prezideu Amorim, São Vicente de Paulo e CMEIs Silvanete da Silva Rosa Rocha e Theodoro Faé.
- Construiu 4 novas unidades de ensino: CMEIs Consolação (Centro de Educação Unificado), Gurigica (Jaburu), Tabuazeiro e EMEF Ilha de Santa Maria.
- Executou obras de reformas e ampliação em execução em 4 unidades de ensino: CMEI Padre Giovani Bartesaghi e EMEF Álvaro de Castro Mattos, Juscelino Kubitschek e Otacílio Lomba
- Pôs em andamento o Programa de Levantamento da Situação Escolar (LSE) de toda a rede física, espaços existentes, estado de conservação e acessibilidade, em parceria como governo federal.
- Implantou o Sistema de Avaliação do Município de Vitória (SAEMV), por meio da Lei 8.051/2010. O sistema visa aferir a qualidade da educação ofertada ao munícipe de Vitória e envolve todo o coletivo escolar.
- Ampliou laboratórios digitais para toda a rede de ensino fundamental. Atualmente, todas as 53 escolas de ensino fundamental possuem laboratórios e 25 delas possuem lousa digital. Na educação infantil, das 46 unidades de ensino, 36 possuem laboratórios e 17 contam com lousa digital.
- Adquiriu 43 lousas digitais para as unidades de ensino.
- Implantou o sistema de gestão escolar em todas as escolas de ensino fundamental com informatização da matrícula, boletim e registros escolares, e implantação da pauta eletrônica.
- Implantou o Portal da Educação, ambiente virtual informativo e interativo para a comunidade escolar, o qual permitirá às escolas postarem e compartilharem suas ações.
- Implantou o Programa Vitória Musical em 2007, atendendo a 6 unidades de ensino.
- Aumentou em 81% o custo/aluno. Em 2011, o custo médio por aluno foi de R$ 5.874,61/ano.

CAP. 7

A terra, a cidade, as pessoas

A terra, a cidade, as pessoas

Quis o destino que dona Antônia Ana Soares Cupertino não possa hoje expressar, com palavras, o significado de uma moradia humanamente digna depois de ter vivido 24 anos em área de risco, em casa de tábuas, com o perigo de choque elétrico ou de desabamento rondando com frequência a vida dela e dos filhos – quatro homens e três mulheres. Vitimada por sete AVCs, dona Antônia é agora cercada de cuidados especiais pela família, mas as ameaças de um acidente que pusesse sua antiga casa abaixo ficaram para trás.

Sentado em um banquinho de frente para o Residencial Mar Azul, em Jesus Nazareth, na Poligonal 5, um dos filhos de dona Antônia, o técnico em refrigeração e eletricidade José Carlos Soares Cupertino, aguarda o contato de um cliente.

A esta hora da manhã, há pouquíssimo movimento na Rua Afonso Sarlo. A calma é tão aprazível que algumas crianças aproveitam para lançar suas pipas em direção ao belíssimo azul do dia.

Ao final da rua, há o píer construído pelo município, a curta distância de onde se localiza o residencial com suas 41 casas de dois andares cada, primeira obra do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), do governo federal, em Vitória. Esta ação da Prefeitura de Vitória faz parte do Programa Terra Mais Igual e as obras foram executadas pela Secretaria de Habitação (Sehab), com recursos do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), no valor de R$ 3,1 milhões.

Lançado em 2005, como nome fantasia do Programa Integrado de Desenvolvimento Social, Urbano e de Preservação Ambiental em Áreas Ocupadas por População de Baixa Renda do Município de Vitória, o Terra Mais Igual recebeu este nome ainda em 1997 e surgiu a partir de um projeto mais antigo, o Projeto São Pedro. O programa, porém, não se resume a seu componente habitacional. Vai muito além, como iniciativa da gestão da Prefeitura que reúne, entre outras, ações de inclusão social e produtiva, infraestrutura, planejamento urbano, meio ambiente e participação popular.

Enfim, a segurança

Em uma das casas do residencial, vive agora dona Antônia. Para tranquilidade da família, para tranquilidade do filho José Carlos:

– Eu sou muito realista em dizer isso e eu quero ser categórico: minha mãe ter ganhado essa casa da Prefeitura foi Providência Divina. Minha mãe, depois que ela desceu de lá, daquela dificuldade para subir, dificuldade de se locomover. A casinha da minha mãe era de tábua, oferecia risco, elétrico, risco de estrutura. Foi retirada de lá e foi colocada aqui na casinha dela. Nós somos quatro filhos homens e três mulheres, temos que ficar assessorando direto no caso de saúde, e para nós saber que minha mãe tem segurança, tem um banheiro de qualidade, é muito bom. Antigamente, o banheirinho era de tábua, não tinha como se locomover, era em cima de uma pedra.

Atrair as boas coisas

Com 40 anos, nascido em Domingos Martins, José Carlos é casado com a confeiteira Adeilde França Cupertino e pai de cinco filhos. Mora em Vitória desde os 4 anos de idade.

– O condomínio aqui tem três anos. Antes eu morava lá na área da matinha, área de preservação ambiental. No bairro, eu já moro há 36 anos. Minha mãe morava em área de risco, isso a fez sair de lá. Eu era de uma área de preservação, onde fiquei 16 anos. A vida lá em cima tinha outra realidade. Você não tinha expectativa de melhora. Depois que eu vim para cá com a minha família, um monte de coisas boas foram atraídas.

Já com o seu segundo carro, um Palio Weekend, formado em cursos técnicos pelo Senai, com clientela que vai à sua porta com aparelhos para consertar, José Carlos diz que não há comparação com o que viviam antes da construção do Residencial Mar Azul pelo município:

– A qualidade de vida agora não pode ser comparada com a de antes. A de antes, você vivia igual a rato de laboratório, viver para comer. Hoje em dia, não, você pode pensar num futuro melhor. Você não tem problema de moradia, não tem problema estrutural na moradia. Meus filhos têm uma boa escola, têm uniforme. Eu tenho um filho, por exemplo, que participa de um projeto de música na escola, ele entra uma hora da tarde e saí às sete e meia da noite.

Ao se lembrar do dia em que foi inaugurado o residencial, José Carlos se emociona:

– Tinha já 12 anos que estava "agarrado" e o Programa Terra não saía. Em 2005, a Prefeitura mudou o que tinha de mudar e colocou o negócio para funcionar. Tirou minha mãe lá de cima e a colocou nessa casinha. E essa casinha é um luxo. Dois quartos, um banheiro, uma área de serviço, sala, uma boa cozinha. A dela é na frente da rua, a minha é na parte de trás. Minha irmã mora com ela. Antes morava sozinha, mas agora está debilitada e não pode ficar sozinha.

Vitória de oportunidades

José Carlos aponta para sete carros populares estacionados na frente do residencial e diz que todos pertencem aos moradores. E observa: moradores que estavam ou em moradias condenadas ou na reserva ambiental. Mostra a obra da nova escola de ensino fundamental do bairro, em construção na frente de sua casa, e afirma que vários vizinhos seus no residencial fazem faculdade.

– Cresci com a visão de ser pobre e morrer pobre, no sentido de não ter direitos. E eu agradeço Vitória por ter me dado chance. Vitória deu para o meu filho material escolar e uniforme, que não davam no meu tempo de estudante. Deu para o meu filho lazer e cultura. Meu filho vai ao Planetário, vai ao cinema, participa de projetos, tudo por conta da Prefeitura. Vitória é um berço que acolhe muita gente.

José Carlos olha em volta e diz que consegue ver da porta de casa a escola da filha. Orgulha-se da proximidade com dois supermercados, com a Avenida Beira-Mar e o Shopping de Vitória, e se vangloria de ter uma quadra poliesportiva a um passo de sua residência, também construída pelo Programa Terra Mais Igual.

– Vou ser sincero: eu percebo na Prefeitura e no prefeito muito carinho quando se trata de criança, da educação da criança. E também uma grande preocupação com a área de saúde. A gente sempre teve problema nessa área, mas agora a Unidade de Saúde da Praia do Suá é de alto nível, com elevador, marcação de consulta de urgência.

A vida em cima de pedra

Vizinho de dona Antônia e José Carlos, o pescador Flávio da Conceição Barbosa também deixou o alto Jesus de Nazareth por uma das casas do Residencial Mar Azul, por intermédio do Programa Terra Mais Igual. Flávio é pai de cinco filhos, com idades variando de seis a 21 anos, e viveu em área de risco 32 dos seus 39 anos.

– Minha casa estava condenada, por ser em área ambiental. Comparando com onde eu morava, eu estou no paraíso. Lá em cima, pelo amor de Deus, era perigoso viver num lugar condenado, em cima de pedra, com mato. Para subir, tinha de carregar. Aqui já tem tudo na porta, gás, compras, o conforto, a segu-

rança, tem a quadra de esportes, e minha família está bem mais feliz, com certeza. Eu acho bacana esse Programa Terra. Eles nos tiraram de uma área ocupada e nos deram outra bem melhor, melhorando o estilo de vida das pessoas. Vivemos com mais dignidade.

Um balde aqui, uma lata ali

Oito horas da manhã. Rua Cabo Paraíba, 225, Floresta, no território da Poligonal 1. Durante 22 anos, dona Creuza Gaspar Vieira viveu neste mesmo endereço em um barraco de madeira. Ou "de tábuas", como ela diz. Se chovia, era preciso colocar no assoalho uma panelinha aqui, um balde ali, uma lata acolá, porque as goteiras se espalhavam por todo o ambiente. De quando em quando, devia-se trocar uma ou outra tábua que começava a se apodrecer.

Casada há 26 anos com o aposentado Jocimar Gomes da Silva, mãe de dois filhos do primeiro casamento, de 48 e 47 anos, e um enteado de 32, dona Creuza nasceu em Santa Leopoldina e veio ainda adolescente para a capital.

Muito dinâmica, cuida da saúde do esposo, que contraiu silicose pulmonar pelo trabalho de 32 anos em pedreira e, não bastasse isto, sofre com o glaucoma que já lhe retirou uma das visões, tem artrite e reumatoide. Aos sábados, dona Creuza prepara a merenda de 84 crianças para as atividades de evangelização no centro kardecista do bairro, e, nas tardes de terça-feira, lidera um grupo de terceira idade, na Unidade de Saúde de Consolação.

Ela conta como era a vida na casa anterior:

– A gente tinha que serrar as tábuas e emendar por baixo. O banheiro era do lado de fora, não tinha conforto nenhum. A gente saía da porta da cozinha, tinha uma área grande atrás, coberta com telha, aí entrava no banheiro. No frio? Já pensou você enroladinha, debaixo da coberta, ter que tirar tudo e ir lá fora, no banheiro? Assim foi a nossa vida.

De pouco em pouco

Antes de chegar com a família à Rua Cabo Paraíba, dona Creuza morou no bairro São Pedro, e, depois, em Cariacica, no Canaã. No novo endereço, pagava aluguel do barraco de madeira, até que surgiu a chance de adquirir o terreno.

– Nós passamos dois anos pagando aluguel, comendo e ajuntando dinheiro para comprar o terreno. Não podíamos comprar nem par de meia, nem lenço. Mas ajuntamos o dinheiro e compramos o terreno com o nosso barraco dentro.

As melhorias, porém, tão necessárias, foram ficando cada vez mais distantes.

– Meu marido se aposentou, e, antes de se aposentar, dizia que nós iríamos fazer a nossa casinha no terreno. Depois de dois meses aposentado, começou com uma tosse de quase perder o fôlego e o pneumologista constatou silicose pulmonar. A gente só foi gastando com remédios, e só com muita dificuldade conseguimos murar o lote.

Em 2007, por intermédio da agente de saúde no bairro, dona Creuza se inscreveu aos benefícios do Programa Terra para construção de sua moradia.

– Ela fez um papel e me deu. Quando foi em 2011, as meninas do Projeto Terra me ligaram, eu fui lá, foi feito um cadastro e fomos para o aluguel social, que é onde o morador aguarda enquanto fazem a casa. Na época, o engenheiro Ricardo me disse: "Dona Creuza, nós vamos fazer bem rápido a sua casa". Pois em nove meses mais ou menos eles fizeram e me chamaram lá ao Programa Terra para assinar o contrato, o recebimento.

A nova vida

Quando entraram na nova casa, dona Creuza e o marido deixavam no passado as noites e os dias de desconforto, incluindo as temperaturas extremas: se esfriava, era frio demais; se esquentava, o calor era insuportável no barraco de madeira.

Agora, ela diz:

– Eu agradeci a Deus. Eu fui nascida e criada na roça, assim como os meus pais, a gente era muito humilde. Mas eu tinha esperança de ter a minha casinha. Só Deus sabia como. Foi essa esperança que me trouxe até aqui. Eu sabia que não dava para ajuntar dinheiro, comprar material e pagar pedreiro. Mas Deus abriu as portas, Deus abençoou que viesse esse Projeto Vitória de Todas as Cores, que viesse o Promorar. Deus ouviu as minhas preces.

Se o barraco falasse

Enquanto esperava a conclusão das obras de sua nova casa pelo Programa Terra Mais Igual, Cristiane Alves da Silva, de 33 anos, nascida em Minas Gerais e casada com o jardineiro José Fabiano Ribeiro, nunca deixou de levar café para os operários.

Ela saía do Romão, onde a Prefeitura a instalou com o marido e os cinco filhos por meio do aluguel social, e se dirigia ao Beco do Cruzeiro, no Forte São João, na Poligonal 2, onde o barraco antigo daria lugar à nova moradia.

Cristiane não via a hora de voltar.

– Eu estava ansiosa. Acompanhei tudo, desde quando derrubaram o barraco. Todo dia eu vinha aqui, trazia café para o pessoal da obra. Eles ficavam satisfeitos, e eu ansiosa. Eu vinha aqui, trazia café e quando dava trazia pão para eles.

A ansiedade durou cerca de dois anos em pouco. Em compensação, duas boas histórias ocorreram em sua vida nesse período, além da casa nova. Ao mudar-se,

por exemplo, do barraco velho para a casa provisória no Romão, a filha Eduarda ainda era bebê de colo. Quando Cristiane voltou, em 2011, estava com uma semana de resguardo de uma nova filhinha, a Carolina.

Razão tinha Cristiane para retomar a vida em uma residência mais digna construída no terreno que, sozinho, já é um guardador de histórias. Como apenas o barraco oferecia riscos, a nova casa se eleva agora no mesmo local de uma longa tradição familiar.

– Eu digo que, se o barraco antigo falasse, contava a história de toda a nossa família, porque toda a família do meu esposo morou nele, os pais, os tios, todos moraram no barraco.

Os bons sentimentos

Nos dois andares onde hoje dá curso à nova fase de sua vida no Beco do Cruzeiro, com os dois quartos no andar de cima, mais sala, cozinha, banheiro e área de serviço no térreo, Cristiane agora cultiva os bons sentimentos da alegria:

– Não tem nem como descrever como é o sentimento de saber que eu não teria condições de fazer uma casa assim. Eu sempre me perguntava quando é que poderia construir uma casa. É uma luta. Tendo que criar filho pequeno, com remédio, material, muitos gastos, eu iria demorar anos para construir. A gente até começou a comprar o material, mas calculando gasto com pedreiro, ia demorar demais.

Com o tanque e a área de serviço agora acoplados à cozinha, na parte interna, foi-se o tempo em que, em dias chuvosos, era preciso lavar as vasilhas ou as roupas no lado de fora.

– E todos dormiam embolados em cima da minha cama. O banheiro ficava do lado de dentro, inclusive era a única parte da casa que era de cimento, só que a laje estava caindo aos poucos. Eu ficava com medo. Não só do banheiro, mas do barraco todo cair. Eu trabalhava o dia todo fora e ficava com medo que alguma coisa caísse na cabeça dos meus filhos.

Enquanto planeja realizar acabamento de pequenos detalhes na casa, como um armário no banheiro, e antevê confortos como uma linha de telefone fixo e um computador conectado à internet, Cristiane olha para Vitória e diz sentir grande satisfação:

– De primeiro, a gente olhava para os morros e só via barraco. Agora, não. A gente olha e vê um monte de casas feitinhas. Você olha lá de baixo, da rua, e vê o morro todo colorido. Eu acho lindo esse colorido.

Ajuda do pé de cajá

Ao contrário do poema que Carlos Drummond de Andrade dedicou à sua Itabira, situada na mesma Minas Gerais onde nasceu o pintor Antônio Belizário Laudino em 1961, nem na parede da nova casa há retrato do barraco de tábuas no qual, durante dez anos, ele morou no Mirante do Jaburu, na Poligonal 1.

– A Prefeitura tem o retrato de como era o barraco, eu nem tenho mais lembrança nem retrato de como era. Meu barraco não tinha segurança nenhuma, estava prestes a cair. Eu contava com o pé de cajá que eu tinha na frente. Pensava: se o barraco cair, o pé de cajá segura, para não descer ladeira abaixo. Eu dizia: se o barraco cair, o pé de cajá escora.

À semelhança de Cristiane, que, por generosidade e também para não perder contato com o local da nova moradia, fazia questão de levar café aos operários no dia a dia da obra, Antônio Belizário acompanhou a construção da nova casa pelo Programa Terra passo a passo, desde a fundação às duas lajes.

– Hoje eu olho lá de baixo para o morro, e quando avisto o lugar da minha casa, eu vejo que não tenho mais um barraco, eu tenho uma mansão. Quando eu vejo lá de baixo, eu nem me lembro do barraco, eu só vejo o casarão que tenho aqui, graças a Deus – diz ele, sorrindo.

Visões da Baía de Vitória

Pintor de parede, casado com Marli Gonçalves Moreira e pai de Thiago, Tainara, Gabriel e Gabriele, Antônio Belizário é um homem religioso e de fé, dedicado à Igreja Deus é Amor, e tem em relação à vida uma visão sempre positiva.

– Se a promessa de Deus para mim era dar essa casa, ele cumpriu o que falou. Eu estou maravilhado com ela. Faz cinco ou seis meses que eu peguei a chave e tenho mais é que ficar alegre de ter recebido esse presente. Eu agradeço ao prefeito, às meninas do Programa Terra, que me deram essa força, que lutaram do começo até o fim, até eu tomar posse da chave.

Para o futuro, Antônio Belizário pensa em mais e mais melhorias em sua casa, para, segundo ele, deixá-la, no futuro, “bem bonitinha” aos filhos. Diz que costumeiramente chega à janela dos quartos, no andar de cima, e fica contemplando a Baía de Vitória. Emociona-se afirmando que a visão “é linda demais”.

– Vitória está no fundo do meu coração. Vitória, para mim, é uma cidade que dá oportunidades de melhoria ao desamparado.

Por dentro da história

Uma cidade para todos

Antônia Ana Soares Cupertino, José Carlos Soares Cupertino, Flávio da Conceição Barbosa, Creuza Gaspar Vieira, Cristiane Alves da Silva e Antônio Belizário Laudino são alguns exemplos de cidadãos que asseguraram moradias mais dignas longe das áreas de risco, como beneficiários de ações que compõem o Terra Mais Igual, este programa que articula o trabalho de todas as secretarias e órgãos da Prefeitura, nos esforços para atender a todos os tipos de demanda das áreas mais necessitadas da capital.

De fato, é essa conjugação de forças que viabiliza a atuação multissetorial do Programa Terra Mais Igual, garantindo iniciativas em todas as áreas de responsabilidade do município quando o assunto é qualidade e dignidade de vida, meio ambiente, passando pela educação e até a regularização de lotes.

Orçamento Participativo

Além disso, pelo Orçamento Participativo, retomado em 2005 e com definição de ações a cada dois anos, o município igualmente garantiu a participação da sociedade na discussão de prioridades para a capital. Mais de 20 conselhos funcionam hoje na cidade, com reuniões periódicas e atividades de capacitação permanentes. Nesses conselhos, discutem-se todos os assuntos relevantes à administração do município.

Entre os registros mais importantes no âmbito do Orçamento Participativo, destacaram-se:

- Retomada da discussão do Orçamento Participativo.
- Realização de 4 edições para definição de prioridades de investimentos com a aprovação de 201 prioridades, sendo 60 na área de infraestrutura, 31 em educação, 33 em esporte e lazer, e 13 em saúde.
- Investidos cerca de R$ 500 milhões entre obras executadas e em execução.
- Concluídas 97 obras/serviços.
- Em andamento a execução de 34 obras.
- Recebido Prêmio Dubai Internacional para Melhores Práticas pela experiência do OP de Vitória no ano de 2010.

Programa Terra Mais Igual

Entre as ações mais relevantes no âmbito do Programa Terra Mais Igual, sobressaíram-se:

- Captados R$ 221,6 milhões no Programa Terra Mais Igual entre 2005 e julho de 2012.
- Elaborados ou revisados planos de intervenção na Poligonal 3 (Capixaba, Fonte Grande, Piedade, Moscoso e Santa Clara) e Poligonal 10 (Conquista), já em processo de contratação de obras.
- Em elaboração, o plano de intervenção da poligonal 7 (Cabral, Quadro, Santa Tereza e Caratoíra).

Intervenções executadas nas Poligonais 1, 2, 3, 5, 10, 11 e 12:

- Construídos 32.729 m de redes de abastecimento de água com 4.064 ligações domiciliares, 1.527m de adutoras e um reservatório.
- Construídos 41.392 m de redes coletoras de esgotamento sanitário, com 3.378 ligações domiciliares.
- Construídos 18.134 m de redes coletoras de drenagem pluvial e escadas hidráulicas.
- Realizadas 716 melhorias em unidades habitacionais.
- Reconstruídas 95 unidades habitacionais.

- Construídos 43 módulos hidráulicos.
- Reassentadas 125 famílias.
- Concedido benefício do bônus moradia para 22 famílias. Benefício pago por meio de uma carta de crédito.
- Construídos 12 equipamentos, sendo 7 praças com 5 quadras de esporte; 1 mirante, o Museu do Pescador em Ilha das Caieiras, 2 atracadouros e 1 quiosque.
- Investidos R$ 3,5 milhões em contenção de encostas.
- Entregues 429 escrituras na Poligonal 11. Abertura e recuperação de 3.039m² de vias.
- Recuperação e construção de 25.198m de escadarias.

Intervenções em execução:

- Obras de infraestrutura (água, esgoto e drenagem), reforma de becos e escadarias, reconstrução e melhorias habitacionais e construção de módulos hidráulicos nas poligonais 1 (Jaburu e São Benedito) e 2 (Cruzamento, Forte São João e Romão);
- Construção de 4 praças com quadra de esporte e 1 horto na Poligonal 2.

Ações desenvolvidas no componente social:

- O Programa Terra Mais Igual conta com equipes atuando nas Poligonais 1/São Benedito, 1/Jaburu-Floresta, 2/Romão, Forte de São João e Cruzamento, 3/Capixaba, Moscoso, Piedade, Fonte Grande e Santa Clara, 4/São Jose e Santa Helena, 5/Jesus de Nazareth, 8/Bela Vista, 10/Conquista, 12/Ilha das Caieiras e 14/Alto Tabuazeiro. Essas equipes são responsáveis pelo gerenciamento das ações dos Planos de Desenvolvimento Local Integrado (PDLI), em especial na articulação com as comunidades e na integração institucional, para o fortalecimento das políticas públicas nos territórios.
- Realizados cursos de capacitação de Promotores de Cidadania nas Poligonais 1/São Benedito, 1/Jaburu-Floresta, 2, 3, 4, 5, 8, 9, 10, 11, certificando cerca de 300 pessoas.
- Realizado o curso do Projeto Cirandeiras da Esperança nas Poligonais 1/Jaburu-Floresta, 2, 4, 10, 12, capacitando um total de 65 moradores, além de 3 turmas destinadas a técnicos que atuam no programa, totalizando 65 profissionais.
- Realizadas capacitações na temática ambiental. As capacitações foram dirigidas para as equipes técnicas que atuam nas Poligonais (Formação em Educação Ambiental), moradores desses territórios (Comunidades Conscientes), e, na Poligonal 2, a primeira turma do Curso Jardineiros Ecológicos. Este último realizado em parceria com a Fundação Vale e Incaper, capacitando 17 moradores.
- Estruturação de turmas de Educação de Jovens e Adultos (EJA) nas Poligonais 1/São Benedito, 2 e 10, em parceria com as secretarias de Educação, Trabalho e Geração de Renda e Assistência Social. Esta iniciativa visa, além da melhoria do nível de escolaridade, a possibilidade de inserção no mercado de trabalho.
- Articulação sistemática em torno da temática de trabalho e renda a fim de priorizar o desenvolvimento de ações nos territórios de atuação do Programa Terra Mais Igual, em especial as de capacitação profissional por meio do Programa Vitória da Qualificação, programas desenvolvidos em parceria com o governo federal, como Plano Territorial de Qualificação (Plantec) e Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec), e inclusão digital.
- Articulação com a Secretaria de Assistência Social para inclusão dos munícipes nos benefícios das políticas sociais por meio das redes de proteção básica, média e de alta complexidade, especialmente os CRAS e os abrigos, buscando sua emancipação.

Habitação

- Ofertadas 613 novas unidades habitacionais por meio do Projeto Moradia e do Programa Terra Mais Igual, sendo 54 pelo Projeto Morar no Centro.

- Reconstruídas 271 unidades habitacionais em 19 bairros e territórios do Programa Terra Mais Igual. O Projeto Moradia oferece as modalidades construção e reconstrução de unidades habitacionais. Na modalidade reconstrução, é feita a substituição de casas de material inadequado por casa de alvenaria.

- Realizadas melhorias em 2.255 unidades habitacionais por meio do Programa Vitória de Todas as Cores e em territórios do Programa Terra Mais Igual, até julho de 2012.

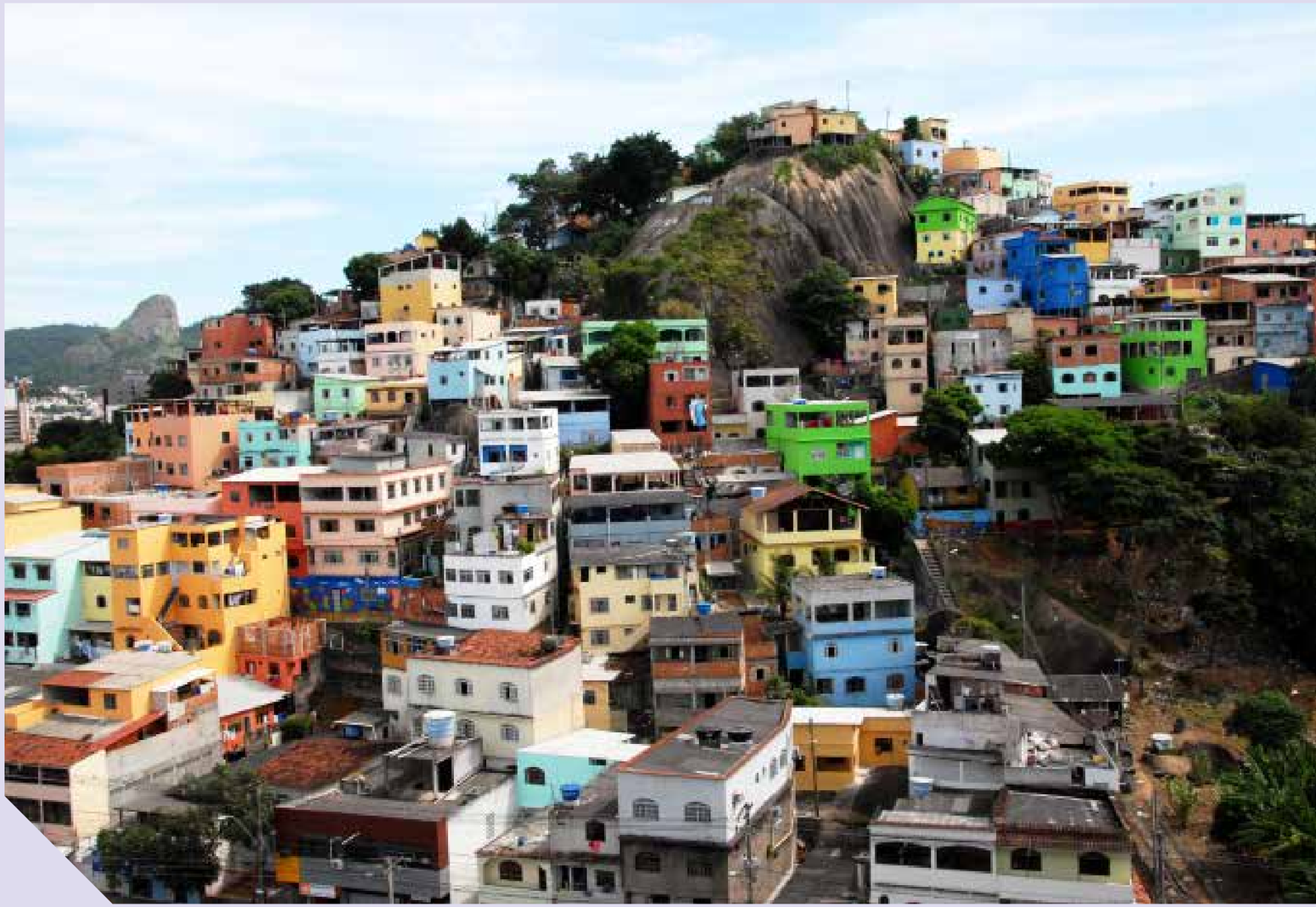
- Entregues 2.229 escrituras do programa de regularização fundiária nos bairros Ilha de Monte Belo, Ilha de Santa Maria, Itararé, Maria Ortiz, Nova Palestina, São Pedro e Tabuazeiro e na Poligonal 11 do Programa Terra Mais Igual.

- Encontra-se em andamento a regularização de 8.040 lotes que beneficiarão 11.251 famílias.

- Encontram-se em construção 129 novas unidades habitacionais nos bairros Inhanguetá, Resistência, Santo André e Nova Palestina, sendo 40 unidades por meio do Programa Morar no Centro, com adequação dos edifícios Pouso Real e Tabajara.

- Em andamento obras de reconstrução de 140 unidades habitacionais, sendo 33 pelo Programa Terra Mais Igual.

- Em 2012, até o mês de outubro, cerca de 500 famílias são contempladas pelos benefícios de Aluguel Provisório e Bolsa Moradia, proteções sociais transitórias pagas pela Prefeitura até que a família inscrita em programa habitacional tenha moradia definitiva.



CAP. 8

Em louvor à saúde, como deve ser

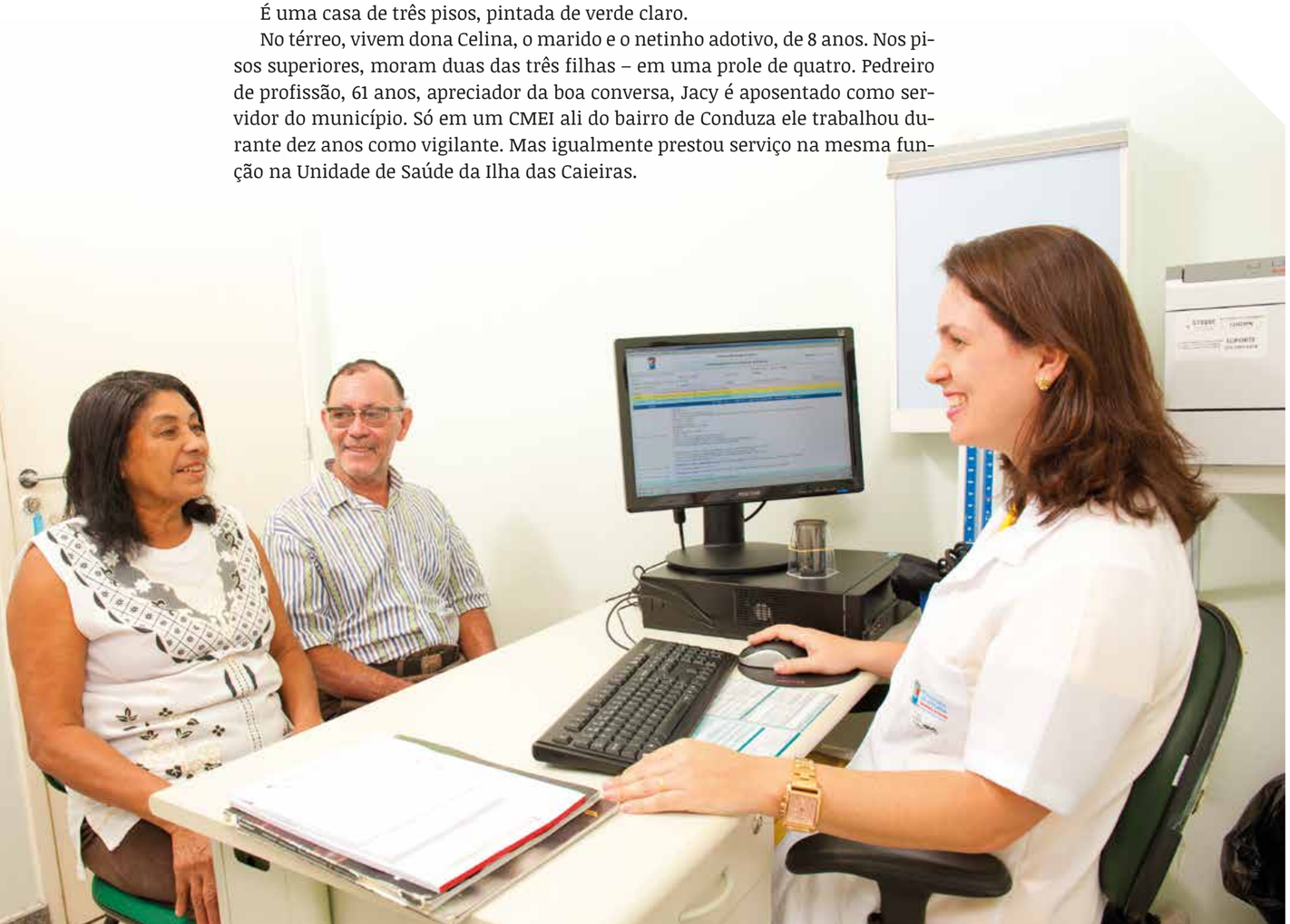
Em louvor à saúde, como deve ser

A panela de barro com o feijão para cozinhar já se encontra ao fogo, pouco depois das 9 da manhã, no aprazível quintal da Rodovia Serafim Derenzi, em Comdusa.

Aos 63 anos, dona Celina Rosário dos Santos não para. Vai e volta, muito ativa, do quintal para a casa, da casa para o quintal: olha as chamas na fornalha, limpa aqui, arruma mais adiante. Ali mesmo, no terreiro com pés de manga e coqueiros, é comum que ela, o marido Jacy Monteiro, os filhos e os netos se reúnam em volta do fogão a lenha para o mocotó, a rabada, a moqueca de peixe.

É uma casa de três pisos, pintada de verde claro.

No térreo, vivem dona Celina, o marido e o netinho adotivo, de 8 anos. Nos pisos superiores, moram duas das três filhas – em uma prole de quatro. Pedreiro de profissão, 61 anos, apreciador da boa conversa, Jacy é aposentado como servidor do município. Só em um CMEI ali do bairro de Conduza ele trabalhou durante dez anos como vigilante. Mas igualmente prestou serviço na mesma função na Unidade de Saúde da Ilha das Caieiras.



Zelar pelo bem mais valioso

Ao menor sinal de que a saúde precisa ser avaliada, Jacy e dona Celina se dirigem a esta Unidade, que fica próxima aos equipamentos de lazer, ginástica e esportes oferecidos pela Prefeitura no bairro. E em todos os finais de ano, o casal faz checagem geral, completa, com todos os exames, "de coração, sangue, colesterol, de vista", como bem enumera Jacy. Dona Celina ainda realiza suas consultas ginecológicas e o neto Pedro Henrique vai à pediatria.

Homem simples, receptivo, Jacy não economiza palavras elogiosas para definir a médica que atende sua família na Unidade de Saúde da Ilha das Caieiras:

– A doutora Valéria faz de tudo, é clínica geral, é pediatra do Pedro Henrique e ginecologista da Celina. Todo mundo gosta dela, é muito querida aqui no bairro. Quando precisamos, vamos lá e marcamos, mas se é muito urgente, ela nos atende sem marcar. É uma pessoa muito boa, educada, acolhedora.

Zeloso com a sua e a saúde da família, Jacy diz que, no caso dele, periodicamente, faz exame até mesmo de leucemia, e, sincero, afirma que a única demora de atendimento é quando se trata de consulta a algum especialista.

– Nesses casos, pode demorar a ser chamado, mas, no restante, está tudo bem, a nossa Unidade é muito boa.

De sua parte, dona Celina confirma as palavras do marido:

– Eu faço o meu preventivo uma vez por ano. Faço com a doutora Valéria. Ela colhe o exame e manda para o laboratório. Para a mamografia, ela passa o encaminhamento para fazer fora. Normalmente, eu faço no Santa Rita ou na Clínica Hélio Ribeiro. Depois, quando sai o resultado, eu levo para a doutora Valéria ver. Todo ano faço isto. Nunca deu nada, graças a Deus. Sempre quando preciso de remédio, a gente pega na Unidade de Saúde. Raramente tem algum medicamento para comprar fora.

Saúde reconhecida

Importante ressaltar que Vitória, com a melhor pontuação nacional no Índice de Desempenho do Sistema Único de Saúde (SUS) em 2012, por sua oferta e qualidade dos serviços, possui 28 unidades de saúde, contempla 80% de sua população com o Programa Saúde da Família (PSF), investe no setor 15% a mais do que o exigido pela legislação e tem 90% dos servidores da área da saúde efetivados, o que, entre outros fatores positivos, fortalece o vínculo com as comunidades onde atuam, a exemplo do que relatam dona Celina e seu marido Jacy.

Raiz fincada no bairro

Nascido e criado em Vitória, Jacy recorre à imagem de uma árvore para definir o modo como está tão firmemente ligado à cidade e ao seu bairro. Lembra: ainda garoto, tudo em volta era mato. Não existia estrada. De repente, passava "um caminhãozinho de burro". Até que, com o passar dos anos, veio o asfalto, veio a urbanização.

– Eu já pensei até em vender essa casa. Mas aí eu volto atrás e penso: não posso vender aqui, deixar de morar no bairro. Aqui nasci, conheço todo mundo, tenho muitos amigos. E, então, digo: não saio daqui nunca. Aqui aconteceu igual a um pé de árvore. Você planta e com o passar todo tempo a raiz fica profunda, aí fica difícil de tirar. Eu já finquei minha raiz aqui no bairro.

Ele para um pouco, reflete, e pensa no futuro:

– Eu espero que demore a gente precisar de um tratamento sério de saúde, de alguma uma internação, não é? Porque a idade está chegando. Mas eu espero também que a doutora Valéria nunca saia aqui da Unidade de Saúde.

Ameaça à beleza

Avô de seis netos, no íntimo de Jacy só há um incômodo e um desconforto quando ele olha para Vitória, para a paisagem da Ilha das Caieiras, e se sente privilegiado de ter como sua uma cidade "tão linda, tão maravilhosa". Esse incômodo diz respeito à violência existente hoje nas cidades brasileiras e na capital capixaba.

– O único problema é a violência. Isto pode estragar com a beleza de Vitória, aqui onde construí a minha vida, conheci minha mulher, criei os meus filhos.

E conclui:

– O que eu torço é para que nossas crianças tenham mais amor pela vida, que não se misturem com quem não serve para eles, que tenham amor pela sua família, pelos mais velhos, respeitem as pessoas quando forem receber conselhos. Que tenham amor pelo lugar onde moram, que vivam com mais amor. E é esse amor que eu tenho por Vitória e pela minha família.

Pela paz

A respeito das apreensões de Jacy, em seus sonhos por uma cidade cada vez mais pacífica, ações preventivas da Prefeitura, junto com a elevação dos investimentos na área de segurança, têm contribuído fortemente para reduzir os índices de criminalidade na capital. O índice de homicídios, por exemplo, está em queda ano a ano. De 2004 a 2011, a taxa municipal caiu de 61,71 crimes para 38,32 por grupo de 100 mil habitantes, conforme dados da Gerência de Estatística e Análise Criminal (Geac) da Secretaria Estadual da Segurança Pública e Defesa Social (Sesp). O orçamento municipal na área de segurança passou de R$ 4,6 milhões, em 2004, para R$ 12 milhões, em 2012. Além disso, a gestão da cidade, os investimentos e a qualificação constante dos agentes de trânsito e comunitários de segurança da Guarda Municipal, a instalação das 42 câmeras de videomonitoramento e programas socioculturais têm sido grandes aliados para essa redução.

Um dos programas mais irradiadores por uma cultura de paz e segurança é o Circuito da Paz, com atividades que incluem caminhada, passeios ciclísticos e motociclísticos, espetáculos artísticos e culturais, exposição de trabalhos desenvolvidos por empresas, organizações públicas e entidades sociais e oficinas e recreação, voltado para adultos e crianças.

Por dentro da história

Atenção e respeito às pessoas

Os depoimentos de Celina Rosário dos Santos e Jacy Monteiro na Unidade de Saúde da Ilha das Caieiras são dois casos ilustrativos de um sistema municipal de saúde que conquistou o título de melhor do país por aliar moderna infraestrutura de atendimento com os princípios éticos de atenção e respeito às pessoas. Por esse motivo, a cidade possui hoje a melhor rede de atendimento do país, com a melhor pontuação nacional no Índice de Desempenho do Sistema Único de Saúde (IDSUS) em 2012, na oferta e qualidade dos serviços.

A Prefeitura Municipal de Vitória oferta hoje uma rede com 29 unidades de saúde de atenção básica, organizada com serviços médico, odontológico, psicológico e de assistência social nos casos de baixa complexidade. E, entre outras ações que justificam e legitimam o título de melhor gestão de saúde no Brasil, o município, ao longo dos últimos oito anos,

- Reduziu a taxa de mortalidade infantil de 12,93, em 2004, para 9,60, por mil nascidos vivos/ 2011.

- Implantou o Centro Municipal de Especialidades Aprígio da Silva Freire, em Mário Cypreste, com capacidade para 250 mil consultas e 170 mil exames por ano.
- Implantou 2 Centros de Especialidades Odontológicas (sendo um no Centro de Especialidades Aprígio da S. Freire, e, outro, no CME São Pedro).
- Implantou o serviço de atendimento odontológico 24 horas no Pronto Atendimento da Praia do Suá.
- Criou 2 novos Centros de Atendimento Psicossocial, sendo um infantil e um infantil álcool e drogas.
- Implantou a casa de acolhida transitória para crianças e adolescentes usuários de crack e outras drogas.
- Implantou a Residência Terapêutica para pessoas com transtornos mentais.
- Implantou a Farmácia Popular de Vitória em parceria com o governo federal, além de contar com farmácias em todas as unidades básicas de saúde do município.

- Construiu o novo prédio na Praia do Suá para Pronto Atendimento que funcionava junto ao Hospital da Polícia Militar (HPM).

- Os gastos per capita na saúde aumentaram 87% em 2011, quando comparados com o ano de 2004. Em 2004, o gasto era de R$ 353,00 por habitante, e, em 2011, foi de R$ 611,00 por habitante.

- Pôs em execução a construção de 1 nova unidade de saúde em Itararé e de 3 novos prédios para as unidades de saúde de Caratoíra, Ilha de Santa Maria e Bonfim.

- Ampliou o Programa Estratégia Saúde da família, passando de 63 equipes, em 2004, para 77, em 2011.

- Modernizou e ampliou a rede física, passando de 48 equipamentos, em 2004, para 63, em 2012.

- Ampliou a rede de atenção básica para 29 unidades.

- Construiu 3 novas unidades em Santa Luíza, Santa Martha e Tabuazeiro.

- Construiu 6 novos prédios para funcionamento de unidades que se encontravam em imóveis inadequados ou espaços alugados: unidades básicas de saúde de Santo André, Maria Ortiz, Resistência, Ilha das Caieiras, Andorinhas e Nova Palestina.

- Ampliou e/ou reformou 4 unidades – Forte São João, Santa Tereza, Bonfim e Ilha de Santa Maria.

- Construiu novo prédio do CME em São Pedro, para atendimento a consultas especializadas.
- Implantou o serviço odontológico móvel para atendimento extra clínica e domiciliar.
- Implantou 3 academias populares em parceria com a Secretaria Municipal de Esportes (Semesp).
- Implantou 20 academias populares da pessoa idosa, e, em processo de instalação, encontram-se mais 40.
- Instalou o Laboratório Central Municipal (LCM) em novo prédio.
- Ampliou o Serviço de Orientação ao Exercício (SOE), com o SOE móvel. O SOE oferece aulas gratuitas de alongamento, ioga, hidroginástica, ginástica localizada e voleibol master (para maiores de 40 anos), além de caminhada e dança. As aulas são ministradas por professores e estagiários de Educação Física em módulos instalados em parques, praças e outros espaços públicos da capital.
- Implantou a Escola Técnica de Formação Profissional de Saúde em Ilha de Santa Maria – ETESUS Vitória

- Implantou o Sistema de Gestão da Saúde com informatização da agenda, prontuário eletrônico, farmácia e o Sistema de Regulação (SISREG).
- Ampliou o horário de atendimento para 24h do Centro de Atenção Psicossocial (CAPS-AD) em Ilha de Santa Maria e CAPS Transtorno Mental.
- Ampliou a oferta de exames especializados, passando de 10.577, em 2006, para 150.356, em 2011.
- Ampliou a oferta de consultas de especialidade, passando de 126.341, em 2007, para 142.596, em 2011.
- Realizou 7 concursos públicos para pessoal da saúde até 2012.
- Realizou concurso público para contratação de agentes comunitários de saúde e de combate a endemias, além da efetivação de servidores nesses cargos com base na Emenda Constitucional 51.
- Alterou o quadro de profissionais efetivos da saúde de 35%, em 2005, para 90%, em 2011.
- Implantou o Programa Municipal de Incentivo ao Desempenho Variável para os servidores da saúde, por meio da Lei 8.331/2012.
- Implantou o Sistema de Monitoramento da Dengue por meio de armadilhas para controle e prevenção de focos do mosquito.
- Ampliou o horário de atendimento ao público em 11 unidades de saúde.
- Implantou o Consultório na Rua – para atendimento in loco de usuários de álcool e outras drogas.
- Implantou, em parceria com os governos federal e estadual, o Programa Crack é Possível Vencer.
- Ampliou a lista municipal de medicamentos com atualização permanente e oferta de mais de 230 medicamentos.

CAP. 9

Mãos estendidas para a vida comunitária

Mãos estendidas para a vida comunitária

Foi um daqueles sustos pelo qual uma mãe jamais gostaria de passar.

De repente, um dos filhos de Liliane de Jesus Gonçalves Dias Duarte apresentou uma crise alérgica aguda, grave, enquanto se encontrava em sala de aula, na EMEF Orlandina D´Almeida Lucas, bairro São Cristóvão. Liliane não sabe a causa da alergia, se provocada por alimentação ou picada de inseto, mas o certo é que, com a crise, a glote do garoto John, hoje com 13 anos, já se fechava. E se fechasse, ele não conseguiria respirar.

Moradora do bairro Joana D´Arc, contíguo ao São Cristóvão, estudante de direito e dona de casa, casada há cinco anos com o argentino Norberto Anderson Fyhn, dos quatro filhos de Liliane apenas o mais velho, Anderson, de 15, estuda em escola particular. Os outros em estabelecimentos municipais: John e seu irmão Nathan, de 11, na EMEF Orlandina D´Almeida Lucas, e a pequena Suzana, perto de completar dois anos, no Centro Municipal de Educação Infantil Doutor Thomaz Tomazzi.

Naquele dia, porém, o súbito mal que acometeu o filho John, e que tanto assustou a todos, teve uma valiosa ajuda, conforme conta a própria Liliane:

– Nessa escola aqui perto de casa, tem sempre guarda municipal, na entrada e saída dos alunos. Eles vão para o semáforo ajudar as crianças a atravessarem a rua, e, fora desse horário, ficam na porta das escolas. Se não fosse o guarda municipal ali, que ajudou a socorrê-lo, meu filho podia ter morrido.

A presença que tranquiliza

Os sentimentos maternos, que sobre proteção e segurança tudo sabem, igualmente conseguem ver com clareza o quanto significa para a vida comunitária a presença de agentes a serviço dos cidadãos.

E disso também sabe Liliane:

– O trabalho da Guarda Municipal nas escolas da Prefeitura me agrada muito. Eu me sinto segura, porque as crianças vão para as escolas sozinhas. Antes meu esposo levava e buscava, nós tínhamos medo de deixa-los sair na rua, mas com essa segurança que tem, a gente sabe que os guardas estão presentes. Ficamos tranquilos. E o trajeto da escola é curto, no mesmo bairro.

Teatro e congo

A opinião de Liliane reflete a qualificação dos agentes de trânsito e comunitários de segurança da Guarda Civil Municipal para atuarem nas escolas da Prefeitura, estreitando seu relacionamento com a comunidade escolar, reforçando sua imagem positiva junto às crianças e adolescentes e mediando conflitos em favor de uma cultura do respeito e da paz. Entre as mais diversas ações executadas pelos agentes, está, por exemplo, o teatro de bonecos, no qual 30 fantoches levam à rede escolar municipal peças como “Água”, “Dona Morte Pede Carona”, “Estatuto da Criança e do Adolescente”, “Zoca e sua turma”, “Dengue e Cambaxirra”, “Desarme-se”. Outro exemplo é o Projeto King Congo, parceria entre a Guarda Municipal e Secretaria de Educação (Seme), difundindo o congo e suas tradições entre as escolas de ensino fundamental, as EMEFs. A partir de 2011, o projeto, que envolve alunos, professores e comunidade na divulgação do congo, seus instrumentos, suas cantorias e festejos, ampliou o atendimento às escolas de educação integral na região da Grande São Pedro.

O dia em que Nathan atrasou

Em outra ocasião, que igualmente deu grande susto na família, Liliane também precisou contar com a ajuda da Guarda Municipal.

– Houve outra situação também. Um dia, meu filho Nathan não chegou em casa no horário. Ele tinha atrasado dez minutos, mas como ele chega todos os dias no horário, certinho, e eu já ouvi muitas coisas a respeito de que quanto antes procurar, melhor, porque, se for o caso de sequestro ou rapto, em dez minutos já se atravessou o município, então eu resolvi passar pelo mesmo caminho que ele faz todos os dias, e fui para a porta da escola. Tinha lá um guarda municipal. Nós pedimos ajuda. Eles acionaram por rádio os outros guardas, e, em minutos, havia umas sete viaturas na porta da escola.

Segundo Liliane, um dos guardas deu ordem de busca e coordenou a operação para que cada um fosse para uma rua.

– Eles pegaram as características do meu filho e começaram a busca. Nós voltamos para casa, e, quando chegamos, meu filho, graças a Deus, já tinha chegado também. Eu pedi desculpas aos guardas, mas eles me disseram que o certo é isto: pedir ajuda o quanto antes. E acrescenta:

– A população que ainda não conhece acha que o agente de trânsito e o guarda municipal são a mesma coisa. Mas não são. Eu tive a experiência, pude ver a importância do guarda municipal quando sumiu o meu primeiro menino. Eles se empenharam em me ajudar mesmo não tendo a certeza se a criança estava desaparecida ou não. Eu aplaudi essa atitude.

Admiradora e frequentadora dos parques municipais de Vitória, como o Barreiros, que fica diante da escola dos filhos, ou o Pedra da Cebola; usuária, com grande satisfação, do serviço municipal de saúde, na Unidade do bairro Santa Martha (onde fez todo o acompanhamento do pré-natal da pequena Suzana, para depois realizar o parto no Hospital das Clínicas), Liliane é também entusiasta da informática como ferramenta facilitadora do dia a dia dos cidadãos, especialmente na sua querida Vitória.

– Esses dias eu precisei encontrar o horário de ônibus, e vi pela internet. A Prefeitura oferece essa facilidade. Dá para ver o horário do ônibus de uma estimativa de tempo até que ele passe no meu ponto. Eu espero que, para o futuro, a Prefeitura tenha tudo informatizado, para facilitar ainda mais a vida da gente – diz ela.

Canais de comunicação

O serviço a que se refere Liliane é o Ponto Vitória, que permite aos usuários da capital saber o horário dos ônibus na parada, mediante consulta pela internet, em tempo real. A previsão dos horários, que faz de Vitória uma das primeiras cidades no país a ofertar esse conforto, é obtida por meio de módulos de Sistema de Posicionamento Global (GPS) instalados em todos os ônibus que operam as linhas municipais. Entre outros benefícios trazidos pela informatização da gestão pública municipal, estão, por exemplo, a nova Central de Videomonitoramento, com 42 câmeras e vigoroso reforço em segurança, fiscalização do trânsito e conhecimento das necessidades do município; a Nota Fiscal Eletrônica pelo Internet Sistema de Imposto Sobre Serviços (ISISS), que permite aos contribuintes efetuarem suas declarações e emitirem suas guias, ou o Fala Vitória 156, canal de comunicação que coloca o cidadão em contato direto com a Prefeitura para receber informações, dar sugestões, fazer reclamações ou solicitar serviços, tanto por internet quanto gratuitamente por telefone fixo.

Agente Rovetta

Uma vez por semana, cinco horas pela manhã e mais cinco à tarde, as crianças do Programa Educação em Tempo Integral das EMEFs Éber Louzada Zippinotti e Álvaro de Castro Mattos, ambas em Jardim da Penha, têm aulas de música, especialmente ritmo e canto, se preparando para as apresentações do projeto social King Congo.

Parceria entre a Secretaria Municipal de Segurança Urbana (Semsu), por meio da Guarda Civil Municipal, e a Secretaria Municipal de Educação (Seme), o projeto, criado em 2008, atende atualmente a 15 escolas da Prefeitura e conta com 160 alunos que aprendem história, ritmos e melodias do congo, expressão de arte popular indissociável da tradição e formação cultural capixaba.

Quem ministra as aulas e comanda a animação da criançada nos ensaios das duas EMEFs é o agente Rovetta, nome pelo qual é carinhosamente conhecido o agente de trânsito da Guarda Municipal, Cristiano Ceolin Rovetta. E o local para transmitir e difundir conhecimentos sobre a tradição do congado entre alunos de Tempo Integral de todas as regiões do município acontece no Polo Americano, centro de Vitória.

– O Agente Rovetta dedica 10 horas de sua carga horária ao King Congo, e atua em várias escolas municipais. Nós fazemos apresentações no Sesi, na Praia de Camburi, em encontros aos domingos, e já tocamos em eventos como na Assembleia Legislativa. E sempre com a participação das famílias, o que é muito legal – conta Nádia Peres de Oliveira Pereira, coordenadora do Programa Educação em Tempo Integral da EMEF Éber Louzada Zippinotti.

E acrescenta:

– Temos uma agenda cheia. E as crianças adoram participar do King Congo, nome que elas próprias escolheram para a banda. O agente Rovetta é quem faz toda a instrução. Ele é filho de congueiro lá de Roda D´Água, em Cariacica, e tinha vontade de desenvolver esse projeto. Como existe a parceria entre a Seme e a Semsu, ele foi disponibilizado para essa atividade.

A Guarda como parceira

A figura sempre cativante do agente Rovetta na difusão e preservação do congado entre as crianças, em ensaios e apresentações do Projeto King Congo, soma-se a muitos outros exemplos resultantes da presença da Guarda na rotina das escolas municipais de Vitória. Especialmente junto aos alunos de Tempo Integral, como na EMEF Éber Louzada Zippinotti.

Ao assegurar o direito à educação para crianças de seis a 14 anos em jornadas que começam às 7 da manhã e só se encerram nove horas depois, às 17h30, o dia a dia dos alunos no Tempo Integral é pródigo em atividades tanto dentro quanto fora da escola – neste caso, com passeios educativos, visitas a museus, idas ao cinema ou práticas esportivas em clubes igualmente parceiros como o Ítalo Brasileiro ou o Álvares Cabral.

Formada em artes, pós-graduada em administração escolar e dedicada ao magistério há 22 anos, a coordenadora Nádia conta sobre o conforto que é ter agentes da Guarda Municipal dando apoio a essas atividades externas dos alunos:

– Quando vamos a lugares aqui mesmo no bairro, caminhando, ao cinema ou à Pedra da Cebola, a parceria com a Guarda é acompanhar os alunos nesses trajetos. Os agentes vão a pé, de bicicleta ou de moto. Como também já aconteceu de estarmos em um parque e uma criança passar mal. E então os agentes fizeram o acolhimento e levarem a criança para o Pronto Atendimento.

Nádia conclui:

– Nós sentimos mais confortáveis com a intervenção dos guardas junto às crianças, quando necessário.

Mesma imagem positiva e afetuosa destacada pela subsecretária de Educação e Gestão Escolar da Seme, Munira Masruha Botolini. Professora efetiva de geografia na Prefeitura, ocupando o cargo de subsecretária desde 2010, Munira elogia o perfil dos agentes da Guarda Municipal:

– Se eles têm que entrar na escola e conversar com o aluno, se o aluno está portando algum objeto que não deveria, ou se o aluno agrediu alguém, o guarda municipal tem todo o trato pedagógico de fazer essa interferência, essa mediação. Para nós, a Guarda Municipal faz um trabalho muito bom nas escolas. Tanto do lado de fora, quanto se nós a acionarmos para alguma coisa no interior do estabelecimento.

Um Chevette cheio de perigos

Foi a combinação perfeita entre o olhar atento de um cidadão com as atribuições e deveres de um agente de trânsito da Guarda Municipal. Isto aconteceu no bairro Santa Lúcia.

Adão Lucas de Morais, dono de uma loja de acessórios para automóveis, durante meses observava um Chevette antigo, sem para-choque, sem motor, só a carcaça estacionada nas proximidades de sua loja. O veículo pertencia a uma

revenda, mas deixado assim ao relento, à chuva e ao sol, aos poucos o Chevette tornou-se um perigo.

Adão via o carro e antevia problemas iminentes. Primeiro, porque a carcaça do Chevette passou a ser usada como pouso noturno para moradores de rua; depois, com a água empoçada, ameaçava tornar-se foco de dengue.

– Há uma moradora em frente do lugar onde estava parado o carro. A menina dela tem 17 anos. Ela chegava da escola à noite, era perigoso. Como eu tinha contato com o agente Gelson, entrei em contato e eles levaram o carro. E deu tudo certo – conta Adão.

Para ele, a atuação dos agentes de trânsito na região é frequente e útil.

– Tem a escola aqui perto, a Leonardo Da Vinci. Os agentes ficam uns 30 minutos na entrada e saída dos alunos para organizar o tráfego na região – diz ele, acrescentando que, por nenhum motivo, deixará de viver em Vitória.

– Vitória é tão bom que já cresceu demais. A cidade é linda e eu não saio daqui por nada.

Postura profissional

O fato de ter trabalhado durante 24 anos na Rádio Patrulha fez do cabo aposentado da Polícia Militar do Espírito Santo, Antônio César de Oliveira Simões, um grande conhecedor das ruas da capital. Hoje vivendo na Serra, pai de dois filhos, vice-presidente do Clube Caxias, Antônio César guarda boas lembranças da elogiável atuação de um agente de trânsito na Reta da Penha, em um dia de temporal e caos no tráfego.

– Eu estava saindo aqui do Clube do Caxias, em um dia que Vitória estava alagada. E ali na Reta da Penha, na direção do Walmart, eu vi o guarda, debaixo de chuva, puxando o trânsito, com um trabalho muito profissional – avalia Antônio César.

Outro agente cuja atuação é muito elogiada por Antônio César fica na região da Avenida Maruípe.

– Eu fico até chateado em elogiá-lo, porque me lembro do pai dele, que era sargento da PM e foi morto numa ação lá no Morro do Quadro. Ele fica na Casa do Cidadão, faz o trânsito fluir, apita, grita, notifica as pessoas que estão erradas, qualquer pessoa. Para ele, não tem mulher bonita, homem feio, ele não passa a mão na cabeça de ninguém. Esse agente é um exemplo a ser seguido. Ele fica sempre aqui quando o trânsito está pesado. Ele está de parabéns – diz Antônio César.

Por dentro da história

A serviço da paz e da solidariedade

As histórias relatadas por Liliane de Jesus Gonçalves Dias Duarte, Adão Lucas de Morais e Antônio César de Oliveira Simões, junto com os depoimentos da coordenadora de Tempo Integral da EMEF Éber Louzada Zippinotti, Nádia Peres de Oliveira Pereira, e da subsecretária de Educação e Gestão Escolar da Seme, Munira Masruha Botolini, ressaltam, com base em suas experiências pessoais e profissionais, a atuação dos agentes de trânsito e comunitários de segurança da Guarda Civil Municipal nas ruas e órgãos públicos. Especialmente nas escolas, no exercício de suas atribuições legais para garantir um convívio civilizado e respeitoso entre os cidadãos. Acima de tudo, são atuações que convergem para um mesmo e fundamental ponto: a construção de uma cultura de paz e de solidariedade no espaço urbano de Vitória.

Entre outras ações da Prefeitura Municipal de Vitória na área, destacaram-se nos últimos oito anos:

- Redução da taxa de homicídios por 100 mil habitantes de 45,55%, em 2004, para 27,31%, em setembro 2012.

- Criação da Central Integrada de Operações e Monitoramento (CIOM) e instalação de 42 câmeras em diversos pontos da cidade.

- Implantação do Centro de Atendimento às Vítimas de Violência e Discriminação (Cavvid). O Cavvid é um espaço de atendimento psicológico, social e de orientação jurídica sobre direitos humanos e garantias legais. Com atendimento integral e humanizado, visa fortalecer a autoestima das vítimas, autores e familiares, propiciar condições pessoais e coletivas para o exercício da cidadania e dar resolutividade aos problemas apresentados, e, assim, alcançar mudança de comportamento e a garantia de seus direitos. Desde sua criação, em 2006, até 2011, foram realizados 10.771 atendimentos.

- Requalificação da infraestrutura para atuação da Guarda Civil Municipal, com aquisição de sede própria, renovação da frota e aquisição de 120 armas não letais.

- Estruturação do videomonitoramento móvel com aquisição de veículo e equipamentos.

- Realização de concurso público para a Guarda Civil Municipal de Vitória no ano de 2007, com oferta de 150 novas vagas.

- Em andamento no final de 2012 novo concurso para contratação de mais 150 agentes, sendo 50 para atuação no trânsito e 100 agentes comunitários de segurança.

- Instalação do Observatório da Segurança Cidadã, responsável por subsidiar as políticas públicas no campo dos direitos humanos e da segurança cidadã com informações qualificadas a partir de diversas fontes, com destaque para estatísticas do Centro Integrado de Defesa Social (Ciodes), delegacias especializadas, Central de Inquéritos de Vitória, Guarda Municipal e Gerência de Informações Municipais da Secretaria de Gestão Estratégica (Seges).

- Implantação de novos programas de prevenção à violência em parceria com o governo federal por meio do Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania (Pronasci) nas regiões de São Pedro e Forte de São João.

- Realizadas capacitações para agentes de trânsito e comunitários: 69 cursos e 2.117 participações entre 2008 e 2011.

- Realização de operações fiscalizadoras e educativas em 400 estabelecimentos, por meio do Projeto Cidade Legal.

- Desenvolvimento de projetos sociais pela Guarda Municipal com alunos da rede pública, alcançando 23.100 alunos (mediante os projetos sociais Teatro de Bonecos, King Congo e Agente Mirim).

- Ampliação dos atendimentos da Guarda Municipal de 1.267, em 2005, para

20.226, em 2011 (apoio institucional, atendimento ao turista, acidentes diversos, ronda/averiguação, palestras/oficinas e visitas tranquilizadoras).

- Desenvolvimento de projetos e ações contra a discriminação de gênero, raça, orientação sexual e contra a intolerância religiosa.

- Implantação do Programa de Educação em Cidadania e Direitos Humanos.

- Desenvolvimento de capacitação para mediadores de conflitos. A Secretaria Municipal de Cidadania e Direitos Humanos (Semcid) oferece esse serviço com o propósito de contribuir para que as famílias resolvam suas diferenças de modo pacífico.

- Desenvolvimento de capacitação junto às comunidades – Promotores de Cidadania. Os Promotores de Cidadania atuam nas comunidades como multiplicadores comprometidos com a defesa dos direitos humanos. Para se tornar um deles, o cidadão deve ser morador de Vitória e frequentar os três módulos (básico, específico e conclusivo) do curso de formação em direitos humanos, que somam em média 80 horas, dependendo do módulo específico.

- Em parceria com a Secretaria de Educação, foi implantado o Projeto Oitava Cidadã, que consiste em trabalho com alunos da 8ª série/9º ano, emissão gratuita de documentação civil básica, oficinas com temáticas de cidadania e direitos humanos.

- Aquisição de veículo para implantação do serviço Procon Móvel.

CAP. 10

Vida e saúde do servidor

Vida e saúde do servidor

Ela veio de Colatina, às margens do Rio Doce, este rio que, nascido nas terras altas da Mantiqueira, em Minas Gerais, viaja mais de 800 quilômetros até a sua foz no litoral capixaba.

No último dia 5 de maio, ela fez 78 anos. Aos 25, chegou a Vitória, onde se casou, teve três filhos e cinco netos. Viúva, vive agora sozinha depois da morte do marido há pouco mais de um ano.

Seu nome é Maria Veneranda de Andrade Santos. E sua casa, como se fora também uma homenagem ao próprio nome e ao mês em que nasceu, é na Ilha de Santa Maria.

A energia do fazer

Maria Veneranda se aposentou aos 61 anos. Dinamismo e vontade de aprender sempre a acompanharam pela vida. Nunca gostou de ficar parada. Dedicou-se à costura durante vários anos, foi funcionária do Estado do Espírito Santo e, por fim, cumpriu 17 anos de serviços bem prestados à Prefeitura de Vitória como merendeira em diversas escolas municipais.

Um bom exemplo dessa energia é que, ao longo dos últimos, ela jamais deixou de participar dos cursos e atividades do Instituto de Previdência dos Servidores do Município de Vitória (Ipamv), por meio do Programa de Promoção à Saúde e Qualidade de Vida do Servidor Inativo e Ativo.

Certo é que, assim que o marido adoeceu com gravidade e veio a falecer, ela teve de se afastar das atividades do Ipamv. Não foi nada fácil, conforme ela confessa. A perda foi tão dolorosa que diz ter se desorientado.

– Assim que meu marido adoeceu, eu perdi meu rumo. Depois que ele morreu, só fui aos cursos umas duas vezes. Agora, que estou voltando a me preocupar comigo, quero voltar a participar.

Riqueza terapêutica das plantas

Se há um lema que Maria Veneranda segue com gosto e apreço é aprender constantemente a fazer coisas novas. Frente a esses novos aprendizados, seus 78 anos não se intimidam. Bombons, bordados, crochê, tudo isto ela aprende com prazer. Até material de limpeza ela faz, como os produtos que, em sua comunidade, formando grupos de trabalho, ela ajudava a fabricar para serem comercializados.

– Não podemos ficar parados, senão acabamos adoecendo. Não pode se acomodar – ela diz.

Com especial pendor para trabalhos manuais e plantas, foi movida por esse vigor, admirável para a sua idade, que ela fez o curso de plantas medicinais que o Ipamv, entre vários outros, oferece aos pensionistas do município:

– Lá no instituto tem um jardim terapêutico que eu ajudei a fazer, no primeiro curso de plantas medicinais que teve. Nesse curso, eu aprendi o valor medicinal das plantas. Aprendi para que elas servem, aprendi como plantar e como colher, como se fazem os chás, o xarope, o extrato da planta, colocando a planta no álcool e deixando em infusão. Também aprendi como fazer o óleo de cravo, de canela, e óleos que servem para dores – conta Maria Veneranda.

E completa:

– Ah, eu também fiz muitas amizades. Lá encontrei gente que trabalhou jun-

to comigo, outros eu já conhecia de outros lugares da Prefeitura, e outros que eu conheci lá mesmo, no instituto. Lá é muito legal. Para mim, é uma terapia participar das atividades tanto do instituto quando na minha comunidade, no grupo de Terceira Idade.

No tempo em que na ilha era só mangue

Como um filme passado quadro a quadro em sua memória, ela se recorda da cidade de Vitória há mais de 50 anos. Da mudança de Colatina, do momento em que conheceu o marido, do namoro que durou dois anos, do casamento, das idas à praia a bordo do bonde ou do tempo em que a Ilha de Santa Maria "era só mangue". E, pelo fato de ter trabalhado em tantos colégios da capital, das muitas amizades feitas com diretores, professores, colegas de trabalho.

Para o futuro, os planos são tantos que impressionam. E Maria Veneranda os enumera: aprender outros ofícios, fazer outros cursos para os quais tenha dom e facilidade. Realizar passeios e mais passeios pelo grupo de Terceira Idade da Prefeitura, em Jucutuquara. Comprar um computador e cursar outra vez as aulas de informática, por já ter se esquecido do primeiro curso que fez e porque não pretende mais usar o computador do filho:

– Quero ter o meu computador e aprender a mexer sozinha. Quero também voltar a organizar as minhas excursões, pois eu sempre organizei excursões a Aparecida do Norte, ao interior do estado, a um monte de lugares.

Espaço de encontro

Médica especializada em gestão de medicina da saúde, medicina do trabalho e homeopatia, a doutora Henriqueta Tereza do Sacramento coordena desde 2007 o Programa de Promoção à Saúde e Qualidade de Vida do Ipamv.

Com 53 anos, casada, mãe de uma filha e concursada pela Secretaria Municipal de Saúde, ela conta que o programa foi criado e desenvolvido para garantir a promoção da saúde e a qualidade de vida dos servidores ativos.

– Depois, com a Instrução Normativa, em 2008/2009, começamos a fazer algumas atividades também com os aposentados e pensionistas. Não de assistência, mas de ações promotoras da saúde. Há vários projetos. Temos uma atividade educativa que é chamada de Roda da Vitalidade, com produção deles mesmos, atividades que eles fazem em casa. Por exemplo, a aposentada Marilene, que está

dando curso de biscoitos, bombons, coisas que ela faz em casa e que agora está ensinando às outras a fazerem.

Segundo ela, um sinal positivo surgiu de imediato a partir da execução do programa que promove a boa saúde e a qualidade vida: foi constatada, por meio de pesquisa, mudança de atitude e comportamento entre os servidores, com um visível reforço na importância dada ao modo de viver, de se alimentar, de se cuidar.

– Os servidores mudaram hábitos de vida, diminuíram o consumo de carboidratos, de açúcar, passaram a fazer atividades físicas.

Os benefícios do diálogo

Um dos diferenciais destacados pela doutora Henriqueta diz respeito à concepção desses projetos e programas.

– Todos esses projetos e propostas saíram de diálogos com os servidores. Nós fomos construindo com eles, fizemos oficinas, reuniões. Nós pegávamos suas observações, seus desejos, e o que gostariam de desenvolver como atividades. Veio então o projeto Roda de Qualidade de Vida, quando um tema é posto na roda e levado à discussão. Isso foi muito importante para envolvê-los na reflexão sobre a saúde de cada um.

Outro projeto, o Viva Mais Leve, é excelente exemplo da preocupação do Ipamv com novos hábitos de viver para os servidores.

– Uma vez por semana nós nos reunimos das 8 às 9 da manhã com servidores da ativa que estão acima do peso. O objetivo é incentivá-los a ter noções e conceitos sobre as principais doenças que podem afetá-los. Falamos sobre doenças do fígado, sobre quais alimentos podem ajudar no combate a doenças como diabetes, colesterol e pressão alta, como fibras e frutas. E há também outro projeto relativo à saúde do trabalhador, com cartão de acompanhamento, pelo qual fazemos exames de três em três meses, medimos peso, pressão arterial, chamando cada um individualmente.

Roda da Vitalidade

Na essência das atividades educativas e promotoras de saúde que contemplam os aposentados, está a defesa de um cotidiano qualitativo, alegre, com leveza e boa disposição de quem tanto contribuiu com o serviço público municipal e também com a sociedade.

O projeto Roda da Vitalidade engloba desde momentos para exercícios físicos, como alongamento e pilates, passando pelas conversas sobre o envelhecimento do corpo e informações sobre a prática de ioga, até instantes de celebração da cultura e da arte, como montagem de peça teatral.

– E há o curso de plantas medicinais com base em um jardim terapêutico que veio de um projeto desenvolvido por nós para refletir com as pessoas os tratamentos de uma saúde natural. Todo ano damos o curso. O jardim era para servir de espaço para trabalho coletivo. Primeiro, construímos a mandala nesse trabalho com os aposentados, depois construímos com eles o jardim. O enfoque era assim: “Se você está com problema de saúde, por que você não busca primeiro tomar um chá? Quais são as plantas que podem ajudar você, substituindo o tratamento sintético?” – observa doutora Henriqueta.

E complementa:

– Temos de persistir na ideia de que união é trabalho coletivo. As pessoas mais felizes são aquelas que desenvolvem ações em conjunto. Quando você está em grupo, você se fortalece mais. O trabalho aqui deu certo durante esse tempo todo porque a gente começou discutindo-o em grupo.

Cultura da vida

Como se faces idênticas de um mesmo retrato, o amor de doutora Henriqueta por Vitória tem a mesma intensidade do que a colatinense Maria Veneranda sente pela capital. Como médica, sempre trabalhando com foco na prevenção e no oferecimento de condições para as pessoas terem mais vida e mais saúde a partir delas mesmas, ela vê uma cidade na qual os cidadãos, em seus espaços, preservam a cultura da vida.

– Eu amo Vitória. Eu acho que é uma cidade acolhedora e as pessoas querem viver bem, tentam viver bem aqui, embora tenhamos problemas de violência, entre outros, os quais, infelizmente, fazem parte do conjunto de crescimento da cidade.

De sua parte, e do alto de seus 78 anos, Maria Veneranda vê com tristeza o envolvimento de jovens com as drogas, mas sem ofender a sua Colatina natal, diz:

– Na época que criei meus filhos, a cidade era calma, sem esses problemas. Mas, tirando isso, Vitória é a cidade que eu amo de coração.

Por dentro da história

Servidores para a cidadania

Em seus testemunhos, Maria Veneranda de Andrade Santos e a médica Henriqueta Tereza do Sacramento fazem o histórico dos benefícios trazidos para as suas vidas pelas atividades e projetos desenvolvidos no âmbito da autarquia municipal Instituto de Previdência e Assistência dos Servidores do Município de Vitória (Ipamv). Atividades que se abrem em um enorme leque de opções para os servidores ativos e inativos do município, tanto em relação à parte física, esportiva e de lazer, quanto em relação aos trabalhos e ofícios manuais, cursos de culinária e até o aprendizado salutar e alternativo para lidar com chás e medicamentos naturais.

Entre outras ações de destaque na área executadas pela Prefeitura Municipal de Vitória, especialmente em sua política de valorização, capacitação e respeito à função pública e cidadã dos servidores, devem ser ressaltadas:

- Concessão de reajustes salariais de forma linear de 55,59% no período de 2005 a 2012, enquanto a inflação medida pelo INPC-IBGE entre 2004 e 2011 foi de 50,89%.

- Composição do Quadro efetivo de servidores municipais com a realização de 21 concursos para mais de 160 cargos no período de 2005 a 2011, e, em andamento, encontram-se 3 concursos no ano de 2012.

- Aumento no quadro de servidores efetivos: saúde – de 35% para 90%; educação – de 81% para 92%; nas demais secretarias – de 83% para 90%.

- Criação de Lei nº 11.770/2008, que permitiu a licença-maternidade de 180 dias.

- Instituição da Escala Especial de Trabalho da Guarda Municipal.

- Estruturação da Escola de Governo, com espaço físico e equipe própria e oferta sistemática de atividades de qualificação profissional. Entre os anos de 2006 e 2011 foram realizados 166 cursos com 14.787 certificações.

- Implantação do Sistema Integrado de Gestão de Pessoas (SIGEP). O sistema tem por objetivo informatizar todos os serviços realizados pelo RH, como folha de pagamento, férias, serviços relacionados à medicina de trabalho, concursos públicos e processos seletivos, dentre outros. O programa dá maior agilidade aos trabalhos e com isso beneficia todos os servidores do município com acesso mais rápido e menos burocratizado aos seus direitos, como, por exemplo, o contracheque on-line, comprovante de rendimentos e ainda inscrição para cursos de capacitação.

- Implantados os planos de cargos, carreiras e vencimentos para os servidores da saúde, do quadro geral, da Guarda Civil Municipal e revisado o plano de cargos do pessoal do magistério.

Implantação de programas e projetos voltados para a promoção da qualidade de vida do servidor, tais como:

- Programa de Preparação para Aposentadoria (PPA), implantado em 2006;

- Programa de Dependência Química (FLORESCER), implantado em 2008;

- Programa Arteterapia (curso de pintura em tela, vivências terapêuticas, cine servidor), implantado em 2010;

- Ginástica Laboral – realização de atividades físicas nos locais de trabalho, projeto que atualmente atinge 11 secretarias e que foi implantado em 2011;

- Aferição Arterial e Medição de Glicemia, que promove o atendimento do servidor no local de trabalho, implantado em 2010;

- Servidor Leitor, desenvolvido em parceria com a Biblioteca Municipal/Secretaria de Cultura. Realiza o empréstimo de livros ao servidor, com entregas nos locais de trabalho.

- Criação do sistema de remuneração por resultados na área da saúde, permitindo, aos servidores, crescimento de sua remuneração anual caso as metas estabelecidas em conjunto pelas unidades sejam alcançadas. Neste sistema, a adesão da unidade e do servidor não é obrigatória, e é pactuada anualmente. Este ano já foi feita a primeira pactuação e quase a totalidade dos servidores a aderiram.

CAP. 11

Morar no coração de Vitória

Morar no coração de Vitória

Na história de vida da cabeleireira e corretora de seguros Idalina Alves de Souza, de 61 anos, e sua mãe Maria Madalena da Conceição Alves, de 93, a transitoriedade de pagar aluguel era um incômodo que, a qualquer instante, poderia lhes impor a necessidade de mudar de casa.

A todo o momento, mãe e filha se deparavam com a incerteza dos dias futuros, por viverem em uma moradia provisória. E assim permaneceram durante três décadas com essa incógnita no horizonte de suas vidas. Ou mais exatamente por longos 28 anos.

Mas do modo como é certo um dia depois de outro dia, o ano de 2006 chegou como se inaugurado pela esperança. Idalina e a mãe viram possibilidades concretas de mudar o transitório pela permanência, o inseguro pela garantia de um lugar fixo no coração de Vitória, berço da capital capixaba, ali onde uma edificação, a Capela de Santa Luzia, é anterior até mesmo ao surgimento no século 18 da mineira Vila Rica, atual Ouro Preto.

– Me inscrevi no programa em 2006 – conta Idalina, referindo-se ao Projeto Morar no Centro, premiado nacionalmente na área de sustentabilidade, e um dos braços de um amplo e estratégico conjunto de intervenções da Prefeitura Municipal de Vitória para revitalizar a área central da cidade, dando função social a prédios antigos, abandonados ou mal aproveitados, e repovoando a região para reduzir acumulados índices de déficit habitacional.

Direito à dignidade

A frase que Idalina pronuncia hoje em seu imóvel na Avenida Presidente Florentino Ávidos, diante do Porto de Vitória, a poucos metros do Palácio Anchieta, é a tradução perfeita de um grande contentamento, legitimamente obtido depois do tempo de espera e de esperança para ter as chaves da casa própria e o direito a uma moradia digna:

– Foi uma bênção muito grande de Deus, porque foi na hora certa, na hora em que eu mais precisava.

Ela e a mãe fazem agora parte das 54 famílias que moram no Residencial Estoril, prédio onde antes funcionava o hotel homônimo, e um dos edifícios que o munícipio financiou a cidadãos com ganhos familiares em torno de três salários mínimos, com prazo de 15 anos para quitar suas unidades em prestações equivalentes a 10% da renda.

– Eu nem esperava ser contemplada, porque acho que havia umas três mil pessoas na fila – relembra Idalina.

E acrescenta:

– Antes eu morava de aluguel. E agora estou pagando uma coisa que eu sei que é minha, que é bem melhor. Quando você mora de aluguel, se o proprietário pedir o imóvel, você tem que entregar, o que é muito ruim, porque você tem de correr, preparar mudança. Isso me incomodava muito porque eu não suporto mudança.

A vida onde a cidade nasceu

A depender de Idalina, o repovoamento do centro de Vitória deve prosseguir com intensidade, destinando mais prédios na área à convivência familiar, ao trânsito de famílias, para que as noites, encerrados os expedientes e fechadas as portas do comércio, não fiquem tão desertas.

– Acho que assim vai movimentar o centro, pois à noite, quando volto da igreja, é um risco pelo fato de ter ninguém nas ruas – diz ela, apontando como locais de maior perigo os pontos de ônibus na Praça Oito e na Rua General Osório.

A felicidade com a nova moradia para ela e sua já idosa mãe supera, porém, esses reparos feitos à vida no local onde a cidade nasceu.

– Eu fiquei muito feliz quando eu soube que viria para este lugar. Pelo programa, eu fui selecionada para morar em outro prédio, mas o meu coração não pedia para ir para lá. Eu falava: “Meu Deus, eu queria tanto ir para o Estoril...” E ele acabou me contemplando com este apartamento. Estamos aqui há dois meses. Nós estamos gostando muito. Minha mãe também está bastante satisfeita.

E conclui:

– Se eu não tivesse adquirido o apartamento, eu estaria muito ruim, continuando a morar de aluguel. Quem mora de aluguel, eu sempre digo, não tem segurança, você nunca está satisfeito. Aqui são quatro cômodos com banheiro. Pagamos 10% do valor total da nossa renda e mais o condomínio. Somando, isto dá quase R$ 500,00. Hoje o aluguel de um lugar bom é muito caro, mais de R$ 500,00. Menos que isto só em lugar ruim. Aqui vamos pagar durante 15 anos. O prédio tem dois elevadores, uma portaria bonita e fica em frente ao Palácio Anchieta e ao Porto de Vitória. Estou satisfeita porque sei que não terá ninguém pedindo para eu sair da casa em um ano, dois. Eu só saio daqui se quiser.

Por dentro da história

A cidade revitalizada

Idalina Alves de Souza e a mãe Maria Madalena da Conceição Alves agora vivem na área histórica de Vitória, na região que deu origem à capital, e não escondem a satisfação com a nova moradia adquirida no Residencial Estoril, entre o porto e o Palácio Anchieta, pelo Projeto Morar no Centro. O projeto, que compõe o Programa Habitar Vitória, lhes permitiu financiamento do imóvel pelo prazo de 15 anos, com prestações cujo valor não ultrapassa a 10% da renda mensal, e integra todo um conjunto de ações do município para revitalizar o centro da cidade. O Projeto Morar no Centro fez a entrega de 54 apartamentos no antigo hotel Estoril e realiza a construção de 40 unidades no Tabajara e Pouso Real.

Entre outras ações de valorização, revitalização e requalificação da região central, preservando a história contida em cada monumento, edificação e via pública junto com a oferta de novas alternativas de cultura e lazer para a população, assim como readequação de uso de imóveis antigos, a Prefeitura Municipal de Vitória

- Implantou o Projeto Visitar, pelo qual turistas e moradores contam com visitas gratuitas e monitoradas ao Centro Histórico de Vitória. Dos monumentos que integram o Centro, sete deles são monitorados regularmente. O projeto Visitar contempla dois roteiros – “Vitória, de vila a cidade” e “De Caramurus e Peroás” – que relatam a história capixaba desde a capitania aos dias de hoje, abrangendo 33 monumentos datados do século XVI ao século XX.

- Abriu o projeto cultural Estação Porto.

- Recuperou e reabriu o Museu Capixaba do Negro (Mucane).

- Reformou e ampliou a Casa Porto das Artes Plásticas.

- Adquiriu o prédio do antigo Clube Saldanha da Gama, transformando-o em sede da Secretaria Municipal de Esportes.

- Requalificou a Praça Costa Pereira e Rua Barão de Itapemirim, um dos mais importantes espaços históricos do centro de Vitória. A recuperação abrangeu todo o entorno da praça e da rua.

- Requalificou a histórica Rua 7 de setembro, uma das áreas comerciais mais dinâmicas do centro de Vitória, que mantém a sua tradição de local rico em tendências e opções, desde lojas de produtos naturais a padarias, lojas de suplementos alimentares, farmácias de manipulação, salões de beleza, restaurantes e estabelecimentos de vestuário.

- Reconstruiu o calçadão da Avenida Beira-Mar.

- Executou a reforma geral do Parque Moscoso por ocasião do seu centenário, com restauração da Concha Acústica, revisão das instalações elétricas, recuperação dos bancos, dos muros e das calçadas externas, como também a reforma do lago principal. Também foram feitos novos paisagismos e afixadas placas de sinalização, que permitirão ao visitante conhecer um pouco mais da história do local.

- Reformou a Escadaria Bárbara Lindemberg.

- Requalificou a Avenida Elias Miguel.

- Inaugurou a Feira Livre do Centro, na Rua 7 de Setembro.

CAP. 12

Vitória de todos os esportes

Vitória de todos os esportes

Mesmo com tantos prêmios e medalhas em competições estaduais e nacionais mais recentes, a número 1 no ranking do atletismo no Espírito Santo, Márcia Casagrande, olha em panorâmica para a sua carreira e dedica um especial carinho ao instante em que venceu o Prêmio 10 Milhas Garoto de 2008.

A razão desse afeto é plenamente justificada pela força e coragem com que a atleta capixaba enfrentou um momento difícil para o seu condicionamento físico:

– Foi o prêmio que mais me marcou, porque eu estava vindo de uma lesão que sofri durante um treino. O médico tinha dito que eu não conseguiria correr, porque nem conseguia pisar no chão. Não estava nem conseguindo fazer a fisioterapia pelo tanto que doía. Eu e minha família sofremos muito com aquilo. Chegamos até a cogitar a possibilidade de eu abandonar o esporte. Mas, com determinação, eu consegui me recuperar e correr as 10 Milhas. Foi uma superação para mim.

Segundo a Márcia, o tipo de lesão no pé que a acometia era uma fascite plantar, a qual, pela dor causada, tornava o ato de tocar o chão um verdadeiro martírio.

– Foi maravilhoso eu conseguir tirar aquele medo, aquela insegurança que estava sentindo. Graças a Deus, eu consegui, e foi o título mais marcante da minha vida.

Do berço para as pistas

Taurina do dia 17 maio, 25 anos, nascida em Vitória e residente no Morro do Cruzamento, sobre a trajetória vitoriosa de Márcia, construída com esse exemplo de determinação mesmo nas horas mais difíceis, há também as presenças iluminadas da mãe, Maria Marly Casagrande, de 47, e da avó materna, Sílvia Pereira Casagrande, com 72, ambas entusiastas do esporte.

Não apenas entusiastas, mas praticantes, pois foram em seu tempo igualmente competidoras pelas pistas da cidade. Maria Marly foi inclusive treinadora de Márcia, transmitindo sua experiência também para outra filha, Sabrina Daiana Casagrande, de 31.

Com oito anos, Márcia começou a correr. Com dez, a competir. Seguia, portanto, o percurso esperado em um ambiente familiar tão envolvido com a prática esportiva.

– Eu só corria por gostar mesmo. É de família. Minha mãe já foi atleta, minha avó, minha irmã. Eu as via fazendo, queria fazer igual. Minha mãe brigava para ter corrida de criança para eu participar. Ela sempre falava para os organizadores das corridas de adulto sobre a importância de ter corridas infantis como incentivo para as crianças. Nessa idade, dos 10 anos, eu corria em Vitória, Serra, Venda Nova, Colatina. Treinava no meu bairro, mas também já começava a treinar na Beira-Mar, perto do antigo terminal Dom Bosco. Eu ia de lá até a Cruz do Papa, na Enseada do Suá, ia para a Praça dos Namorados, Ilha do Boi, Camburi – relembra Márcia.

Ao esporte, com amor

Márcia enfatiza que o esporte foi a escolha certa, no momento certo para a sua vida, e que por meio do atletismo começou a viajar, a conhecer outros estados e cidades.

– Era o atletismo, não tinha jeito – diz.

A medalhista em campeonatos nacionais, tricampeã nas 10 Milhas Garoto, troféu Brasil Infantojuvenil em Olimpíadas Universitárias, entre outros títulos, há cinco anos é bolsista do programa da Prefeitura Municipal de Vitória, o Bolsa-Atleta. Com o estímulo, a atleta campeã pode custear hotel, alimentação, aluguel de espaços para treino, uniforme, tênis, suplementos alimentares e passagens para disputar novas competições. E distinguir com o seu talento o esporte capixaba.

– Antigamente, para se conseguir o benefício do programa Bolsa-Atleta era muito difícil. Minha mãe tinha de tirar do bolso dela para poder me ajudar na compra de uniformes, tênis. Para mim e para a minha irmã. Ela pagava para viajarmos, para competirmos. O programa nos ajudou e ajuda muito, é o único apoio que tenho agora, pois não tenho patrocinador. Na época em que não tínhamos o Bolsa-Atleta, só não paramos de competir por amor ao esporte e por causa do apoio da minha família. Eu amo o atletismo e conseguir a bolsa foi fundamental para continuar no esporte.

E Vitória, cidade onde nasceu e cresceu, onde se tornou esportista e foi reconhecida como um dos destacados nomes do atletismo, cidade onde ela sai de casa pelas manhãs e se espanta com o esplendor do sol que nasce a cada dia, é esta Vitória que Márcia guarda no lugar mais adequado e aconchegante:

– O lugar desta cidade é no meu coração.

Conquistas de uma multicampeã

Quando ela vai à balança, o ponteiro marca apenas 52 quilos. De altura, ela só chega a 1, 55 cm. É difícil imaginar que uma pessoa com essas medidas seja capaz de levantar quase três vezes o próprio peso.

Pode ser difícil, mas não se trata de imaginação. Essa proeza de elevar do solo nada menos do que 142 quilos é rotineira na vida da multicampeã capixaba de levantamento de peso, ou powerlifting, Valesca Cristina Rocha, esta colatinense que chegou a Vitória com apenas 5 anos idade para construir uma das mais aplaudidas carreiras nessa modalidade de esporte.

Assim como Márcia Casagrande, Valesca também recebe os benefícios do projeto Bolsa-Atleta da Prefeitura. Uma ajuda governamental que chega a espantar colegas de outros estados:

– Uns amigos de São Paulo, quando me viram com uma camiseta estampando a logo da Prefeitura, ficaram surpresos em saber que Vitória me dava o Bolsa-Atleta, já que na cidade deles não tinha esse benefício – conta Valesca.

Guerreira desde o começo

Campeã mundial, sul-americana e da região Sudeste, tricampeã brasileira, distinguida duas vezes em 2010 e 2011 na categoria Força pela Secretaria de Estado de Esportes, Valesca começou a competir em 2008. E foi com determinação guerreira que ela venceu até mesmo as limitações físicas numa época em que pesava apenas 38 quilos.

– Não colocava nem biquíni, de tão magrinha que eu era. Um dia decidi parar de reclamar, tomar uma atitude entrei para a academia. Depois de quatro ou cinco meses, fui pegando mais corpo, me mudei da Serra para o Jardim Camburi.

Já em Vitória, ela entrou para a academia do professor carioca Luiz Henrique Cruz, já falecido, e um dos grandes incentivadores desse esporte no Espírito Santo. E foi com os incentivos do professor que ela conquistou um campeonato brasileiro no Rio, enfrentando uma carioca que, por quatro anos, ninguém derrotava.

– Depois disso, não tive coragem de parar – diz Valesca.

Dedicação integral

De troféu em troféu, de campeonato em campeonato, de prêmio em prêmio, de conquista em conquista, Valesca já pode se dedicar integralmente ao esporte que escolheu e a projetou. A convicção em suas possibilidades a fez inclusive deixar um emprego na área de recursos humanos ao qual estava ligada havia dez anos, e ainda contou, no desligamento, com a solidariedade e a compreensão de seu antigo patrão.

– Falei que ia sair para correr atrás do meu sonho, que era o esporte. Ele então disse que, já que eu tinha certeza do meu sonho, ele me mandaria embora com todos os meus direitos para eu ir ao mundial nos Estados Unidos. E ainda me deu ajuda de custo de um ano para eu ficar em casa só treinando. Disse também que esse valor não era de patrocínio, mas um reconhecimento pela funcionária que fui para a empresa. Ele me incentivou e achei muito legal essa atitude dele.

Segundo ela, não há outra definição que não seja felicidade para o ato de representar o Estado do Espírito Santo e a cidade de Vitória nas competições das quais participa.

– Sinto-me feliz. As pessoas apostaram em mim. Eu não era nada, mas, mesmo assim, resolveram me apoiar, me patrocinaram e ainda me deram emprego – destaca.

Centro Esportivo Tancredão

Valesca, além do apoio dado aos esportistas pelo município por meio do Projeto Bolsa-Atleta, é também fã do Centro Esportivo Tancredo de Almeida Neves, o Tancredão, inaugurado pela Prefeitura em dezembro de 2011, com os seus mais de 50 mil m² de área e um dos 17 núcleos hoje espalhados por Vitória que abrigam o Programa Escolinha de Esportes. O Tancredão, de fato, exemplifica a priorização de investimentos da gestão municipal para as áreas mais necessitadas de Vitória, no caso, toda a região do bairro Mário Cypreste, não apenas revitalizando-a, valorizando-a, mas igualmente ampliando oferta de esportes comunitários para os moradores da capital, assim como dotando os capixabas de um complexo para receber competições e eventos.

– O Tancredão é uma obra maravilhosa que incentivou várias pessoas que não têm dinheiro a fazer algum esporte – diz Valesca.

De fato, segundo o coordenador do Escolinha de Esportes, Luiz Cúrcio Alle-

mand, em torno de 3.600 crianças são atendidas pelo Prefeitura pelo programa, somando-se com as que frequentam o Segundo Tempo e o Campeões do Futuro, estes em convênio com o Ministério dos Esportes.

– A Prefeitura desenvolve o Programa Escolinha de Esportes em todo o município, atendendo crianças nos parques, praças, em clubes conveniados, no contraturno escolar, das 8h às 11h, e das 14h às 17h, na faixa etária de 7 a 17 anos. O Tancredão é um dos núcleos que compõe esse elenco do Escolinha de Esportes. Também atendemos crianças dos municípios vizinhos de Cariacica, Vila Velha, se houver vagas disponíveis. Este é um projeto contínuo, não paramos. Nós estamos tirando as crianças das ruas de janeiro a janeiro.

Natural de Muqui, residindo em Vitória desde 1958, formado em educação física pela Ufes, Luiz Cúrcio viu a capital crescer desde a época do bonde e sabe como poucos a importância dos projetos de esporte para a cidade.

– Há crianças que mudaram o seu comportamento, seu perfil dentro de casa, as suas responsabilidades. Uma mãe me disse que o filho dela, a partir do momento em que começou com o esporte, e tem de remar às 6 horas da manhã, ele acorda sozinho, não precisa de ninguém que o acorde, e antes ele acordava depois das 9 da manhã. Nós não desenvolvemos só o esporte, mas também todas as capacidades das crianças de estarem exercendo a cidadania delas.

É ampla a abrangência desses projetos de esporte nos bairros e comunidades de Vitória, desde crianças em regiões mais seguras até as que vivem em área de risco social, desde aquelas indicadas por Juizados de Menores, que cumprem penas alternativas, até crianças e adultos com deficiência física como no convênio do município com o Clube Álvares Cabral, ou crianças e adultos com deficiência visual atendidas no Ifes.

Capixaba boa de luta

– O Tancredão foi uma das melhores coisas que Vitória pôde fazer para o esporte aqui nessa região. Vitória conseguiu juntar todo mundo num lugar só. A Prefeitura fez um lugar para as pessoas mostrarem o que sabem fazer. Todo evento de kickboxing é feito lá, os de MMA também, o campeonato brasileiro de karatê foi lá. E o bom é que no Tancredão também tem projetos sociais, projetos que dão opção para que, ao invés da rua, um monte de crianças possa fazer um esporte, aprender uma arte, quem sabe se tornar um futuro lutador ou até um atleta.

As palavras acima são de Thiara Milagres, 24 anos, essa capixaba boa de luta que, de 2009 para cá, enfileira uma vitória atrás da outra em um esporte complexo, de combate, como é o kickboxing.

Faixa-preta, campeã detentora de títulos estaduais e nacionais, troféu sul-americano em 2011 de melhor atleta, vencedora por nocaute do mundial disputado no Tancredão, entre vários outros títulos, Thiara é graduada em pedagogia, mas trocou a carreira nesta área pelo esporte e o comando de uma academia junto com o marido e mestre Luiz Mário de Andrade. Desde julho de 2012, ela obtém os investimentos do Bolsa-Atleta da Prefeitura Municipal de Vitória, na categoria local.

– Agora, com o Bolsa-Atleta, eu não preciso mais ficar nos últimos dias das inscrições dos campeonatos correndo atrás de dinheiro, de alguém para me ajudar. Eu sei que estou garantida, não perco mais competições – diz ela, acrescentando que “Vitória foi um alicerce” para que ela pudesse se manter nas competições.

Um vencedor nas piscinas

Ele vive em Caratoíra com a mãe aposentada, a irmã e um sobrinho. Tem 36 anos. Complementa os ganhos mensais como auxiliar administrativo em uma empresa de ônibus, mas é nas piscinas que Marcos Vinícius Barcellos da Silva coleciona suas medalhas como paratleta nos campeonatos de natação. Seu índice na modalidade vai de 1 minuto e 59 a 2 minutos, na prova 100m peito. Nada mal diante do recordista brasileiro, com 1 minuto e 45, do segundo, com 1 minuto e 50, e o terceiro, na marca de 1 minuto e 52.

Beneficiado pelo Projeto Bolsa-Atleta, categoria regional, da Prefeitura Municipal de Vitória, Marcos Vinícius compete desde 2009, quando disputou o Campeonato Regional Centro-Oeste em Brasília e conquistou medalha de bronze.

– Em 2010, eu já estava mais bem preparado para o campeonato regional, em Goiânia, e consegui o índice para o campeonato brasileiro daquele ano, na prova 100m peito e na 200 meddley. No regional de 2010, foram três medalhas: bronze na 100m peito, ouro na 200 meddley e bronze na 400m livre.

A coleção de medalhas ampliou nos anos seguintes, inclusive em 2012, já somando duas de ouro e duas de prata. Emblemas que agora luzem na galeria de troféus deste capixaba que, mesmo com um trauma na medula aos 17 anos, não se desanimou diante das limitações e fez do esporte a razão de sua vida.

– O esporte, para mim, representa melhoria na qualidade de vida, forma de interagir com outras pessoas, aumentando a minha autoestima – diz ele, diante de uma das piscinas do Clube Álvares Cabral, sob o sol forte de outubro.

Marcos Vinícius, que aplaude os investimentos municipais feitos no esporte, tem mais sonhos. Quer entrar para a faculdade, em curso de educação física ou administração, e sonha representar o Brasil nas Paraolímpiadas de 2016, no Rio. E acredita que terá mais chances mudando de modalidade, para atletismo ou tiro esportivo, deixando a natação como um hobby, pois nadar lhe dá enorme sensação de bem-estar.

– Eu vou fazer o teste no atletismo com o professor Luiz Cláudio, no Ifes, em convênio com a Prefeitura. Inclusive o Daniel Mendes, medalha de prata nas Paraolimpíadas de Londres, treina no Ifes. Ele evoluiu bastante. Isso tudo eu quero para mim: evoluir, em nome de Jesus.

Por dentro da história

Esportes para uma vida melhor

Márcia Casagrande, Valesca Cristina Rocha, Thiara Borghardt Milagres, Marcos Vinícius Barcellos da Silva. Em comum, estes atletas capixabas têm a coleção de troféus e medalhas com que engrandecem o Espírito Santo. Em comum, eles também recebem o investimento do Projeto Bolsa-Atleta, apoio essencial para que evoluam ainda mais os seus talentos de campeões.

A Prefeitura Municipal de Vitória, em sua política de estímulo e apoio a práticas de atividades sociais, recreativas, comunitárias e de lazer; de apoio a esportistas e eventos esportivos; de incentivo a atletas profissionais e amadores nos mais diversos bairros e locais da capital; com a compreensão do esporte não só em sua natureza específica, mas também como meio e instrumento para um convívio pacífico entre os cidadãos, aliando-o a projetos e programas de forte repercussão social, realizou as seguintes ações, destacando-se:

- Construção do Centro Esportivo Tancredo de Almeida Neves – numa área total de 52.764,54 m², com 2 quadras; 1 campo de futebol de areia e 1 campo society com grama sintética; 1 ginásio de esportes com 6 mil m² e 1.754 assentos; 1 pista de skate com cerca de 1.000 m²; ciclovia; pista para caminhada e 2 piscinas, sendo uma semiolímpica. O Centro Esportivo abriga atividades de diversos programas do município, como Projeto Escolinhas de Esportes, Programa Educação em Tempo Integral e do Centro de Convivência da Terceira Idade.

- Reforma e reabertura do Ginásio do DED (Jones dos Santos Neves). Instalado em 1953, o ginásio foi reformado pela Prefeitura de Vitória e reaberto em 2008, após 15 anos fechado.

- Criação do Centro de Excelência de Ginástica Artística em convênio com a Confederação Brasileira de Ginástica (CBG) e Caixa Econômica Federal (CEF). O centro atende crianças de 6 a 9 anos, selecionadas pela CGB, bem como crianças e adolescentes, de 7 a 17 anos, da escolinha de esportes, além de crianças matriculadas no Programa Educação em Tempo Integral.

- Implantação de 16 escolinhas de esporte, passando de 6, em 2004, para 12, em 2012.

- Construídas áreas de lazer nos bairros Fradinhos, Praia do Suá (São José e Santa Helena), Santa Lúcia, Jabour, Mata da Praia, Solon Borges, Santos Reis, São José, São Pedro, Jardim Camburi, Resistência, Estrelinha, Ilha de Santa Maria e Itararé, entre as quais 8 áreas com quadras de esporte e 4 com campos de futebol.

- Construídos ou reformados 7 campos de futebol nos bairros Caratoíra, Santa Martha (Parque Barreiros), Praia do Suá, Enseada do Suá, Jabour, Nova Palestina e Maria Ortiz, com aplicação de grama sintética nos campos do Lolão (Parque Barreiros), Curva da Jurema (na Enseada do Suá) e Praia do Suá.

- Reformadas cerca de 100 áreas de lazer em mais de 40 bairros, em todas as regiões da cidade.

- Em andamento a construção de área de lazer com campo de futebol em Santa Martha e reforma dos campos de futebol de Andorinhas e Grande Vitória, assim como área de lazer com quadra esportiva em Comdusa.

- Em execução, a construção de centro esportivo em Maria Ortiz com área de 33 mil m², equipado com piscina, campo de futebol, quadra poliesportiva, academia popular, academia da terceira idade, vestiários, pista de skate e de caminhada e playground.

- Concessão de Bolsa-Atleta – Apoio financeiro concedido a atletas praticantes do esporte de alto rendimento em modalidades esportivas, olímpicas, não olímpicas e paraolímpicas vinculadas ao Comitê Olímpico e Paraolímpico Brasileiro (COB). Entre os anos de 2010 e 2012, 236 atletas foram beneficiados por meio de repasses que somam ao longo do período mais de R$ 1 milhão. O recurso é concedido por meio da Lei Jayme Navarro em três categorias:

  – *Destaque no nível estadual: atletas a partir de 14 anos que tenham obtido um dos três primeiros lugares em pelo menos duas competições de nível municipal, estadual, olímpicas, não olímpicas ou paraolímpicas, e que continuem a treinar para futuras competições. Valor máximo anual de R$ 3 mil (três mil reais), dividido em no mínimo 4 e no máximo 10 parcelas, conforme o trâmite processual, limitado a 50 bolsas.*

  – *Destaque no nível nacional: atletas a partir de 14 anos que tenham participado de evento ou competição de nível nacional e apresentado bons resultados, e que continuem a treinar para futuras competições. Valor máximo anual de R$ 6 mil (seis mil reais), dividido em no mínimo 4 e no máximo 10 parcelas, conforme o trâmite processual, limitado a 35 bolsas.*

  – *Destaque no nível internacional: atletas a partir de 14 anos que tenham integrado a seleção brasileira de sua modalidade esportiva e representado o país em evento esportivo olímpico, não olímpico ou paraolímpico no estrangeiro e que continuem a treinar para futuras competições. Valor máximo anual de R$ 9 mil (nove mil reais), dividido em no mínimo 4 e no máximo 10 parcelas, conforme o trâmite processual, limitado a 5 bolsas.*

- Implantação do Programa Esporte e Lazer na Cidade em parceria com o governo federal, por meio do Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania (Pronasci). Desde 2006, proporciona lazer e esporte permanente para crianças, adolescentes, adultos e idosos em 4 núcleos: nos bairros Maria Ortiz, Santa Martha, no Parque Municipal Mangue Seco, no Parque Moscoso, e, também, no Clube de Natação e Regatas Álvares Cabral, no qual é oferecida apenas natação para pessoas com deficiência.

- Criação do Projeto Vida Ativa na Terceira Idade, pelo qual os idosos de Vitória têm a oportunidade de praticar caminhada, atividades recreativas e hidroginástica. Os idosos podem se inscrever, gratuitamente, nos locais das atividades, apresentando atestado médico de aptidão física.

CAP. 13

Vitória da cultura e das artes

Vitória da cultura e das artes

Dentro em pouco, anoitecerá em Vitória. Uma aragem muito aprazível suaviza o forte calor que tem vigorado nesses primeiros dias de outubro. São cinco e meia da tarde, e a rua é a Sete de Setembro. Neste endereço do centro da capital, para o qual se mudou recentemente, vive um dos mais importantes nomes atuais da cena capixaba, a premiada Elaine Rowena, a multiartista que se expressa com igual talento no piano, na dança, no canto lírico, no teatro, na composição operística.

Contemplada pelo Edital de Circulação de Espetáculos/2011 da Secretaria Municipal de Cultura (Semc), Elaine Rowena se recorda do trabalho apresentado para crianças em duas comunidades de Vitória, em São Pedro, e em um Ponto de Cultura de Maruípe, o Aliança Capoeira.

– Foi uma experiência soberba. No final, juntamos ópera com roda de capoeira, emocionante para mim, para a pianista, emocionante para as crianças envolvidas. Eu vi muita felicidade nos olhos dessas crianças, e tenho certeza de que esse momento marcou de alguma maneira a vida deles, a experiência de estar lidando com esse processo de música erudita, que é um universo diferente do deles – diz ela.

A arte desde a infância

Prêmio Nacional Petrobras/Lubrax, Prêmio Concorrência Nacional Fiat, Prêmio Incentivo à Cultura da Secretaria de Estado de Cultura do Espírito Santo, Elaine Rowena é possuidora de um currículo vasto e invejável. Uma trajetória riquíssima, exuberante, iniciada ainda na infância durante o período de residência dos pais no Rio de Janeiro, quando começou a tocar piano e a fazer balé, tornando-se concertista-mirim aos sete anos e bailarina aos nove.

Trabalhadora incansável, estudiosa determinada, também formada em psicologia e serviço social, destacada pela crítica por sua versatilidade em transitar por vários musicais, Elaine Rowena graduou-se em canto lírico pela Faculdade de Música do Espírito Santo (Fames), e, tanto na música quanto na dança, teve mestres e preparadores entre os mais expressivos nomes do país e do exterior. E, igualmente, criou-se em um ambiente artístico, fundamental para ela e também para o irmão, o instrumentista, arranjador e compositor Mário Aphonso III.

– Minha mãe me apresentou a arte. Quando pequena, ela cantava em rádio, em um programa chamado "Paraíso Musical", e eu tenho vários artistas na família. Meu irmão, Mário, é multi-instrumentista, respeitado internacionalmente. Tenho primas bailarinas, tias-avós que foram cantoras líricas em Portugal, pois, do lado materno, todos são portugueses. Enfim, minha mãe e meu pai sempre me deram apoio, tanto a mim quanto ao meu irmão.

Investimentos na cultura

As múltiplas inquietações de Elaine Rowena, um dinamismo profissional que exigiria muitos dias dentro de um único dia para caber a diversidade de trabalhos que ela desenvolve, também lhe dão sabedoria e autoridade para comentar sobre a cena cultural de Vitória:

– Eu acho que muitos projetos interessantes aconteceram. Muitos novos artistas, inclusive, foram contemplados com oportunidades de mostrarem os seus trabalhos. Aconteceram esses editais, de dois anos para cá, que oportunizaram a que muitos artistas viajassem para fora do país, oportunizaram a esses artistas circularem. Eu fui uma delas, contemplada ano passado com o Edital de Circulação. Eu penso que o saldo é positivo. E penso que ainda que um governo, uma gestão, tenha um número X de anos para desenvolver o seu trabalho, nunca é suficiente. Porque a demanda é sempre muito grande. Nós somos um estado muitas vezes espremido por outros que já têm uma cultura notadamente regional, como é o caso do Rio, da Bahia, de Minas, que são estados com uma estrutura maior. Mas eu penso que o estado e o município estejam avançando.

Professora de dança na Escola Técnica Municipal de Teatro, Dança e Música (Fafi), consultora de cultura do Sebrae, diretora da Cia. Capixaba de Ópera e Musicais, conselheira da Câmara de Artes Musicais do Conselho Estadual de Cultura, personal music, prestando consultoria a corais e profissionais da música dos mais diferentes estilos, Elaine Rowena também viaja anualmente para o Amazonas, onde é preparadora vocal na agremiação folclórica Boi Garantido, para o Festival Folclórico de Parintins.

– É um festival maravilhoso, que envolve o mundo inteiro. O Boi Garantido leva as divisas do Brasil e da nossa Amazônia para o mundo inteiro. Eu preparo a voz do Sebastião Júnior, que é o levantador, e do Israel Paulain, que é o apresentador – afirma.

Amar Vitória

Na infância, dos dois anos às vésperas de completar 13, Elaine Rowena viveu com os pais no Rio. Já adulta, foi durante cinco anos produtora local do SBT, em São Paulo. Mas é a Vitória que ela dedica as palavras do mais profundo afeto com o seu modo de ser tão marcadamente caloroso:

– Se eu tivesse de fazer uma declaração de amor para Vitória, eu falaria: “Vitória, meu canto a você”. Acho que é isso que eu tenho a dar à minha cidade, à minha gente: minha voz e a minha vontade de trazer felicidade para as pessoas, de trazer um pouco daquilo que Deus me deu de maneira tão generosa, para as pessoas que me escutam, que são tão queridas. Eu tenho um acolhimento muito grande da minha plateia, do meu povo, das pessoas que me prestigiam.

Teatro, mágica e contar histórias

Casa de Artes Campaneli, Enseada do Suá. 8h40 da manhã. O tempo está fechado. Chove em Vitória, mas, no ambiente desta casa, dos irmãos Rodrigo e Alexandre Campaneli, predominam a fantasia e o sonho próprios a um espaço de criação.

Ator, mágico, contador de histórias, autor do livro infantil As mais belas lendas capixabas, 36 anos, Rodrigo Campaneli nasceu em São Paulo, mas, aos 10, com a transferência de trabalho do pai, chegou a Vitória para aqui construir uma aplaudida carreira que já lhe rendeu prêmios, turnês pelo país e no exterior, e, especialmente, a presença de um público fiel nos espetáculos e fervoroso de suas criações.

Rodrigo explica como foi o seu percurso:

– Aos 10 anos, quando cheguei aqui, fui estudar numa escola que tinha uma oficina de teatro. Eu me encantei, gostei muito, porque, quando criança, eu já brincava de fazer mágica. E quando surgiu a possibilidade de fazer teatro, vi que eu precisava do teatro para me ajudar na mágica. E o teatro não me ajudou só na mágica, mas também na formação da minha carreira.

Veio, então, a abertura da Fafi:

– Aos 14, teve a abertura da Fafi, com diversas oficinas e cursos para adolescentes. Eu entrei nessas turmas e fiz teatro para adolescente, curso de voz, sapateado, teatro de boneco, teatro de rua, direção teatral. Eu até falo que morei muito tempo dentro da Fafi só fazendo cursos. Depois disso, comecei em 1995 a produzir, porque eu sempre trabalhava com grupos. Decidi fazer alguma coisa porque já não estava comportando o trabalho nos outros grupos, ou seja, não estava surgindo tanta oportunidade. E comecei a criar oportunidades para mim. Começamos junto com amigos a formar leituras, estudar textos, até que surgiu a primeira produção, em 1996, para a montagem da peça infantil Corcunda de Notre Dame. Em 1998, com o meu irmão, fundamos a Casa de Artes Campaneli. A partir daí, começamos a produzir, produzir e estamos trabalhando até hoje com teatro.

Parceria com o município

A exemplo de Elaine Rowena, Rodrigo também foi beneficiado pelo Edital de Circulação de Espetáculo da Semc em 2011, mas recorda que sua parceria com a Prefeitura Municipal de Vitória é bem mais antiga:

– Eu, com a Prefeitura de Vitória, tenho uma história grande, porque participo desde a fundação do Projeto Viagem pela Literatura, que acontece dentro da biblioteca municipal. O projeto roda todas as comunidades de Vitória e fica dentro da Fafi, com apresentações de teatro da peça Livro ao vivo e em cores. Tem o contador de história e tem o encontro com o escritor, pois levamos um escritor para que a criança tenha esse contato pessoal, saber que ele existe e é de carne e osso, e que ela também pode ser um escritor ou escritora. Esse projeto é muito legal, porque vamos a locais muitas vezes com crianças que não estão muito acostumadas com esse tipo de cultura, e quando as apresentações são nos fins de semana, contamos com a presença dos pais, avós, às vezes pessoas que nunca escutaram uma história, nunca foram ao teatro – conta Rodrigo.

E acrescenta:

– Essa é uma experiência muito bacana, todos os prefeitos a apoiam, pois tem

mais de 15 anos esse projeto. O próprio João Coser já foi em uma das nossas apresentações, achei superintessante o prefeito ali, ouvindo histórias, num bairro, se dispondo de um sábado para estar ali.

A arte vai às comunidades

Para Rodrigo, circular pelas comunidades de Vitória com o espetáculo, conforme roteiro estabelecido pela Semc, foi um excelente aprendizado, exigindo criatividade para transferir todo o aparato cênico de um trabalho feito em espaço fechado para um lugar ao ar livre, para perto de pessoas que, muitas vezes, têm pouco ou nenhum contato com o teatro.

Ele conta como foi essa experiência:

– Apresentamos em espaços alternativos, no meio de praças, quadras de escolas. O nosso trabalho se torna um pouco mais complicado porque nós temos que transportar aquela plateia para a nossa história, para o nosso ambiente, sem contar com efeito de luz, sonoro. Mas é legal porque precisamos levar a cultura ao lugar em que o povo está. Há pessoas que não têm como ter acesso, comprar ingressos para ver o espetáculo. Nesse edital, foi a Prefeitura que escolheu os locais e divulgou para as comunidades que nós estaríamos lá. Nós fizemos uma apresentação no Jardim da Penha, na pracinha da feira. Foi num horário bom, com bastante público. A outra aconteceu no antigo Lar das Meninas, no Centro de Apoio Social à Adolescência, em Santo Antônio. E também passamos num novo edital, para 2012, que terá também mais duas apresentações.

Teatro municipal

Em razão da velocidade com que Vitória cresce, diz Rodrigo, junto com a necessidade de um incremento na formação na área de cultura, ele sonha ainda com a criação de um Teatro Municipal.

– A grande briga é pela criação de um Teatro Municipal. É o sonho. O que está sendo feito é fantástico, mas falta muito produto para se oferecer a esse crescente mercado. Apesar de eu ter o meu espaço, eu brigo por mais. Quanto mais concorrente, melhor para a cultura. Quanto mais apresentações e espaços de teatro, melhor.

Este paulista que chegou ainda menino à capital capixaba se declara "apaixonado" pela cidade.

– Vitória está crescendo, as pessoas que vêm para cá se encantam e acreditam que a Prefeitura investiu muito no turismo. Um trabalho muito bem feito.

E complementa:

– Sempre que eu puder, vou fazer cultura para que esta cidade fique cada vez melhor.

O acaso dentro de um ônibus

No trajeto de um ônibus para o centro de Vitória, a professora de geografia em uma escola do Estado, Cláudia Falcão, recebeu um informativo. Até aí nada demais e nada incomum na vida cotidiana de uma cidade. Mas as informações impressas no folheto eram como que a reprodução exata de algo que Cláudia esperava para a sua vida.

– Eu estava dentro do ônibus e recebi um informativo com a notícia de que estavam abertas as inscrições para cursos no Museu Capixaba do Negro. Tinha capoeira, teatro, percussão. Como estava indo para o centro de Vitória, aproveitei para parar lá no Museu e fazer a minha inscrição. Dois meses depois, me ligaram, dizendo que as aulas iam começar. Na realidade, eu tinha interesse em fazer todas as aulas, mas, por falta de tempo, só pude escolher duas, teatro e dança.

A inscrição aos cursos do Museu Capixaba do Negro (Mucane) não era o primeiro contato de Cláudia com a arte. Ainda adolescente, ela chegou a fazer aulas de teatro de rua na Fafi, embora não tenha concluído o curso.

– Mas, como o Museu do Negro, depois de restaurado, reinaugurado, teve toda essa estrutura voltada para a questão afro, do negro, eu me interessei. Não só pelo fato de fazer teatro, que gosto muito, mas pela questão de valorização da cultura afrodescendente.

Zumbi de Palmares

Segundo Cláudia, seu próprio Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) já versava sobre a temática. No caso, a questão das cotas raciais.

– E agora estamos chegando ao dia 20 de novembro, que é o Dia da Consciência Negra. Então, juntando uma coisa e outra, eu achei interessante participar de algo que viesse enriquecer meus conhecimentos em relação à temática afrodescendente, em que eu pudesse trabalhar com os alunos em sala de aula o que aprendi no curso de teatro e dança – ela conta.

Agora, como um bom desafio de trabalho em seu curso no Museu do Negro, com estreia em novembro de 2012, Cláudia participa da adaptação da peça Arena conta

Zumbi, o já clássico musical criado por Gianfrancesco Guarnieri e Augusto Boal, com música de Edu Lobo, e encenado no Teatro de Arena de São Paulo em 1965.

– Vamos fazer apresentação para o público em geral, de dentro e de fora do museu. A peça é bem grande, mas a remontamos de acordo com a nossa realidade, a realidade do grupo. É um musical com atabaques, baterias, mostra como os povos africanos se comunicavam usando diferentes ritmos, fala de como era a época da escravidão, só que num ritmo de dança. A peça conta a história por meio de um musical.

Um exemplo de museu

Claudia diz ter conhecido o espaço do Mucane antes e depois da restauração e reinauguração:

– Eu já tinha ido lá antes da restauração. Você pisava no chão e ficava com medo de cair do outro lado. Estava numa situação bem deplorável. Eu achei a iniciativa de reforma-lo maravilhosa. Quando vi que tinham começado a restaurar, pensei que ficariam anos ali sem terminar, mas, graças a Deus, o espaço foi reinaugurado e está tudo joia. Um exemplo de museu. Coisa que não tive oportunidade de ver em outra cidade.

E Vitória?

– Vitória, o próprio nome diz, não é? É a vitória para as nossas vidas – diz Cláudia.

Ticumbi e jongo

Desde os 12 anos, Jackeline Rosa Rodrigues frequenta ensaios de escola de samba, e é sincera e franca quando diz “ter samba no pé”. Quatro meses atrás, também se interessou pelo curso de dança no Museu do Negro e hoje é uma aplicada e entusiasmada aluna do professor e coreógrafo Mauro Marques todas as terças e quintas-feiras, durante duas horas diárias.

Casada, mãe de duas filhas, nascida em Vitória, mas residente em Cariacica, Jackeline também começa a aprender danças como o ticumbi, este folguedo praticado no Norte do Espírito Santo há mais de dois séculos, e também o jongo, do qual descende o samba em linha direta, e que, entre os capixabas, está presente, por exemplo, em São Mateus, Conceição da Barra, Cachoeiro de Itapemirim, Anchieta e Presidente Kennedy.

– Dançar representa para mim o encontro do corpo e da alma. Eleva o meu espírito. Outra coisa importante é o espírito de equipe do grupo que faz aula de dança no Museu do Negro. O grupo tem em média 25 alunos com a faixa etária de 18 a 50 anos, e o nosso professor Mauro Marques é uma pessoa muito paciente. E essa valorização que a Prefeitura de Vitória está fazendo, através do museu, na preservação da cultura africana, que estava tão esquecida, é muito importante para a cultura afrodescendente.

Por dentro da história

A cultura transformadora

No talento múltiplo da artista Elaine Rowena, na alegria levada a crianças e adultos pelas peças de Rodrigo Campaneli, nos cursos que Cláudia Falcão e Jackeline Rosa Rodrigues fazem no Museu Capixaba do Negro, estão exemplos da criatividade capixaba e das oportunidades oferecidas pelo município a quem deseja ingressar no universo transformador da cultura e da arte.

Entre outras ações de apoio e investimento na área artística e cultural pela Prefeitura Municipal de Vitória, tanto em novos espaços quanto em novos equipamentos, sem jamais perder de vista a diversidade das expressões e manifestações dos talentos individuais e de grupos, compreendendo a criatividade em seu sentido mais amplo, da arte popular às experimentações contemporâneas, em todos os seus gêneros, destacaram-se as seguintes, nos últimos oito anos:

- Recuperação, ampliação e reabertura do Museu Capixaba do Negro com oferta de oficinas, exposições e realização de atividades culturais. O Museu Capixaba do Negro "Verônica da Pas" (Mucane), que fica na Avenida República, no Centro, é um espaço de convergência de diversos serviços destinados à população negra. O local foi totalmente restaurado e modernizado e está equipado com auditório, biblioteca, área para eventos, museu e mezaninos. O edifício original, com 716,00m², foi totalmente restaurado e ainda foi construído um anexo com 717,34m², onde será instalado o Centro de Referência da População Negra.

- A Prefeitura também recebeu da União, mediante contrato de cessão de uso gratuito do imóvel, o prédio histórico de 1903 onde fica a Casa Porto das Artes Plásticas. O projeto para restauro e adaptação do patrimônio foi licitado em setembro de 2011 e o início das obras ocorreu em fevereiro de 2012.

- Criou, em 2006, a Estação Porto, ambiente de divulgação cultural no Centro de Vitória, situada no Armazém 5 da Companhia Docas do Espírito Santo (Codesa), oferecendo aos turistas que chegam em cruzeiros a oportunidade de conhecerem as tradições capixabas. A Estação Porto também realiza eventos culturais abertos ao público, como shows, espetáculos de dança e teatro, lançamentos de livros, exposições, mostras de cinema e vídeo, seminários científicos, saraus e recitais poéticos.

- Concluiu também, com a parceria do Governo do Estado do Espírito Santo, as obras de reestruturação do Sambão do Povo, palco do Carnaval de Vitória.

- Criou o Museu do Pescador Museu Histórico da Ilhas das Caieiras "Manoel dos Passos Lyrio", denominado por meio da Lei 6.306/05, uma antiga reivindicação da comunidade e se constitui como um museu comunitário. É uma obra do Programa Terra Mais Igual (Poligonal 12). O espaço conta com uma sala para exposição e de leitura.

- Reformou e reabriu o Mercado São Sebastião, onde funciona o Centro de Referência do Artesanato Capixaba e também são realizados os projetos Mercado Literário, Mercado do Samba e Mercado da Música. Criado em 1949, o Mercado São Sebastião funcionou como um antigo ponto de encontro de moradores do bairro Jucutuquara até a década de 1980. Depois de fechado, o espaço foi tombado como patrimônio histórico pela Prefeitura Municipal de Vitória. A construção apresenta uma arquitetura neocolonial e se destacou por ser o primeiro mercado construído fora do centro da cidade de Vitória.

- Implantação do Programa e criação do Espaço Circuito Cultural de São Pedro. O programa oferece aos moradores a oportunidade de conhecerem os fundamentos de manifestações artísticas por meio de oficinas realizadas em bairros em todas as regiões da capital.

- Construção do Memorial da Paz, na Praça do Papa, em 2009. O local é dedicado à valorização da cultura da paz nas suas diferentes formas de manifestações.

- Implantação da Casa do Folclore Hermógenes Lima Fonseca no bairro Nazareth.

- Criação do Espaço Vitória Design. O espaço tem como objetivos promover, valorizar e documentar o impacto das expressões humanas realizadas por meio do design nos âmbitos regional, nacional e mundial, enfocando sempre a contribuição brasileira ao universo de criação dessa manifestação artística.

- Assumiu, na região central de Vitória, o Centro Cultural Carmélia Maria de Souza, espaço multiuso para teatro, cinema e outras manifestações artísticas. Seu Teatro José Carlos de Oliveira, com capacidade para 400 pessoas sentadas, já recebeu eventos como o Festival Nacional de Teatro Cidade de Vitória, a Mostra da Cultura Popular Capixaba, Mostra de Cinema e Vídeo, a Mostra Afro-Brasileira e também encontros, como de corais e bandas.

Projetos e Programas

- Implantação do Programa Circuito Cultural. Entre os anos de 2006 e 2011, foram realizadas 313 oficinas, 90 visitas técnicas e 66 momentos culturais.

- Elaboração do Plano Municipal de cultura com metas e ações para o período de 10 anos – 2013-2023.

- Festival Nacional de Teatro Cidade de Vitória, já realizadas 8 edições.

- Festival Vitória em Canto, já realizadas 3 edições.

- Implantação do Projeto Mercado Literário.

- Implantação do Projeto Mercado da Música.

- Implantação do Projeto Mercado do Samba.

- Circuito do Choro.

- Concurso de Marchinhas.

- Criação de edital de seleção e concessão de apoio financeiro para custeio de despesas com locomoção de artistas, técnicos e estudiosos.

CAP. 14

Olhares de afeto sobre a cidade

Olhares de afeto sobre a cidade

Ela é baiana, poeta, atriz.

Suely Bispo cursou História e fez mestrado em Estudos Literários na Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Há cerca de 20 anos, mudou-se com o pai para Vitória. Aqui ficou. De perto, acompanhou as transformações urbanas, as mudanças estruturais, o crescimento e o desenvolvimento da cidade nos últimos anos. E aprendeu a amá-la. A ponto de inseri-la em sua poesia, num dos poemas que compõem o seu livro Desnudalma, de 2005, e cujo título, sintoma desse amor, é "Baía Encantada".

Suely morou na Ilha de Santa Maria e no Bairro República. Hoje, com entusiasmo, reside na área central:

– Minha opção sempre foi morar em Vitória, principalmente na região do Centro, e a rua onde moro, a Rua do Vintém, é a minha rua! – diz ela, atualmente coordenadora do Museu Capixaba do Negro (Mucane).

Obras que valeram a pena

O olhar de quem vivenciou passo a passo as alterações na paisagem urbana em decorrência das intervenções realizadas pela Prefeitura fez com que Suely percebesse inclusive uma reversão positiva na autoestima da população:

– Eu cheguei aqui no final dos anos 1980 e achava estranho que as pessoas falassem assim: "Ah, você veio de Salvador para morar aqui em Vitória, por que você fez isso?" Eu achava estranho o capixaba falar assim de sua terra. Nunca vi baiano falar assim da Bahia. Ultimamente, eu não tenho ouvido mais isso – afirma.

Defensora da tese de que investir em cultura é investir no desenvolvimento da cidade, convicta de que as intervenções revitalizadoras no centro de Vitória pelo município resultarão em incremento cultural expressivo daqui para frente, Suely observa que os transtornos comuns à vida cotidiana das cidades em momentos de obras valeram a pena:

– Em linhas gerais, o que eu percebo é que Vitória nesses últimos anos ganhou uma cara mais moderna com essas obras nas orlas, nas praças, nas avenidas. Nós passamos por momentos desconfortáveis durante a execução dessas obras, com engarrafamentos infernais, mas a gente vê que no final acabou valendo a pena. Vitória está mais bonita. Deu uma crescida. Está uma cidade mais moderna.

Poder atrativo do Centro

As pessoas de outras regiões da cidade estão descobrindo o Centro, lembra Suely.

– A obra de restauração do Museu Capixaba do Negro faz parte do processo de revitalização do Centro de Vitória. A vida cultural da cidade vai dar uma incrementada nesse lado de cá do Parque Moscoso. E nós temos que intensificar o contato com as comunidades aqui do entorno, para que essas comunidades estejam aqui participando das coisas que acontecem no museu, das oficinas, a programação cultural.

E acrescenta:

– Eu sempre pensei o seguinte: constantemente se fala em revitalização do Centro, e eu nunca vi acontecer. Agora, a gente está vendo isto sair do papel. As manifestações culturais dessa região estão atraindo mais pessoas para cá. Principalmente ali na região da Rua Sete, que tem a Escola de Samba Piedade – ela sempre existiu lá, pois é a primeira escola de samba de Vitória, mas de uns anos para cá as pessoas de outras regiões da cidade redescobriram o Centro de Vitória. E isso passa pela questão da cultura. A gente tem que inves-

tir mesmo na questão da cultura, divulgar nossas manifestações, nossos artistas, para o pessoal daqui. Para fazer Vitória acontecer pro Brasil, inclusive. Quando você investe em Cultura, você investe também no desenvolvimento da cidade. O museu integra esse complexo que sai lá da Rua Sete, com a feira no sábado que tem o samba da xepa, um movimento cultural, e a partir do desenvolvimento das atividades daqui, o museu passa a fazer parte desse movimento, desse complexo cultural, e contribuir nesse processo de revitalização do Centro. Eu acho que, com a reforma, a Rua Sete ficou muito bonita e confortável, mais moderna.

Da África para Vitória

Alguns milhares de quilômetros separam Vitória do país de origem de Kadio Serge Aristide, mais conhecido com Tide. Natural da Costa do Marfim, graduado em História com mestrado em Geografia, coordenador estadual do Mapeamento da Economia Solidária do Espírito Santo, Tide chegou à capital capixaba em 2007. Seu primeiro destino no Brasil, porém, foi o Paraná, onde fazia um estágio desde o ano anterior como membro da Aiesec, organização mundial de estudantes presente em mais de 100 países.

– Estava fazendo um estágio no Paraná, e, como sou membro da Aiesec, eles me convidaram para fazer um estágio aqui em Vitória – diz ele.

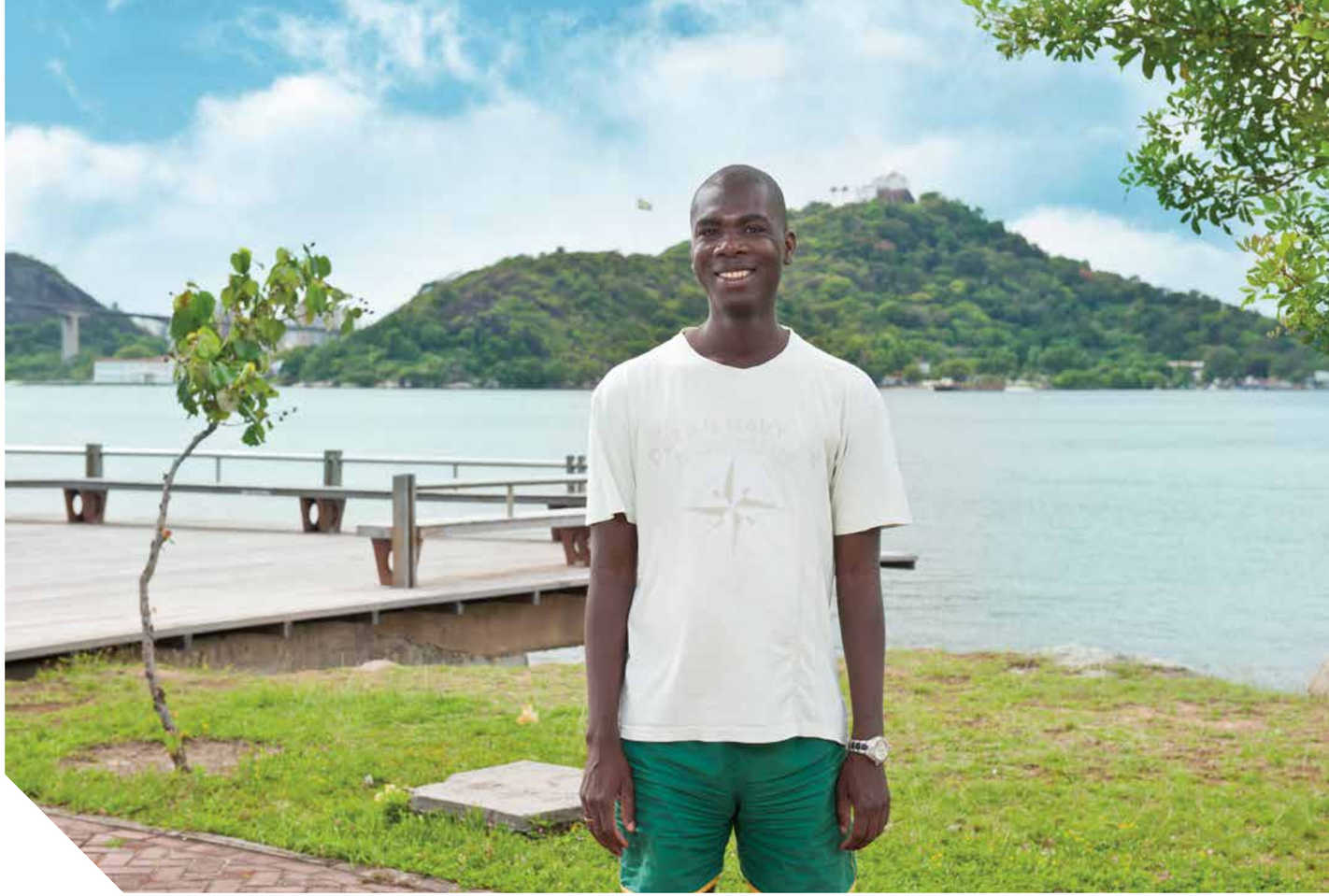
Noivo de uma assistente social capixaba, Tide já considera a cidade como a sua "segunda casa".

– Vitória pra mim é a mais linda das ilhas. Das poucas ilhas que conheço, Vitória é a mais bela. Vitória é a minha segunda casa. Gosto da cidade, das pessoas. Todos me receberam muito bem. Fiz amigos aqui. Conheci minha noiva, vamos nos casar. Isso me deixa muito feliz. Eu sinto falta da Costa do Marfim, mas com as amizades que fiz aqui, me sinto bem acolhido na cidade.

Pelos caminhos da cidade

Em certa época, quando dispunha de mais tempo em seu dia a dia, Tide começava a caminhar na Ilha de Santa Maria e chegava até a Ilha do Boi. Assim como o usufruto de um grande prazer diário, ele fazia esse roteiro de segunda a sexta-feira, logo ao nascer do dia, por volta das cinco da manhã. No trajeto, gastava em torno de duas ou três horas de caminhada, e afirma que a satisfação aumentava devido à melhor das companhias quando se anda: a paisagem.

– Eu acho bom caminhar ali porque, além de melhorar a saúde, temos uma paisagem linda para admirar enquanto se faz a caminhada. Isso favorece a caminhada, dá mais estímulo.



Pelos caminhos da Vitória que Tide já trata como cidade de sua eleição, ele frequenta sempre que pode o calçadão de Camburi, a Praça do Papa, a Rua Sete ou a Praça Costa Pereira.

– Acho que a Praça do Papa, o calçadão de Camburi, a Avenida Beira-Mar, apresentam uma estrutura de espaços modernos, que dá mais mobilidade à população, e faz com que as pessoas que passam por esses locais aproveitem mais o espaço. A Praça do Papa é um lugar amplo, ótimo para fazer as feiras. É importante Vitória poder contar com um espaço daquele tamanho, tanto para feiras quanto para shows. Já os quiosques que foram feitos no calçadão de Camburi também ajudaram nesse ar de modernidade. Ficaram bem legais. Vou sempre que posso lá, me distrair, relaxar.

E se alegra com a reforma da Rua Sete e a restauração da Praça Costa Pereira:

– Eu frequento a Rua Sete. A reforma deixou muito mais bacana o lugar. An-

tes, era meio jogado de lado. Era essa a impressão que tinha. Agora, valorizou o espaço. A feira ficou animada. Tem até o samba da xepa. Restauraram também a Praça Costa Pereira e essas estruturas estão dando outra imagem ao Centro.

A emoção das rampas

São quase oito horas da noite na Avenida Vitória, Ilha de Santa Maria.

Neste momento, o mundo parece se transformar em um imenso forró, dada a animação da aula desse ritmo que está ocorrendo no Centro de Referência da Juventude (CRJ), implantado pela Prefeitura como resultado de demandas no Orçamento Participativo da Juventude.

É ali que o presidente da Associação Capixaba de Skate, Lauro Almeida Salles, um dos que estiveram à frente das reivindicações para a construção do CRJ, conta a história recente do skatismo em Vitória, desde as dificuldades e as precariedades do começo, até o grande estímulo recebido pelos praticantes do esporte com a rampa do Tancredão.

História

Lauro contava oito anos de idade em 1984 quando, conforme gosta de dizer, "foi descoberto" pelo skate.

– Eu estava saindo da escola, havia um grupo de skatistas pulando uma rampa, fazendo várias manobras, e eu quis aquilo ali para a minha vida. Não fui eu quem encontrou o skate, ele que me encontrou. Na época, era tudo muito precário, não existia loja de skate, principalmente em Goiabeiras. Para se ter uma ideia, era tudo rua de chão. Devia ter uma ou duas ruas asfaltadas em Goiabeiras, onde a galera se encontrava.

Dois anos depois, uma boa notícia:

– Em 1986, foi inaugurada a primeira pista de skate do estado, o half da Praça dos Namorados, na Praia do canto. Todo mundo da Grande Vitória ia pra lá. Era uma pista para milhares de pessoa. Dava até briga.

Os anos se passaram, Lauro ajudou amigos a organizarem o primeiro campeonato em Laranjeiras, na Serra, ia aos eventos do Jardim da Penha, e sentiu que ele e o skate já não mais podiam se separar. E vieram, assim, os campeonatos de 1998, 1999, 2000, e, sedimentado assim o esporte na cidade, em 2008 os seus adeptos partiram para a primeira associação que os unisse.

– Em 2008, nos reunimos com o intuito de formar uma entidade, e por unanimidade fui eleito presidente. Sinceramente, eu não queria, mas a galera quis que eu fosse porque me dedico bastante ao skate, sei dos contatos, das reuniões, dos orçamentos participativos, segundo a galera sou um cara mais integrado do assunto.

Rampa de referência

Lauro, conhecedor como poucos da evolução do skate em Vitória, só tem elogios para a rampa construída no Tancredão:

– A rampa do Tancredão é street. Nessa rampa, é recomendável o uso de capacete. Eu só ando lá com capacete. Essa rampa está muito legal, tanto ela como a estrutura em volta dela. Se eu quero beber água, eu tenho água; se eu quero levar uma muda de roupa na mochila, posso tomar um banho e voltar para a casa cheiroso. A estrutura do parque Tancredão oferece isso aí. Essa rampa está sendo referência para o Brasil e para o mundo. A rampa é grande, de granilite. Antes não ia ser, mas a Prefeitura nos ouviu. Fizemos uma reunião com a Secretaria de Obras e vimos como poderia ficar bom para a prática. Lá tem os dias pares para o skate e os dias ímpares para as bicicletas e patins. Fizemos essa escala para não ter briga – afirma.

E complementa:

– Não tenho nem como falar da importância de ter a rampa do Tancredão. É gigante. É imensa. O tanto de guri que a gente vê lá. Gente que eu nunca vi na vida. Vem skatista de outros municípios para o Tancredão porque nos outros municípios não tem rampa como aquela.

O imenso afeto

Houve um momento em sua vida que Lauro pensou em trocar Vitória por Minas, São Paulo ou Maranhão. Formado em manutenção industrial, ele percebia que era impossível viver do esporte que abraçara com tamanha paixão. Hoje nem pensa nessa hipótese.

– Aqui eu me sinto mais confortável. Você consegue dar seu "rolé" mais sossegado. Você quer visitar o píer de Iemanjá, ele está longe, mas você consegue chegar até ali. Você quer ir ao calçadão da praia de Camburi, está cheio, mas está tranquilo. Você quer ir às paneleiras, onde é o meu reduto, você consegue visitar o Galpão das Paneleiras. Além disso, eu amo o meu manguezal. Eu o protejo, vou lutar até o fim pra preservá-lo. Faço um trabalho voluntário com a molecada de lá. Nós catamos lixo dentro do mangue. Sensibilizamos as pessoas para que não joguem lixo lá. Vitória é tudo. É minha cidade.

A arte de pedalar

Antônio Fernando Faria Bungenstab e Giordano Dalvi Boina, de 40 e 34 anos, funcionários da Petrobras, estão acostumados a viver e sentir Vitória a bordo de suas bikes – por prazer, por atividade física, vida saudável e meio de transporte. Ambos participam da "Quinta Bike", grupo de ciclistas que, em todas as quintas-feiras, no espaço sempre exuberante da Praça Papa, se reúne para a arte de pedalar, escolhendo caminhos que praticamente cobrem toda cidade, dada a variedade dos trajetos: ruas, avenidas, vielas, orlas e morros.

Giordano conta qual roteiro prefere:

– Eu faço um trecho curto. Para mim, é bem simples. Eu deixo a bicicleta na garagem do prédio. As ruas de Jardim da Penha são mais tranquilas. Eu escolho as ruas com menos tráfego. Pego a Rua do Canal, pego o Shopping Jardins e passo pela Ponte Ayrton Senna. Depois começo o pior trecho, a Avenida Rio Branco. Na Ponte Ayrton Senna, já começa a ficar ruim, porque os motoristas não dão passagem, às vezes é preciso usar calçada. Na Rio Branco, muitas vezes eu consigo acelerar bem e fugir do trânsito. Mas quando não dá para fugir do trânsito pela Rio Branco, eu venho pela Rua Constante Sodré, na Praia do Canto, que é mais tranquila. Eu não pego ciclovia. Dentro de bairro, nas ruas secundárias, não é muito caso de ter ciclovia, é mais questão de o pessoal saber dividir o espaço, de o motorista saber dividir o espaço com o ciclista, com o pedestre. Nem sempre acontece isso. Nesse trecho, que a gente faz, o pior é a falta de respeito, nem tanto a infraestrutura.

Em seu dia a dia, o caminho percorrido por Antônio Fernando, dono de três bicicletas – uma para trilha, outra para o Quinta Bike e uma comum para ir ao trabalho –, é outro:

– Eu venho mais de bicicleta para o trabalho, porque, para vir de carro, eu gasto mais tempo. Para voltar para casa, é pior. Às vezes, eu pego trânsito. Saio de casa de bicicleta, passo pela ciclovia lá da orla de Camburi, passo um trecho sem ciclovia, na Ponte da Passagem, venho pela Praça dos Namorados, e, então, por dentro da Praia do Canto. Às vezes, eu alterno por dentro de Jardim da Penha. Eu gosto de passar pela ciclovia para pegar o dia cedo,

aproveitar o visual, que dá uma energia. Chego revigorado ao trabalho. Nosso trecho é pequeno, uns seis, sete minutos. Na portaria de trás daqui da Petrobras, há o bicicletário.

Pedaladas em Camburi

Segundo ele, a filosofia que adotam no Quinta Bike, seja para trilhas ou para o trabalho, é sempre o uso de caminhos alternativos.

– E a ciclovia ajuda, é claro, principalmente para quem não tem tanta experiência como a gente.

Um dos grandes prazeres de Antônio Fernando é estar aos domingos em Camburi. Para ele, a ciclovia, no novo trecho de 2,9 quilômetros de extensão da orla urbanizada pela Prefeitura, com novas baias de ônibus e cinco bolsões de estacionamento, "é uma maravilha".

– É mais seguro. Domingo a gente sempre está ali em Camburi, pedalando junto. Minha esposa pedala também. A Dante Michelini vira uma rua de lazer nos domingos. Aí vem gente com skate, patins, bicicletas. Meus filhos tem 5 e 6 anos. Toda noite vou para o calçadão de Camburi pedalar com o meu filho mais velho. Dei para ele um kit com capacete, cotoveleira e joelheira. Ele está todo animado e já está querendo andar sozinho. Os dois já têm bicicletas e gostam muito.

Segurança e respeito

Para Giordano, com a sabedoria de quem conhece os prazeres, mas também os riscos da arte de pedalar pelo espaço urbano, compartilhamento de vias e educação no trânsito, com atitudes respeitosas da parte de todos os usuários, são cenários ideais. Atenta a essas atitudes de respeito, aliás, a Prefeitura, por meio da Secretaria Municipal de Transporte, Trânsito e Infraestrutura Urbana (Setran), elaborou um guia com 26 orientações detalhadas para que os amantes das bikes possam transitar em segurança por Vitória.

– A ciclovia dá muita segurança, porque você está isolado ali. Mas eu acho que só vale mesmo a pena nas vias principais mesmo. Por exemplo, colocar dentro de um bairro como Jardim da Penha não faz muito sentido. Aqui na Avenida Rio Branco, por exemplo, se tivesse uma ciclofaixa já ia ajudar bastante. É um investimento baixo, e quando o carro vê aquela sinalização, intuitivamente, quer fugir. Eu sou mais favorável a compartilhamento de vias. Acho mais barato, é uma solução mais racional, e depende da educação de cada um. A pessoa que respeita um ciclista na rua, respeita um motorista, respeita um pedestre – diz Giordano.

Pelas Calçadas Cidadãs

Nascida em Minas Gerais, com 78 anos e moradora de Goiabeiras nas proximidades do campus da Ufes, dona Alaíde Gomes mudou-se para o Espírito Santo em 1975. Residiu primeiro em Baixo Guandu, e, mais tarde, em 1988, veio para Vitória. Mãe de três filhos, aposentada, ativa, ela complementa os proventos da aposentaria na compra e revenda roupa, na costura, nos bordados. Sempre incansável. Aos 61, com sacolas de compras do supermercado, dona Alaíde sofreu uma queda na rua que lhe deixou forte sequela na coluna.

Em decorrência desse acidente, o espaço reservado ao trânsito de pedestres nas ruas do bairro traz alegria e segurança para dona Alaíde quando ela percebe "a beirada que evita derrapagem", referindo-se às Calçadas Cidadãs, um dos grandes projetos de acessibilidade da Prefeitura em conformidade com as legislações municipal e federal, para assegurar a mobilidade segura das pessoas, especialmente aquelas com deficiência, os idosos e as gestantes.

– A calçada que eles fizeram é muito boa. Sem erro. A calçada é larga, tem uma beirada que evita derrapagem. Tudo muito arrumadinha. Essa calçada é aqui em frente à escadaria da minha casa. Mas estão fazendo em toda a Avenida Fernando Ferrari. Já está quase chegando lá na pracinha. Daqui de casa até o ponto de ônibus era ruim, agora está tudo certinho. Eu fico mais segura para sair de casa – afirma dona Alaíde.

E acrescenta:

– Quando eu ando em lugares que não tem a calçada cidadã, é muito ruim, porque a gente tropeça, tem que andar devagarinho, desviando dos buracos. Quando chove, é pior ainda. Fica um monte de poça de água. Nas calçadas arrumadinhas, retinhas, largas, são melhores para andar. Todos os lugares a que vou sempre tem as calçadas arrumadinhas. A Unidade de Saúde que frequento é aqui em Bairro República. Lá tem essa calçada, e nos supermercados que vou em Goiabeiras, Jardim da Penha e Mata da Praia também tem essa calçada nova. Lá no centro de Vitória, aonde vou fazer compras, também tem essa calçada. Eu me sinto mais segura para andar. Pelo menos, não corro o risco de tropeçar nem cair – diz a simpática e receptiva dona Alaíde, enquanto, com a grande disposição que vence as marcas da idade e do acidente, ela cuida dos afazeres domésticos em sua simples, mas muito digna casa no bairro de Goiabeiras, junto ao último e conclusivo trecho de duplicação da Avenida Fernando Ferrari.

Por dentro da história

As múltiplas faces da modernização

Com os sentimentos mais sinceros de quem se afeiçoa para sempre a uma cidade, Suely e Tide, ela, vindo da Bahia, ele, da distante Costa do Marfim, testemunharam no passar dos anos os capítulos de modernização de Vitória, em obras e melhorias para o desenvolvimento da capital, em suas múltiplas faces.

Giordano e Antônio, ciclistas, são outros exemplos do convívio com as ruas e avenidas, e do sentimento amoroso por Vitória desde um local singularmente privilegiado: a bordo de uma bike.

Dona Alaíde, em Goiabeiras, agora se sente mais segura nas Calçadas Cidadãs. E Lauro, por sua vez, que já ajudou a escrever a história do skate no Espírito Santo, saúda esses avanços com a veemência de quem firmemente acredita que, por esse esporte, e pela moderna rampa do Tancredão, pode projetar ainda mais o nome do estado.

Entre outras ações e intervenções, a Prefeitura Municipal de Vitória executou as seguintes obras:

Urbanismo

Programa de Urbanização das Orlas de Vitória

1. Reurbanização da Orla de Camburi, contemplando:

- Construção de 7 novos quiosques com cozinha e banheiros subterrâneos, bicicletário, banheiros para banhistas e decks. Concluídos 2 quiosques e outros 5 em obras.
- Construção de 1 novo módulo do Serviço de Orientação ao Exercício (SOE).
- Construção de novo calçadão com ciclovias, pista para caminhada e corrida e baias para ônibus e estacionamento.
- Implantação de novos acessos viários, recapeamento asfáltico e ampliação das calçadas residenciais.
- Implantação de nova iluminação na avenida Dante Michelini, no calçadão e na areia da praia, no trecho entre o Píer de Iemanjá e o segundo píer em Jardim Camburi.

2. Reurbanização da Orla de São Pedro com reforma da Praça Don João Batista e implantação de academia popular, quadra de areia, quadra poliesportiva, decks de madeira e playground.

3. Urbanização da primeira etapa da Orla Maria Ortiz numa área de aproximadamente 19 mil m² com 2 quadras poliesportivas, 1 campo de futebol society, 2 playgrounds, pista de caminhada, ciclovia e decks de suporte à pesca.

4. Urbanização da Orla de Nova Palestina em 2 mil metros de extensão com quadra poliesportiva, 2 quadras de areia, playground e pista de caminhada.

5. Urbanização da Praça do Papa com aproximadamente 67 mil m², área de eventos, playground, 2 restaurantes e 1 lanchonete, construção de trilha até a Reserva Ecológica Ilha do Papagaio, mirante e estacionamento.

Outras intervenções

6. Construção da nova Ponte da Passagem com 55 metros de altura e 270 metros de extensão, além da passarela de pedestres Maurício de Oliveira, em parceria com o Governo do Estado do Espírito Santo.

7. Reforma estrutural das pontes de Camburi, além da implantação de uma terceira faixa para veículos e construção de uma nova passarela para pedestres.

8. Reurbanização da Avenida Fernando Ferrari, em parceria com o Governo do Estado do Espírito Santo, obra estratégica para a cidade, garantindo qua-

lidade de vida com a melhoria da mobilidade urbana na região, passando de duas para três faixas por sentido, além de calçadas com acessibilidade para pessoas com deficiência, ciclovias e semáforos sincronizados.

9. Ampliação e melhorias na Rua Dona Maria Rosa, em Andorinhas, com mais uma faixa de tráfego, calçadas cidadãs, ciclovia, iluminação e sinalização.

10. Abertura e urbanização da Rua Dom Bosco. A rua foi ampliada e conta com duas faixas por sentido. Além disso, ganhou calçadas acessíveis, seguindo as diretrizes do Projeto Calçada Cidadã, canteiro central e estacionamento nos dois lados. São 140 novas vagas de estacionamento.

11. Melhorias e ampliação de acesso à Avenida Nossa Senhora da Penha (Reta da Penha), com duas baias para ônibus em frente à nova sede da Petrobras, sentido Vitória-Serra, e uma baia no sentido contrário, mais faixas de pedestres com ilha e acesso para cadeirantes.

12. Abertura ou alargamento de 8 ruas: Nilo Paiva (Santo Antônio), Macau (Santa Tereza), Elias José da Vitória (Boa Vista), Joana Firme Nunes (Joana D'arc), ladeira Sargento Licínio Vieira (Rampa da Engenharia), João Apolinário Nascimento (Santos Reis), da Procissão (Comdusa) e Silvana Rosa (Goiabeiras).

13. Elaborado do Plano Municipal de Redução de Riscos. O plano revê a execução de ações estruturais e não estruturais que visam reduzir e controlar as situações de risco à população, causadas pelo excesso de chuva, como deslizamento de encostas e rochas. Além disso, garante que áreas de ocupação irregular recebam serviços públicos de infraestrutura e saneamento básico.

14. Executadas 59 obras de contenção de encostas em 35 bairros.

15. Implantação do Vitória 100% – programa de recuperação de vias urbanas por meio de nova pavimentação, iluminação pública, segurança e acessibilidade.

Drenagem

1. Elaboração do Plano Diretor de Drenagem Urbana (PDDU). O Plano tem como finalidade identificar as principais áreas de alagamentos e apontar soluções para redução de riscos. Com o PDDU, o planejamento de intervenções na área de infraestrutura urbana torna-se mais eficaz e integra-se aos Planos de Esgotamento Sanitário, Resíduos Sólidos, Diretor Urbano (PDU) e de Redução de Riscos.

2. Construção do sistema de macrodrenagem em República, Mata da Praia e Morada de Camburi.

3. Construção da estação de bombeamento de águas pluviais Dr. Antônio Ferreira da Silva Pinto, em Santa Luíza, compreendendo o sistema de macrodrenagem da bacia de Maruípe.

4. Em execução, a construção e ampliação de galerias e reservatórios de águas pluviais do sistema de macrodrenagem nas bacias de Maruípe.

5. Em fase final de execução, as obras de macrodrenagem em Jardim Camburi.

6. Urbanização (cobertura do valão) da Avenida Cesar Hilal e da Rua Jair Etienne Dessaune (trecho Beira-Mar – Avenida Cesar Hilal), em Bento Ferreira, e da antiga Rua José de Farias em Santa Luíza.

7. Execução de 14 obras de construção e ampliação da rede de drenagem nos bairros Caratoíra, Joana D´Arc, Romão, Jabour, Consolação, Estelinha, universitário, Horto, da Penha, Centro, Vila Rubim, Jesus de Nazareth e Praia do Canto.

8. Investimentos da ordem de R$ 260 milhões em obras de drenagem e saneamento.

Acessibilidade e mobilidade

Entre outras ações nos últimos oito anos destinadas à melhoria na acessibilidade e mobilidade na capital, a Prefeitura Municipal de Vitória realizou as seguintes:

- Implantou o serviço Táxi Acessível, que realiza o transporte de passageiros com mobilidade reduzida e que utilizam a sua própria cadeira de rodas, como pessoas com deficiência, idosos e obesos. Já circulam 10 veículos adaptados pela capital, que possuem ponto livre na cidade. O serviço pode ser solicitado por telefone, e aceita pedidos de agendamento. Embora a prioridade de atendimento sejam pessoas com mobilidade reduzida, o serviço não é exclusivo para esse público, podendo atender ao chamado de qualquer cidadão, se estiver livre. O valor da tarifa não sofre alteração.

- Ampliou o serviço de transporte Porta a Porta em 66%, passando a contar com 10 micro-ônibus adaptados e realizando em média 12.400 viagens por mês. O Porta a Porta busca o cadeirante no local previamente estabelecido, encaminha-o ao seu destino e retorna com o mesmo ao ponto de partida, seguindo a prioridade no atendimento: saúde, trabalho, educação e lazer.

- Ampliou os pontos de parada com acessibilidade de 110, em 2008, para 191, em 2011, um crescimento de 73,63%.

- Ampliou a frota de transporte convencional com acessibilidade de 79 veículos, em 2009, para 177, em 2011.

- Implantou 68 de faixas da vida a partir de 2005. As faixas da vida são pintadas sobre um fundo vermelho e, em alguns casos, são elevadas, chamando, assim, a atenção do pedestre, e alertando o motorista sobre a existência de sinalização.

- Implantou o Projeto Endereço Cidadão, que visa à organização e à oficialização da numeração dos imóveis do município e do nome dos logradouros públicos (rua, avenida, praça, escadaria, becos etc.) com a instalação de placas identificativas.

- Recebeu, entre 2008 e 2012, 1.525 comunicações, por parte dos munícipes, para reformas de Calçadas Cidadãs.

Projetos em Elaboração

- Parque de Ciência e Tecnologia do Espírito Santo, cujo protocolo de compromisso foi assinado entre o Estado e o município, que se comprometeram em investir R$ 40 milhões nas obras nos próximos dois anos.

- Projeto de Urbanização do Canal de Camburi, que prevê calçadão, área para ciclistas, de lazer e esportiva, além de novo acesso para Andorinhas.

Intervenções sob responsabilidade de execução pelo Governo do Estado do Espírito Santo, a partir de parcerias estabelecidas

- Construção do Portal Príncipe/Sul, macroprojeto para melhorar as condições de tráfego, a fluidez do trânsito e a segurança de ciclistas, veículos e pedestres na região sul e portuária da cidade. Essa área é de grande importância para o município, visto que é uma das principais entradas para a capital e o principal acesso ao Porto de Vitória.

- Urbanização da Rodovia Serafim Derenzi, projeto que prevê ampliar a via em três faixas por sentido da Avenida Maruípe até a Pedreira Rio Doce, e, a partir desse ponto, duas faixas por sentido.

- Urbanização da Avenida Leitão da Silva, em projeto para minimizar as retenções de fluxo e congestionamentos e, principalmente, melhorar a segurança dos pedestres, ciclistas e veículos.

- Nova Biblioteca Municipal, a ser instalada no antigo prédio da Assembleia Legislativa, na Cidade Alta, em parceria da Fundação Vale com a Prefeitura de Vitória.

- Centro de Eventos de Vitória, projetado para ser maior espaço para a realização de feiras, shows, congressos e seminários do município, ampliando o potencial turístico da cidade. Com um conceito inovador e arquitetura contemporânea, o equipamento público está sendo projetado com espaços multifuncionais e versáteis, os quais permitirão a realização de atividades simultâneas para até 15 mil pessoas.

Indicadores, Premiações e Reconhecimentos

Vitória assinou o termo de adesão ao Programa Crack, vencer é possível. Foi a primeira capital a assinar a adesão após um único encontro. Foi considerada pela ministra de Desenvolvimento Social e Combate à Fome, Tereza Campello, um exemplo de união de esforços e de resultados.

Vitória é a primeira capital brasileira em qualidade de vida (Associação Pro Teste, de São Paulo). É a capital mais bem-conceituada pela população em habitação, saúde e segurança e fica em segundo lugar nos quesitos educação e mobilidade. No quesito emprego, Vitória aparece na quinta posição, considerada boa pela pesquisa.

Vitória é a segunda capital brasileira em excelência em gestão fiscal (Instituto Firjan)

Vitória é a capital com o melhor Índice de Competitividade do Turismo Nacional na categoria Aspectos Ambientais (7º Festival de Turismo das Cataratas do Iguaçu, no Paraná).

Recebeu o Prêmio de Prefeito Amigo da Criança (Fundação Abrinq).

Vitória ficou em 5º lugar no Prêmio Brasil Sorridente, primeira vez que um município capixaba foi premiado pelo Conselho Federal de Odontologia (CFO).

Vitória é o terceiro município mais rico do País, conforme indicadores da Fundação Getúlio Vargas (FGV).

Vitória é a quarta capital mais digital do Brasil (por dois anos consecutivos). O Índice Brasil é do Centro de Pesquisa e Desenvolvimento em Telecomunicações.

Vitória está entre as cidades com melhor investimento per capita do Sudeste (Anuário Multi Cidades).

Vitória obteve 1º lugar no ranking estadual de geração de novas vagas de emprego com carteira assinada em 2010, pelo Ministério do Trabalho.

Vitória é a 3ª capital e o 4º melhor município para se fazer carreira, segundo a pesquisa 100 Melhores Cidades para Fazer Carreira Revista Você S/A.

Vitória é cidade capixaba com maior índice de investimentos – foram investidos R$ 212 milhões em 2010, de acordo com o Anuário Finanças dos Municípios Capixabas.

Vitória foi distinguida com o Prêmio Dubai Internacional para Melhores Práticas pela experiência do Orçamento Participativo no ano de 2010.

Relações Internacionais para o Desenvolvimento e a Qualidade de Vida

A Assessoria de Relações Internacionais (ARI) da Prefeitura Municipal de Vitória foi criada com vistas a exercer a função diplomática de assessorar o prefeito, o vice-prefeito e os secretários municipais em todos os aspectos e trâmites concernentes às negociações internacionais. A ARI está vinculada ao Gabinete do Prefeito e diretamente subordinada ao secretário-chefe de Gabinete. O organograma vigente em 2012 está em conformidade com a lei municipal nº 4.780, de dezembro de 1998, e com o decreto nº 12.628, de dezembro de 2005, que alterou a estrutura administrativa. É nesse dispositivo que se encontram as competências e atribuições institucionais da ARI.

Dentre seus objetivos e competências, encontram-se: consolidar, no exterior e no Brasil, a imagem institucional de Vitória como exemplo de inclusão social, gestão democrática e valorização do cidadão; trazer parcerias, intercâmbios e investimentos internacionais, trabalhando em parceria com as secretarias municipais; assessorar na promoção de investimentos e parcerias internacionais e nas tratativas com governos estrangeiros e organizações internacionais vinculadas às redes de cidades; prestar assistência às missões internacionais coordenadas pela PMV e às delegações e autoridades estrangeiras em visita oficial a Vitória; analisar e traduzir correspondências internacionais encaminhadas ao Gabinete; compatibilizar, propor recomendações e acompanhar o processo de irmanamentos (relação de cidades-irmãs); e manter intercâmbio com organismos internacionais, embaixadas e consulados.

Ao longo desses oito anos, a Prefeitura recebeu visitantes e autoridades diplomáticas de mais de 25 países, dentre eles, Japão, Espanha, Cuba, Reino Unido, Angola, Taiwan, Venezuela, Bélgica, China, França, Itália, Argentina, Omã, República Tcheca, Líbano, Áustria, Grécia, Alemanha, Portugal, Polônia, Estados Unidos, Moçambique etc. Em julho de 2005, a ARI atendeu o então Secretário do Tesouro Norte-Americano, John Snow. Todas essas visitas foram coordenadas pela ARI.

A ARI coordenou eventos de grande relevância, como, por exemplo, o Ano da França no Brasil, em 2009, e participou ativamente do Encontro Econômico Brasil-Alemanha (EEBA) 2009. Para sua realização, a ARI incumbiu-se de traduções de correspondência oficial, documentos e material publicitário, interpretação simultânea, receptivo e assessoria às delegações. Também organizou viagens do prefeito em missões à China (2008) e à Bélgica (2009). Esta última teve grande repercussão por ter sido a missão presidencial à Bélgica em que o então presidente Lula apresentou o Projeto do Super-Porto de Vitória a empresários europeus.

Enquanto fomentadores de ações internacionais, a ARI busca participar de

discussões e formulações de boas práticas de forma a compartilhar as experiências bem-sucedidas da capital capixaba. Exemplo disso é a participação em rede de cidades como Mercocidades (no âmbito do Mercosul, que discute todas as temáticas econômicas, sociais e ambientais), ICLEI (foco específico em meio ambiente e desenvolvimento sustentável), Cities for Mobility (foco em mobilidade urbano), URBAL (Programa da União Europeia para a América Latina) e AICE (adesão mais recente do município, com foco no diálogo sobre Educação e Cidades Educadoras).

A ARI também participou do Fórum Nacional de Secretários Municipais de Relações Internacionais (FONARI), onde buscou a quebra de paradigmas de que a área internacional se destina a turismo e/ou à captação de recursos. Oportunamente, incentiva outros municípios a criarem sua estrutura internacional de forma a potencializar os ganhos ao cidadão.

Muito comum no final da década de 1990 e início de 2000 era o desenvolvimento de relação de cidades-irmãs com municípios estrangeiros. Nesses termos, Vitória se tornou irmã de Dade County e Mobile (EUA); Qingdao e Zhuhai (China); Iquique (Chile); Cascais (Portugal) e Comunidade Urbana de Dunkerque – CUD (França). A relação com a CUD foi iniciada em 2005, com um acordo de cooperação com foco na área de reabilitação urbana em que, em parceria com Caixa Econômica Federal e com Embaixada da França, foram feitas intervenções no Centro de Vitória com o produto final Portal Sul. Essa parceria com Dunkerque foi reconhecida pela Presidência da República como uma das mais promissoras cooperações multinível, sendo apresentada como modelo nos encontros de Cooperação Franco-Brasileira.

Já no ano de 2006, ocorreu uma missão em Vitória de conhecimento de território, composta por autoridades de Dunkerque, além de representantes da Embaixada da França no Brasil e da Caixa Econômica Federal, que resultou na assinatura do Acordo de Cooperação entre a Cidade de Vitória, Comunidade Urbana de Dunkerque, Caixa Econômica Federal e Embaixada da França, para o Desenvolvimento de Ações Conjuntas, relativas à Reabilitação Urbana do Centro da Cidade de Vitória.

Em paralelo, tanto em Dunkerque como em Vitória, ocorreram workshops e seminários. A cooperação Vitória-CUD alcançou tamanho êxito, que abarcou outras áreas de desenvolvimento, como Cultura; Democracia Participativa; Ciência, Tecnologia e Inovação; e Desenvolvimento Econômico. Dentre os projetos desenvolvidos, ficará como importante legado comum aos dois municípios o projeto econômico-portuário Exporta + Marítimo, que deverá resultar em desenvolvimento e entrada de divisas e do capital estrangeiro. O Exporta + Marítimo, devido à sua grande relevância para a cidade e para o Estado do Espírito Santo, tornou-se um projeto que se inseriu na agenda do governo federal.

O governo federal, por meio da ABC/MRE (Agência Brasileira de Cooperação) e da SAF (Subchefia de Assuntos Federativos)/SRI/PR, lançou o Programa de Cooperação Internacional Técnica Descentralizada Sul-Sul entre Brasil e África em 2011. Com a experiência em acordos internacionais, a Prefeitura de Vitória, por meio da ARI, buscou parceiros africanos para participar do Cooperação Bilateral e, a partir da recomendação da Assessoria Internacional da Cidade de Maputo, capital de Moçambique, foi contatada a cidade de Xai-Xai, que buscava parcerias para implementar as ações priorizadas no Plano Estratégico 2009/2019.

Após uma missão técnica a Xai-Xai, a PMV, em parceria com o Incaper, a SECT-TI e a Ufes, elaborou com o município de Xai-Xai o projeto intitulado “Contribuindo para a Construção de um Sonho” – com o objetivo principal de aproveitar o potencial estratégico da Federação Brasileira no fortalecimento dos governos subnacionais, apoiando a articulação de suas ações internacionais com a Política Externa do Estado brasileiro e, ao mesmo tempo, tornando-a mais acessível ao conjunto da Federação. A proposta é contribuir para o fortalecimento da governança local, incrementando os processos democráticos com uma gestão integrada e participativa.

Desenvolver-se-á em três etapas: Planejamento e Gestão de Políticas Públicas; Capacitação e Monitoramento/Avaliação. Ao final do projeto, esperam-se gestores e técnicos do município com domínio teórico e prático de métodos de trabalho que os auxiliarão na execução das ações previstas no Plano Estratégico de Desenvolvimento da Cidade de Xai-Xai para as áreas de Planejamento e Ordenamento Territorial e Agricultura. Submetido à seleção, o projeto, coordenado atualmente pelo Programa Terra mais Igual, foi aprovado no dia 12 de julho de 2012. O acordo entre o governo federal e as duas cidades deverá ser assinado em dezembro de 2012, quando, a partir de então, o projeto será desenvolvido.

Apoios

A Prefeitura de Vitória, por meio ARI, apoiou o Seminário Internacional Refugiados e Direito Internacional realizado pelo Núcleo de Apoio aos Refugiados no Espírito Santo (NUARES), nos dias 8 e 9 de junho de 2005, com palestra da Secretária de Cidadania e Direitos Humanos de Vitória, Nildete Virgínia Turra, com participação do representante do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), Luiz Varese.

Apoiou ainda o I Fórum de Relações Comerciais Internacionais, realizado pelo Instituto de Excelência em Relações Comerciais e Internacionais (INCERI), nos dias 21 e 22 de setembro de 2005.

URB-AL
Histórico de cooperação com a cidade de Vitória

Vitória tem sido um membro ativo da Rede 13 do URB-AL III desde 2005, ano de execução do Projeto Abordagem TI aos Cidadãos com Aprendizagem Permanente. Em 2006, Vitória se engajou mais uma vez em um Projeto da URB AL: The Library Net (Biblioteca Virtual). A cidade se tornou novamente uma parceira ativa ao implementar outro projeto da Rede 13 – Cidade e sociedade da informação –, o Projeto B X-Cross, de 2006 a 2008, com resultados notáveis, que incluem mudanças sociais na qualidade de vida de seus alunos municipais.

Sob a coordenação de Bremen, na Alemanha, o X-Cross tinha como objetivos: promover e fortificar o desenvolvimento das relações entre o governo local e de seus cidadãos por meio da otimização do uso de ferramentas tecnológicas da sociedade da informação; reforço dos equipamentos técnicos de informação; e melhoria de capacidade de gestão e aplicação de políticas urbanas participantes e incluídas.

Trata-se de um projeto de aprendizagem multimídia, cujo principal objetivo é otimizar a utilização das tecnologias de informação e de comunicação, tornando-as componentes essenciais para a instrução e aprendizagem diferentes continentes. Engloba 15 escolas do ensino médio da América Latina e da Europa, que virão a fazer parte de uma rede transcontinental. O X-Cross se encontra nas seguintes localidades: Bremen, na Alemanha (sede da coordenação-geral); Segrate, na Itália; Miraflores, no Peru, e Piraí e Vitória, no Brasil.